VANGA - VIDA DEDICADA ÀS PESSOAS

Boika Tsvetkova

Tradução: Amadeu António

VANGA - VIDA DEDICADA ÀS PESSOAS

Boika Tsvetkova

Dedico este livro ao meu neto Boiko

CONFISSÃO

Foi assim que vivi 84 anos neste mundo. Foi assim que a minha vida começou desde o início – dava aos outros, para mim nada deixava.

A minha solidão durante estes anos foi grande... Vinham, iam-se embora, recebiam de mim aquilo de que precisavam, e eu ficava sozinha comigo mesma e com tudo o que vivi ao longo da minha vida. Uma vida com muitas privações, sofrimentos e lutas. Uma vida cheia de solidão espiritual...

Após tantos anos de encontros e conversas com as pessoas, pergunto-me – quem foram os meus verdadeiros amigos e quem não. Não posso dizer que ao meu lado estavam apenas pessoas em busca de proveito; ao meu lado havia também amigos em quem podia contar a qualquer momento – simplesmente de forma humana... Eles sempre me compreenderam, perguntavam-me do que precisava, como me sentia. Neles sempre me apoiei. A ligação espiritual é mais forte do que a de sangue... Ela permanece mesmo após a morte.

Sou profundamente crente..., provei-o mais do que uma vez com o meu comportamento. Sei que DEUS é um só e Ele dá a cada um o que merece... Com boa vontade ajudei e ajudarei as pessoas, porque este meu dom foi dado para partilhar a sua dor, sofrimento e alegria...

Tinha prometido a mim mesma que construiria uma igreja «SANTA PETKA BÚLGARA», e agora, quando vejo a minha promessa cumprida,... cumprida com a ajuda de muitas pessoas, vejo o meu sonho realizado, resta-me rezar pelo meu povo, pelo seu bom futuro... porque não há nada pior do que, em vez de nascerem crianças na terra búlgara... e no mundo inteiro – derramar-se sangue humano...

Não temais, virão bons dias para a Bulgária... para os povos que ajudam o nosso país. Então, aquilo que te digo será novamente considerado uma profecia, porque a nossa pequena Bulgária... será respeitada e honrada por grandes potências.

Estas palavras registei a 6 de agosto de 1996, tal como as ditava a Profetisa – devagar, pensativamente, em alguns momentos quase ininteligíveis.

INTRODUÇÃO

Durante anos, com a permissão de Vanga, reuni facto após facto, testemunhos sobre esta pessoa e fenómeno. Muitos dos eventos descritos, que ireis ler no livro, estão documentados com a ajuda de gravador, máquina fotográfica ou câmara. A Profetisa não só não se zangava comigo por registar tão persistentemente acontecimento após acontecimento, como até me encorajava, contava-me algumas das suas experiências incríveis, ajudava-me a preservar toda esta riqueza.

Como psicóloga, considero que o valor dos registos é único – graças a eles, os nossos descendentes poderão não só ler sobre a Profetisa, mas também ouvir a voz deste fenómeno do século XX, bem como ver o seu rosto e fragmentos da sua vida, e – se Deus quiser que o milagre aconteça – talvez consigam compreender de onde veio tudo isto em VANGA.

Na primeira parte do livro, intitulada «Toque no ser humano», com a ajuda de um rico material fotográfico, tento mostrar a verdadeira Vanga, a sua bondade, hábitos, carácter, os seus dias comuns, os seus encontros com diferentes pessoas, o seu amor pela beleza e pela perfeição, tendo como pano de fundo o interior quotidiano das suas duas casas – em Petrich e Rupite, onde, a partir das três montanhas, se derramam torrentes de energia incrível; é também dedicado espaço ao seu sonho realizado – a igreja construída por ela «Sv. Petka Búlgara».

Na segunda parte, apresento os factos e os eventos não tanto da posição de alguém que foi próximo de Vanga e sente por ela os mais calorosos sentimentos de apego humano, mas da posição de psicóloga que, graças a Vanga, conseguiu ver e sentir muitas coisas, e nos dias antes de ela nos deixar, tocar até no além. Agora, após tanto tempo decorrido, tento fazer um balanço da nossa convivência com o sentimento de que até isto com que me comprometo é, de alguma forma, mais uma confirmação do seu dom fenomenal.

O livro não é simplesmente uma descrição do que aconteceu durante os encontros de Vanga com as mais diversas pessoas, nem uma tentativa de calcular em percentagem a veracidade das suas previsões para o futuro. Um dos meus objetivos é apresentar também as suas visões sobre muitos eventos que nós, inutilmente, nos esforçamos por provar durante anos, enquanto a Profetisa o conseguia num instante – transportava-se para as dimensões do passado, do presente e do futuro, porque para ela não existiam as barreiras do tempo e do espaço.

Nós, com ela, mais do que uma vez discutimos fenómenos paranormais, política, algumas pessoas – as suas ações e forma de pensar. E como pessoa que teve a rara felicidade de conviver com esta personalidade incrível, posso dizer com total convicção: sim, ela sem dúvida é um fenómeno do século XX, é uma mulher excecional, possuidora de um dom profético inquestionável e capacidades únicas.

Deste livro, ireis aprender sobre algumas das suas interpretações da Bíblia, quando queria responder a muitas das questões não esclarecidas para nós sobre a existência humana; ireis também ler sobre alguns dos seus encontros que, na minha opinião, são históricos.

Estou convicta de que, se vós, caros leitores, vos esforçardes por penetrar no que está escrito, conseguireis mudar algumas características do vosso carácter, libertar-vos de estados, pensamentos e sentimentos tão desarmónicos como o stress, a depressão, a inveja, o autoengano ou, por outras palavras, transformar alguns menos em mais. Desta forma, a vossa mente tornar-se-á mais ágil, começareis a superar as dificuldades com mais sucesso.

Para todos nós, a perda de Vanga é uma tragédia, e aqueles que lhe eram próximos ou simplesmente a conheciam perderam também um amigo fiel, sempre pronto a acorrer em tua ajuda em momentos difíceis, a aconselhar-te, a sugerir-te a decisão certa.

A autora

PRIMEIRA PARTE TOQUE

NO SER HUMANO A ESTRANHA VENTANIA

O dia estava quente e sereno. De repente, junto à Fonte do Khan, surgiu um estranho redemoinho, que ergueu a pequena Vangelia de doze anos e a atirou para algures. Não passou muito tempo e encontraram a menina a cerca de dois quilómetros do lugar. O vendaval carregara também areia, que danificou gravemente os olhos da criança. Para o tratamento era preciso muito dinheiro — a família não o tinha. Assim, por vontade desconhecida de quem, estava escrito que Vanga ficaria cega para toda a vida. O ano era 1923.

No início da nossa amizade, nem me passou pela cabeça que um dia pudesse fotografar esse lugar sinistro, mas uma vez, em julho de 1993, estava a visitá-la um amigo dela do estrangeiro e ela, do nada, propôs que nós os dois fôssemos à cidade natal dela. Assim partimos

para Strumica, parando pelo caminho no lugar onde setenta anos antes surgira o redemoinho. A pedido do hóspede, tirei várias fotografias.

Em Rupite, Vanga esperava-nos com impaciência. Perguntou-me logo se o nosso amigo gostara do lugar natal dela (da casa dela não resta vestígio). Comecei a contar-lhe pormenorizadamente tudo o que vira e vivera, pois sabia que ela viajara mentalmente connosco. Tirei a primeira fotografia, entreguei-lha, ela segurou-a um momento na mão e quase gritou: «Nunca mais me dês esta fotografia!»

Então compreendi quanto sofrera a frágil menina, senti a terrível dor após a cegueira, após a perda dos belos olhos azuis. O sofrimento de estar condenada a ajudar tantas pessoas, a ver detalhes incríveis da vida alheia, mas a não ver, como todos os outros, as coisas mais comuns à sua volta.

O MUNDO DE VANGA

Vanga: Tu não sabes o que é solidão. Desde pequena que estou sempre sozinha... Perdi os olhos, mas Deus deu-me para ver e ajudar as pessoas.

B. Ts.: Vês? És uma pessoa forte, pronta a dar tudo de ti...

Vanga: Eh, o que sabes tu... Tu nada sabes...

B. Ts.: Sei, sei... Sei muitas coisas. De ti. Quantas coisas tu própria me contaste? Como nasceste prematura, e a avó te banhou com água da fonte, embrulhou-te num casaco de pele e te deixou junto ao fogão. Se sobreviveres — bom, se não sobreviveres — assim te estava escrito.

Vanga: Sim, vocês, os cientistas, querem saber tudo, mas não pode ser.

B. Ts.: Quando és benevolente com alguém, então contas-lhe mais coisas. Bem, de que não falámos, achas que só a ti te dói a alma e te sentes vazia?

Vanga: Não sejas astuta. Sei por que mo contas, porque queres que eu também comece a contar-te... Para eu desabafar, e a tua maquinazinha grava sem parar, hein?

B. Ts.: Grava, porque tu lho permites. E as fotografias saem também porque tu permites. Às vezes enervo-te com as minhas perguntas. Mas sabes que quando falamos das tuas desgraças, eu simplesmente tento, à maneira humana, distrair-te dos maus pensamentos sobre o passado.

Vanga: Confessa lá, o que tramaste para me arrancar? Sei, sei, não perguntes. E sem me perguntares, sei o que queres e digo-to, e continuarei a dizer-to.

E agora diz-me tu, Boyka, que ciência é essa tua?

Perguntei à Neshka (refere-se a Neshka Robeva — nota do red.), e ela disse-me — psicologia. Ciência da alma humana.

Se é assim, por que me perguntas a mim, hein, Boyka?

B. Ts.: Desculpa, mas precisamente eu nada quero arrancar-te.

Vanga: Sim, mas sabes o que te anda agora na cabeça? Como assim eu, Vanga, te perguntar algo? Pelo menos conheces-me — Vanga é Vanga. Mas afinal perguntas-me sobre muitas coisas... Não-não porque sejas curiosa, perguntas-me pelos outros... Para as pessoas saberem e se lembrarem de Vanga.

B. Ts.: Desculpa se te causo dor, se errei em algo. Sobre o passado contaste-me coisas muito diferentes, mas afinal foste tu própria que me ensinaste: se queres compreender ou aprender algo, bebe diretamente da fonte.

Ambas nos calámos. Os pensamentos da Profetisa pairavam algures longe. Ouvia-se apenas o crepitar da lenha na lareira e sentia-se o ruído de uma presença na divisão ao lado. Passados uns vinte minutos, Vanga «regressou».

Vanga: Ouve o que te vou dizer sobre as nossas conversas, Boyka. É bom que não esqueças uma palavra minha, que te lembres de tudo. Lembras-te de que nasci prematura, mas de onde saberias quanto a avó e a tia me amavam... Bem, bem, isso também sabes, afinal contei-te como a avó escolheu o nome, para que me assentasse...

B. Ts.: Quem sabe ouvir aprende muitas coisas. Tu falas-me, e eu lembro-me, porque o que dizes não se esquece. Acontece pores-me no meu lugar, mas afinal não é nem a primeira nem a última vez. Vou interrogar-te, madrinha, afinal a minha ciência é essa. Sabes o que penso... Diz-me agora, por que gostas tanto do nome Dimitar?

Vanga: Ah, vais esperar até à noite. Vou contar-te, mas quando ficarmos sozinhas. Vai agora passear um pouco por Petrich, que há tanta gente lá fora. A tua ciência, sei, é conversar com as pessoas, acalmá-las. Vai, que agora é a minha vez de me dedicar à minha ciência... Que multidão se reuniu...

O tempo passa devagar, passeio por Rupite, olho pensativa para o vulcão Kojuh e tento imaginar o momento em que a lava se abateu sobre a bela cidade de mármore branco, destruiu, arrasou com a terra os monumentos da arte, as igrejas. Estremeço ao pensar no horror das pessoas enlouquecidas e de repente compreendo por que a Profetisa repete tantas vezes: «Olha onde pisas — para não pisares os monumentos das pessoas.»

Sobre Rupite desce lentamente a noite. Eu e Vanga sentamo-nos debaixo do álamo, as pessoas vêm e vão, cada uma com os seus problemas e dores, cada uma reza, pede atenção, mas ninguém dirá: «Madrinha, tia Vanga, tens preocupações? Precisas de algo, podemos ajudar-te?» Sim, raramente se ouvem palavras assim. Sento-me ao lado dela e pergunto-me por que esta mulher tem de ajudar todos nós até à exaustão. Durante o jantar calamo-nos, Vanga ralhou com a mulher porque não preparara a comida exatamente ao seu gosto. E continuamos a calar-nos. Já decidira que não valia a pena voltar à conversa da manhã, que era melhor falar de outra coisa. E estava a ficar tarde, esperava-me a viagem.

Vanga: Eh, chegou a hora de eu perguntar, e tu responderes.

E começou a interrogar-me sobre que países visitara, como vivem lá as pessoas, o que achamos que vai acontecer com a Terra — nessa altura repetia-se obstinadamente que se aproximava o fim do mundo. Depois sorriu e cortou:

Vanga: Não tenham medo, ainda há tempo até lá, as pessoas viverão, acalma-as, diz-lhes: Vanga disse assim. Lembras-te de que falámos esta manhã? Eh, agora vou contar-te algo, mas não tudo. Se te contar tudo, deixarás de vir ter comigo.

E começou a rir-se de coração com o seu riso contagioso, depois de repente começou a contar. Perante mim surgiu a imagem daquela menina delicada e magra, que começara a frequentar a escola para cegos. Então encontrou o belo jovem chamado Dimitar e os dois tornaram-se amigos. Mais do que isso — na presença dele invadia-a uma estranha tranquilidade. E assim, perante Vanga abria-se a possibilidade de começar uma nova vida, uma vida que só podemos imaginar... Pois o destino já preparara o próximo golpe. Na forma como Vanga pronunciava as palavras, sentia-se a tristeza, como que emergida do passado longínquo, onde se aninhara profundamente escondida.

Já com dezoito anos, Vanga regressou a casa, para assumir os cuidados dos mais novos — o irmão e a irmã — filhos do pai do segundo casamento com a madrasta Tana. E em vez de vestido de noiva, o ano de 1928 trouxe-lhe uma nova dor terrível e um novo sofrimento.

A miséria e as doenças seguiam-na a cada passo. O pai Pande fazia tudo o que estava ao seu alcance, mas não conseguiam sair do beco sem saída. A subnutrição prolongada disse a sua palavra. Vanga adoeceu gravemente.

Parece que assim lhe estava destinado pelo destino, que ninguém poderia mudar. O dom clarividente já desperto nela sussurrava-lhe que não estava longe o tempo em que a família perderia a proteção paterna. Em 1940, Pande morreu muito jovem.

Para Vanga chegaram dias negros. Sozinha tinha de cuidar de tudo. Os vizinhos lastimavam os órfãos, mas também eles eram pobres, também viviam na penúria. Mas a irmã mais velha não se rendia — ajudavam-na o espírito elevado, o caráter firme, assim como aquela «outra» força. Mais ainda, Vangelia já pressentia que se aproximava o tempo em que ajudaria as pessoas, e não elas a ela.

Pela primeira vez essa força dela manifestou-se com toda a potência no início da Segunda Guerra Mundial, quando Vanga recusou firmemente abandonar a cidade de Strumica e declarou que não tinha medo dos alemães.

A força dela, a força de uma cega, destinava-lhe um lugar diferente, especial entre os humanos.

Os olhos, que para os outros são cegos, veem muitas coisas à sua maneira — veem no passado, no presente e no futuro. Do rosto, sobre o qual até ontem se lia apenas dor e sofrimento, emana um calor espantoso.

Quando sorri, o sorriso dela alegra todos, como se fosse a sua maneira de olhar o mundo, de captar aquilo que não é dado aos outros.

Grande é o peso dela, e à volta reina tranquilidade e aconchego.

Os anos enfileiram-se um após o outro, Vanga cuida diligentemente das crianças e da casa, privando-se de muitas coisas, para lhes assegurar uma vida melhor. A miséria continua a pesar sobre o seu teto, mas ela, com o seu incrível sentido de beleza, faz tudo para arranjar a casa pobre deles, torná-la mais acolhedora e atraente.

E eis que em 1942 o destino volta a encontrá-la com Dimitar — o segundo homem na vida dela que tem esse nome.

Dimitar Gushterov viera a Strumica para saber alguns pormenores sobre o irmão dele. A partir do momento desse encontro, o destino de Vanga estava predeterminado: um dia casa-se com ele e muda-se para a casa dele na cidade de Petrich. A casa é pequena, inóspita.

A irmã Lyubka está preocupada, porque sabe em que família entra Vanga. Os jovens vivem juntos com os velhos, e a sogra é daquelas mulheres severas que podem passar o dia sem dizer uma palavra. Mas a nora cega, incansavelmente, dia após dia, mexe-se para tornar a casa mais apresentável, mais quente, mas não se pode dizer que a vida entre as suas quatro paredes seja fácil. Dimitar pensara que após o casamento a esposa se dedicaria inteiramente à família. Por isso estava descontente por ela dedicar demasiado tempo aos sofrimentos alheios. De dia Vanga ajuda as pessoas, e de manhã e à noite cuida da família, da sogra doente.

Entretanto, a Segunda Guerra Mundial já estava no auge e Dimitar teve de ir para a frente. Na despedida, Vanga deu-lhe apenas um conselho: «Cuida-te da água! E diz aos outros que se cuidem.»

Nada mais lhe disse, para não o assustar, mas vira que isso seria a causa de os que se salvassem das balas, ao regressarem, adoecerem. Na despedida, Dimitar deu-lhe a promessa de regressar e construir para os dois uma casa bonita e grande.

E realmente após o regresso em 1947 cumpriu a palavra dada e construiu uma casa nova, só que já era outro, não era o mesmo homem.

Uma vez Vanga disse-me:

— Sabes que homem era Dimitar?... Tudo podia. Eh, só pensava em algo... Nada lhe resistia — fazia-o, e de tal forma que te alegrava. Era bom. Sabia quanto amo as crianças, por isso adotámos uma menina — Veneta. E depois veio para casa ainda outro Dimitar — o terceiro Dimitar. Adoeceu esse homem... O que não fiz, os médicos vinham, abanavam a cabeça e diziam-me: «Não há nada a fazer, Vanga.» Não queria acreditar-lhes, não pensava que ficaria sem companheiro... Eh, como é terrível a pessoa estar sozinha... Chegou 1962 — foi quando partiu.

Vanga ficou de novo sozinha e talvez de novo por vontade do destino.

De onde tira ela tanta força, tanta vontade de viver? Ninguém a ouviu queixar-se de quanto a vida lhe pesa, ninguém a ouviu lamentar-se, só de vez em quando diz:

— Eh, como é terrível a pessoa estar sozinha...

Afinal, também os fenómenos são pessoas...

Mas porque também a pessoa Vanga é como todas as outras pessoas, além dos sofrimentos, tem também os seus momentos bons na vida, e muitos.

Criou Veneta e Dimitar como filhos próprios, e eles em troca alegraram-na: a filha casou e deu a Vanga netos maravilhosos, e o pequeno Dimitar, a sua fraqueza, recebeu boa educação e tornou-se procurador da cidade de Petrich. E ele também criou família, e ele e a esposa Zdravka, médica, também a felicitaram com dois rapazes — Petar e Kiril.

Para começar, obtenham uma impressão da casa de Vanga na cidade de Petrich, fotografada em 1994.

A porta de entrada abre-se silenciosamente, como se também ela temesse perturbar a tranquilidade desta casa.

O jardim é como uma pintura magistralmente pintada. Por ele pode-se perceber como é a dona. E ela era uma mulher esteta e de uma limpeza excecional, cujo aspeto sempre foi que tudo exalasse limpeza e frescura, e o anseio — que assim fossem também as almas humanas.

Todo o quintal está cheio de flores desabrochadas, arranjadas em diferentes figuras. Vanga amava muito as violetas na primavera, elas salpicavam tudo à volta. Depois, com a mudança das estações, mudavam as cores e os aromas da sua decoração viva. As fotografias no apêndice foram tiradas principalmente na primavera, por isso nelas verão o tapete de violetas, a videira que no outono pesa de cachos, o verde vivo do buxo no fundo dos limoeiros com os seus frutos grandes, como que sorridentes.

Num canto do jardim esconde-se timidamente a rosa majestosa e derrama o seu aroma encantador, e ao longo da cerca, de ponta a ponta, está plantado densamente o gerânio.

Chega o outono, tudo à volta cobre-se de chama vermelha — o sinal desta estação do ano.

O quintal é tão limpo e arranjado que a pessoa logo percebe o que pode ver quando entra na própria casa. Atrás das janelas lavadas até brilhar, acenam com as cabeças as flores de interior e como que convidam: «Vejam-nos também a nós, como somos belas.»

A Profetisa tinha uma relação especial com o mundo das plantas. Conversava com as ervinhas, com as flores silvestres mais comuns, entendia-se maravilhosamente com os favoritos do seu jardim. Muitas vezes acontecia espantar alguém que lhe trouxera uma flor em vaso, com a forma de comunicação com a prenda — ela não gostava de flores cortadas e mais de uma vez, por vários motivos, falava da dor que a pessoa causa a estes belos seres quando os mata, quando os arranca das raízes. Para ela as plantas eram seres vivos.

Podia imediatamente descrever a cor da flor, a forma das folhas, desenhava com palavras um retrato perfeito da flor que lhe traziam. Uma vez ofereceram-lhe um vaso com uma espécie rara, exótica. Vanga tocou delicadamente nas pétalas, depois acariciou a flor branca desabrochada e disse: «Eh, é muito bonito... com flores brancas... é dos novos, dos modernos... Na Bulgária ainda são poucos. Como se chama? É bonito...» E todos nós sentimos quanto melhor do que nós, os videntes, via a Profetisa.

A casa tem duas entradas — uma especialmente para hóspedes.

Entramos nesta casa de conto de fadas pela ampla sala de visitas, onde está a poltrona de Vanga. Aqui está também o limoeiro com os seus frutos incrivelmente grandes e suculentos.

Em todo o lado reina beleza e aconchego, tens a sensação de que cada objeto te falará, dirá calorosamente palavras de saudação, te informará que és bem-vindo na casa da sua dona hospitaleira, que ama sinceramente as pessoas e com prazer comunica com elas. Ainda mais que não tem nada contra aprender também algo novo. Atenta e sensível às dores de cada um que atravessa o limiar da casa dela, está pronta a aconselhá-lo como proceder, o que fazer, para lhe aliviar, para a vida melhorar — a dele e dos seus próximos.

Às vezes era surpreendentemente fácil comunicar com Vanga, e às vezes ela do nada dava a entender que a conversa terminara e precisava de ficar sozinha.

Muitas vezes me aconteceu surpreendê-la com uma pergunta não padrão, mas ela sempre conseguia sair da situação com uma facilidade espantosa.

Mas voltemos à casa e continuemos o conhecimento. Espreitemos a cozinha.

Vanga era uma dona de casa excecional. Certamente perguntarão logo: como é possível isso? E eu no início espantava-me como vocês.

Uma vez perguntei-lhe:

— Como consegues cozinhar tão bem?

E ela respondeu-me:

— Alguém me bate na tampa e eu sei quando o que pôr, quando mexer...

Que aromas apetitosos se espalhavam do fogão branco imaculado, quantos hóspedes provaram das maravilhosas iguarias de Vanga... Ela gostava de partilhar os seus segredos culinários, queria que os outros aprendessem a preparar um ou outro prato. Mas será que muitos de nós conseguiram, quantos aprenderam?

Será que conseguimos, por exemplo, cozinhar pimentos recheados, sarma* de fígado, creme caramel *(Doce tipo puding)* ou sopa de galinha, usando quase nenhuma gordura, como ela fazia, ou assar pedaços de carne de cordeiro até ficarem avermelhados, como ela conseguia, ou cozer feijão num tacho como ela...

**(Prato tradicional da Bulgária feito à base de arroz com fígado triturado miudinho.)*

Certamente muitos pensarão que tudo isso é fácil. Eu, no entanto, mais de uma vez fui testemunha dos desapontamentos daqueles que levavam alguma iguaria a Vanga, para lhe dar prazer, para a alegrar com algo especial, e ela calava-se um pouco e de repente dizia o que faltava ao prato ou o que não devia ter sido posto — e tinha sempre razão.

O outro seu passatempo favorito era o tricô. Não raras vezes me explicou quais agulhas de croché eram mais adequadas para um ou outro fio. Nunca esquecerei a maneira como ela tocava os novelos fofos e multicoloridos, que alguém lhe oferecia. Mais frequentemente, tais prendas lhe eram dadas pela sua grande amiga Nezka Robeva. Não é de estranhar que ambas por vezes tricotassem as suas peças ao mesmo

tempo — uma em sua casa, e a outra a caminho da próxima competição das suas "raparigas de ouro", o orgulho da Bulgária.

Uma vez também me zanguei — como é que eu não conseguia apreender aquela mestria. Bem, tricotei um pulôver, mas o segundo não apareceu. Percebi que o fazia com esforço. E compreendi que os tricôs de Vanga eram tão belos porque ela os fazia com grande prazer.

Mas, quer queiram quer não... Agora vamos virar à esquerda e entrar na sala dos ícones, onde Vanga se mergulhava em oração perante a milagrosa Santa Virgem — a sua força e influência são verdadeiramente extraordinárias. E logo o olhar é atraído por uma talha em madeira que ocupa toda a parede, de cortar a respiração. Nela estão incrustados "A Última Ceia", à esquerda o ícone de Jesus Cristo, e à direita a da Virgem, verdadeiras obras de arte, os santos parecem prestes a falar-te.

A cama sob a talha está sempre coberta com um lençol branco — essa é a cor favorita de Vanga. À direita encontra-se o armário — também ornado com rica talha em madeira, e sobre ele — novamente ícones. É possível que justamente aqui se ocultasse aquela força celestial invisível para nós da Profetisa, à qual não nos é dado tocar. A chama no candeeiro balançava levemente quando Vanga convidava alguém a entrar nesta sala. Certamente vos interessará saber que ela própria arrumava tudo em casa, ela dizia onde cada coisa devia estar, e não deixava que as pessoas que a ajudavam na economia doméstica decidissem isso.

Se vos posicionardes perante o ícone da Santa Virgem, recuai ligeiramente e guardai silêncio, porque perante vós está o Ícone Sagrado de Vanga, trazida de longe. E não é de estranhar que também vós sintais a força da sua influência.

Lancemos mais um olhar à grande sala de visitas, à cozinha, à sala dos ícones e prossigamos em frente. Eis a famosa estufa de Inverno — o orgulho de Vanga. Se pararmos um pouco aqui, certamente conseguiremos de uma maneira especial voltar a tocar na essência humana da dona desta casa asseada. O panorama fala por si — quanta beleza está reunida neste cantinho de poucos metros quadrados... Vanga encontrava tempo para acariciar cada florzinha, para lhe sussurrar algo, e por vezes até para lhe desabafar. Se acontecesse que as flores ficassem por regar, ela censurava-as dizendo que também elas, tal como as pessoas, precisam de carícias e calor, de sol e água.

Outrora Vanga tratava sozinha dos trabalhos domésticos. Mas quando os visitantes começaram a esperar horas e dias à porta, teve de renunciar ao bulício. Uma das mulheres que de manhã ia à casa para conversar e ajudar, recorda com ternura:

— Levantava-se ao romper da alva, percorria toda a casa, comunicava-se com cada coisa, conversava com as flores... Parece que assim se preparava para os encontros com a dor alheia.

Atravessamos a estufa de Inverno — e eis-nos já na alcova forrada a madeira, que acolhe muitos objetos belos, acumulados ao longo dos anos. É emocionante observá-los e admirar como a dona de casa encontrava o lugar exato para cada peça. Vanga gostava muito de se sentar na alcova. Por vezes passava lá as manhãs com as mulheres que a visitavam para bater conversa — para partilhar algo, para ouvir novidades sobre a Bulgária, talvez sobre si próprias e os seus entes queridos. Foi particularmente interessante para mim ouvir os seus relatos sobre como, após adormecer à noite, lhe apareciam episódios do passado, do presente e do futuro, cuja ação decorria em diferentes partes do mundo.

— Ai, mulheres, mulheres... Se soubésseis quão pesada é essa dor, quanta dor há nesta terra... Quantos sofrimentos e guerras, quanto sangue humano...

O que ela via nas horas noturnas, quando os outros dormem sossegadamente, os acontecimentos de que nós e os nossos descendentes ainda seremos testemunhas, a resposta à pergunta de como devem viver as pessoas para gozarem a felicidade — sobre tudo isso se poderia escrever um livro inteiro.

Vanga circulava com facilidade pelos espaços do que nós chamamos ontem e amanhã, não havia para ela barreiras — tal como nas suas viagens e nos limites do dia atual. Tinha o seu lugar fixo, reservado só para ela, e os convidados sentavam-se nos bancos ao longo das paredes. O seu inseparável companheiro era o telefone, que a ligava ao mundo inteiro. Telefonavam de todo o lado. Se a conversa lhe agradava, durava mais tempo, mas geralmente os diálogos eram bem curtos, concisos. A Profetisa possuía a arte de dizer o que queria em poucas palavras.

Diante de mim estão espalhadas muitas fotografias, dispostas de modo a falarem por si sobre Vanga. Por vezes tenho a sensação de que tudo me é claro, outras vezes parece que me escapa algo essencial na

arrumação das coisas e objetos em sua casa. Procuro não omitir o mais pequeno pormenor, quero partilhar tudo o que vi e vivi.

É tempo de subir ao segundo andar. Apressei-me a notar que Vanga "via" antecipadamente onde devia ser colocada ou arrumada cada coisa em casa, mesmo os trifles *(bolos esponja que leva gelatina)* mais insignificantes, pelo que o que vedes é o espelho da dona da casa, porque mesmo que não tenha sido colocado pela sua mão no lugar devido, está lá por sua ordem.

A sala situada entre o quarto e a sala de visitas resplandece de beleza. Lembro-me de como, durante uma das minhas visitas, Vanga começou logo alegremente a explicar-me quão moderna a tinha mobilara, quão bonito estava no interior. O seu rosto brilhava de felicidade. Alegrou-a a nova aquisição, orgulhava-se não pelo preço dos móveis, mas pela sua execução.

E aqui, tal como por toda a casa, há muitas flores — as inseparáveis companheiras de Vanga. Aqui reinam harmonia e estética. Mas o mais interessante, que imediatamente atrai o olhar com o magnetismo da sua emanação, é o busto escultórico da Profetisa. A escultura está no canto como um observador silencioso. É tão bem-sucedida que involuntariamente sentes — perante ti está ela própria, como de carne e osso.

Não raras vezes me perguntei como ela conseguia fazer tudo e estar em toda a parte — em Petrich e em Rupite — comunicar com as pessoas, com as flores... Aqui, neste recanto da casa, é melhor calar-se, tentar assimilar o visto. Involuntariamente baixas a voz, porque te encontras na sala que é o santo dos santos de Vanga — no seu quarto. Tudo é branco, na parede está pendurada a fotografia familiar — o típico retrato da época do casal, em que Vanga está imortalizada ao lado do marido, o ícone da Santa Virgem, sobre a cama pende "O Pastor com o seu Rebanho". Instantaneamente surge a associação: não nos entregou Vanga a vida a nós, pessoas, não nos guiou ela também em alegria e em dor.

Entre as muitas coisas no quarto está também a bonita boneca com vestido cor-de-rosa, oferecida pela famosa Lília Ivanova.

Quero contar-vos um episódio. Uma vez Vanga decidiu que era preciso mudar as cornijas no quarto. Ela ficou em Rupite, e nós com o seu motorista Joro e o carpinteiro pusemo-nos a cumprir a sua ordem.

Terminámos o trabalho e voltámos satisfeitos. E Vanga perguntou ao carpinteiro:

— Então, porque não me dizes, tudo está bem?

Nós calámo-nos. E Vanga sorri e continua:

— São grandes mestres, não há dúvida! Mas a cornija do lado da varanda está dois dedos mais abaixo. Não viram?

Eu não me espantei, pois sabia do seu dom de estar onde quisesse, mas o carpinteiro ficou mudo e dispôs-se a voltar para corrigir o erro, porém Vanga não o deixou, deteve-o e começou:

— Espera a ver o que te diz Vanga...

Assim era ela: quando falava contigo, podia repreender-te, ou simplesmente dar-te a bênção ou ajudar-te, e por vezes também descarregar a sua ira sobre ti. Mas nunca repreendia ou ofendia ninguém assim sem motivo. Quando era preciso fazer algo — claro, não se tratava de caprichos —, Vanga irritava-se terrivelmente com a procrastinação sem razão daqueles que se incumbiam da tarefa.

Não raras vezes discutimos com ela a mobília da sala de visitas. Por natureza sou pessoa que não sabe falsear a alma — se gosto de algo, elogio, caso contrário digo o que mais se poderia desejar. Tudo na sua casa estava de algum modo ligado, havia tanta calor — tanto na sala azul como na varanda repleta de flores.

O maior enigma para mim era a escada que levava ao sótão, e a planta que lhe trouxeram da Grécia em vaso. Quantas vezes por dia subia esses degraus até cima, onde estavam guardados os mais diversos objetos que ornaram a sua casa em diferentes épocas. Talvez gostasse tanto de os tocar porque assim regressava ao passado, aos inesquecíveis recuerdos dos entes queridos e conhecidos.

As mulheres que a ajudavam na economia doméstica contavam como ela dobrava as roupas e lençóis, pondo obrigatoriamente entre eles um sabonete aromático para o cheiro. Por vezes telefonava-lhes tarde à noite, pedia-lhes que viessem — tanto para conversar como para a ajudarem a acabar algo em que se metera.

De manhã, após receber os que esperavam a sua vez ou os que ela convocara, Vanga ia a Rupite. Raramente se deitava sem esperar que regressasse a mulher que vivia com ela.

Não tolerava a desordem, não permitia que à sua volta estivesse tudo espalhado. Por exemplo, se decidisse vestir uma das suas roupas favoritas, e as ajudantes não a encontrassem, não deixava de as repreender:

— Como podem ser tão desleixadas?! Põem tudo onde vos dá na telha, e depois não vos lembram onde o puseram.

MUDANÇA PARA RUPITE

Vanga pensou muito onde seria melhor estabelecer-se para poder receber as pessoas em paz. Onde quer que se pensasse, surgiam obstáculos, porque as proibições eram as mesmas em toda a parte. Queria instalar-se na cidade de Melnik, foi ao mosteiro sagrado de Rila, e também ao mosteiro de São Panteleimon. Em toda a parte as pessoas comuns acolhiam-na bem, o que não se podia dizer das autoridades — essas sempre se opunham à sua permanência ali.

Naqueles anos, quando a Profetisa desejava de todo o coração ajudar os seus semelhantes, contavam-se sobre ela as maiores mentiras. Quando se lembrava desses tempos, dizia:

— Como me hei de zangar com as pessoas... Tinha-lhes medo de vir. A tais como eu perseguiam-nos tanto a Igreja como o poder. Mas os mesmos que me negavam, iam secretamente consultar-me. Como lhes hei de guardar rancor? Os tempos eram assim.

Ouço atentamente as palavras desta mulher de cabelos brancos, que para mim é uma santa, que suportou sem queixas tantas dores e vicissitudes, e pergunto-me: "Poderá uma pessoa comum ter o seu tacto para a diplomacia e a delicadeza?" E respondo logo: "Dificilmente. Quem se pode comparar a ela? Raramente nascem pessoas tão harmoniosas..."

Aconteceu que uma vez ela foi com algumas amigas conhecidas a um passeio a Rupite — lugar famoso em toda a região pelas suas nascentes minerais curativas. E na noite seguinte apareceu-lhe Santa Petka para lhe dizer que devia estabelecer-se ali, junto às nascentes.

Vanga volta ao mesmo lugar, examina com olhos cegos o prado coberto de silvas, a montanha Kozhuh, os belos novelos brancos que se dissipam suavemente sobre a água, e pronuncia:

— Aqui será!

B. Cv.: Ouvi de muitos o teu traslado para Rupite, mas quando mo contas, tudo me parece bem diferente. O que te atraiu tanto nesse lugar?

Vanga: Logo compreendi que era especial, extraordinário... Prado redondo no meio de um anel de montanhas — a mais forte é Kozhuh —, no meio é plano, abrigado... Tanto de ventos como de maus olhos.

B. Cv.: E mais nada?

Vanga: Ai, quantas vezes vo-lo conto, mas vós não o vedes. Bem, já que tanto queres saber... Esta vale é extraordinária, não só a natureza, mas também algum mestre se esforçou aqui... com muito amor. Os teus olhos não o veem, mas é uma grande plataforma para as naves dos extraterrestres. Ai, nada vedes vós! Lembras-te como toda a Bulgária se alvoroçou, só se falava de extraterrestres — na televisão, no rádio, nos jornais. E quem os viu? Mas eles vieram aqui, à minha porta. Sabes, nós da Terra somos como crianças pequenas comparados com os outros.

B. Cv.: E como conseguiste convencer os teus familiares, se em Rupite te afastas deles, ficas sozinha? Comparado com Petrich, é como um deserto. Porque deixaste a tua casa arrumadinha com todas as comodidades — tanto para ti como para os teus hóspedes.

Vanga: Não o sentis vós... Esta vale tem muita força. Via como ali se reuniriam muitas pessoas — uns sem esperança, outros gravemente doentes. Sabia que aqui haveria uma igreja, depois um mosteiro, de todos os cantos viriam curar-se. É preciso pensar não só no passado e no presente, mas também no futuro. Como esquecer o passado? Os presidentes da câmara de Petrich estavam como em brasas. Sabiam bem o que Vanga podia, mas temiam que alguém de cima lhes perguntasse um dia: "Quem autorizou?"

Vanga é categórica — decide estabelecer-se em Rupite, e para se livrar de uma vez por todas das chatices, planeia visitar o então primeiro dirigente estatal Todor Jivkov e obter dele autorização pessoal.

Vanga: Só de me lembrar daquela reunião com Jivkov em julho de 1967... Conversámos bem sobre muitas coisas. Ele perguntava — eu respondia. Mas os meus pensamentos iam sempre para Rupite, para as pessoas — sei como me esperavam ali. E isso deu-me forças para lhe dizer tudo — não perguntes — só ele sabe. Pensei que assim acabaria com os meus tormentos.

Olhava para ela, ouvia as suas palavras, esforçava-me por imaginar aquela conversa com o então chefe de Estado T. Jivkov. Fazia perguntas

com cautela, sabendo bem que resposta podia obter se exagerasse na curiosidade. E de repente ela desatou a rir, riu com bondade e mergulhou na memória.

Vanga: Sabes quanto tremia enquanto nos sentámos frente a frente... mas não era assim tão difícil conversar com Toso. Ofereceu-me café e ouvia, via-se, ouvia-me atentamente... Falámos da vida, e eu ardia por dentro. Perguntou-me porque viera ter com ele. Contei-lhe o que me passara pela cabeça, e agora impedem-me de trabalhar, não tenho paz — faço algo de mal?... Então ele pensou e disse: "Ouve, Vanga, tu sabes que eu não estou sozinho. Tenho camaradas com quem trabalho. Preciso de me aconselhar com eles e só então decidir. Mas acho que se arranjará."

B. Cv.: Agora falas tão calmamente, ris e sentes a alma leve. Mas outrora não foi assim, pois não?

Vanga: Qualquer um se inquietaria — afinal era o maior.

B. Cv.: Uma diplomata como tu, e com tal dom, não pode deixar de atingir o objetivo.

Vanga: Assim foi. Não tive de esperar muito. Quando na cidade souberam que Vanga fora ter com Todor Jivkov pedir autorização, os funcionários do Conselho respiraram de alívio. Quando chegou a notícia, logo inventaram como também eles aprovar. Puseram uma taxa para a comuna: 10 leva para búlgaros, 20 para sérvios, e para os outros estrangeiros 50 leva.

A notícia da autorização espalhou-se depressa, as pessoas começaram a afluir, a fazer fila, por vezes a esperar dias, e as listas faziam-se para meses adiante, até para o ano seguinte. Começaram a procurar encontro com Vanga políticos famosos, gente de arte.

E ela, aos poucos, com a sua tenacidade característica, começou a construir a sua casa graciosa e aconchegante com um jardim florido, sonhando que ao lado se estendesse um belo parque, para as pessoas esperarem calmamente a sua vez e gozarem a natureza. Toda a vida pensou nas pessoas — ajuda-as a superar mais facilmente a dor e o sofrimento. Desagrada-lhe quando algumas vão ter com ela sem motivo, só para a verem. Se havia algo que Vanga detestava, era perder tempo, porque ela sabia valorizá-lo como ninguém.

Quando a visitava, as nossas conversas giravam sempre em torno dos problemas das pessoas que esperavam a sua vez. Preocupava-a

muito o sofrimento alheio, e eu repreendia-a por cuidar de todos menos de si própria, que também era humana e precisava de descansar. Tais palavras irritavam-na, zangava-se e dizia-me que certamente era cega, se não via quanta gente a esperava... com cada uma tinha de falar, pois viera ter com ela.

Um ano após Vanga obter a autorização, o Conselho dá-lhe um carro, nomeia um motorista em regime de tempo inteiro, uma mulher para tratar da economia doméstica em Rupite e guarda.

O caixa do Conselho faz as listas dos visitantes.

Naqueles anos Vanga irritava-se frequentemente com a forma como agia o presidente da câmara de Petrich. Ela recebia gente o dia todo (por vezes também tarde à noite), para angariar dinheiro para a construção de um lar de crianças, e também para dotar as nascentes minerais, e os funcionários gastavam o das taxas no que lhes apetecia.

Pela segunda vez Vanga vai ter com Todor Jivkov para lhe falar do sonho de construir um jardim de infância. A construção inicia-se e termina, e o mérito de Vanga na realização desta nobre iniciativa logo cai no esquecimento.

Vanga ocultava a sua dor:

— Assim estava escrito — dizia por vezes, talvez para aliviar a alma.

Ela sabia que escolhera viver num lugar sagrado. Não raras vezes iniciava conversa sobre a cidade branca-marmórea desaparecida com igrejas maravilhosas e monumentos de arte.

Vanga: Antes da erupção do vulcão aqui havia uma cidade, mas a lava tudo sepultou. Uma vez apareceu-me em sonho Santa Petka e disse-me: "Quero que venhas viver aqui." Por isso chamei a igreja por ela e pela minha mãe Paraskeva.

Acontecia Vanga repreender a mulher que a ajudava nos trabalhos domésticos, os guardas ou o motorista, e no fim dizer-lhes:

— Bem, mereceram-no, por isso foi a discussão...

O motivo das suas zangas era geralmente a sua famosa pedantaria com a ordem. Gostava que tudo fosse feito como deve ser e exatamente a tempo. Ela recebia as pessoas até o sol chegar ao seu zênite, depois retirava-se para almoçar (e devo notar que nunca se sentava sozinha à

mesa). Em todos os anos desde que a conheço, não me lembro de termos sentado à mesa sem que estivesse presente algum dos seus entes próximos.

Naqueles tempos, não se separavam dela a sobrinha Velitchka com a filha Liubka, bem como o seu motorista pessoal Joro.

Vanga gostava muito de contar sobre as visitas de Liudmila Jivkova, sempre falava de quão maravilhosa pessoa ela fora. Recordava:

Vanga: Liga-me uma vez o Toso e pergunta: "O que estão vocês a fazer aí, tu e a minha filha?" E eu, muito calmamente, respondo-lhe: "Há pessoas com quem me sinto muito bem. Nós, a Liudmila e eu, não fazemos nada de mal. Estamos bem juntas."

As coisas em Rupite ganham cada vez mais força — Liudmila protegia Vanga, ajudava-a, apoiava-a em tudo. A filha do chefe de Estado era extremamente curiosa, procurava não perder uma única palavra da Profetisa. E esta contava-lhe sobre as suas visitas à Índia, sobre os encontros com personalidades conhecidas.

Durante esses encontros, Vanga não raras vezes aconselhava a sua hóspede:

— Não trabalhes tanto, pensa em ti. Sei que também o fazes pelas pessoas, mas cuida-te.

Quando Vanga começava a falar de Liudmila, a sua voz tornava-se quente, carinhosa. Emocionava-se com todas as iniciativas dessa jovem búlgara enérgica e voluntariosa.

Naqueles anos, outras pessoas famosas também encontravam coragem para visitar a casa de Vanga. E após as mudanças, passaram por lá inúmeros políticos. E não só da nossa pequena Bulgária. Muitos esperavam saber através da Profetisa o que os aguardava a eles próprios, e como se desenvolveriam e resolveriam os problemas mundiais.

Vanga: Eh, pessoas, pessoas, até quando, pessoas... Não pode ser assim... Negar tudo, e depois esperar um milagre. E que esse milagre ainda hoje saiba o que lhe acontecerá amanhã. Então cada um acredita no milagre.

Uma das melhores amigas da Profetisa era a turca Atidje. Vanga crescera entre turcos e falava a sua língua. Desde 1974, Atidje visitava-a todas as manhãs, ajudava no que podia, e aos sábados, juntamente com

outras mulheres, tratavam da casa, arrumavam tudo. Por vezes acontecia assim: esfalfavam-se a limpar e lavar durante o dia, pensavam que tinham "lixado" tudo, mas de repente Vanga perguntava:

— Atidje, e a teia de aranha atrás da porta?... Não a veem?

Atidje ajudava a tratar do jardim, que, segundo o plano secreto de Vanga, devia transformar-se num parque. Tudo o que lá era plantado por vontade da Profetisa crescia rapidamente, criando uma sensação de aconchego e paz interior. Também em Rupite, Vanga rodeava-se de flores, tinha-as em todo o lado, porque sem elas não podia. Havia também uma videira, não menos bela e frutífera do que a de Petrich.

Aos sábados, Vanga costumava comunicar com os mortos e dizia quais flores lhe deviam trazer. Deixavam-lhas e ela encontrava imediatamente lugar para cada uma. De que modo, através dessas belas criaturas, a Profetisa comunicava com o mundo do além permaneceu um mistério, tanto para os meus colegas psicólogos como para todos os outros investigadores que tentavam compreender o fenómeno Vanga, que tanto acreditavam no que ouviam e viam como não conseguiam acreditar plenamente e compreender o fenómeno fenomenal.

Não posso deixar de mencionar que a Profetisa nunca negou a ciência, e concretamente a medicina, e não se arrogava a curar se não estivesse certa do sucesso. Geralmente, nos casos em que considerava que ela própria não poderia ajudar, encaminhava as pessoas para um determinado médico. Interessante era que muitas vezes Vanga não o conhecia até então.

Na sala com a lareira passavam talvez os momentos mais belos de Vanga. Era precisamente nesse lugar que ela mais frequentemente sentia o respeito e a veneração.

As pessoas aglomeravam-se — de carro, de autocarro, a pé. Parece-me que vinham não só pelo fenómeno Vanga, porque sei quantos dos meus amigos ansiavam por tocar no ser humano Vanga, beijar-lhe a mão em sinal de gratidão, agradecer por ela existir.

Uma noite, o meu telefone começou a tocar insistentemente. Já era muito tarde, por isso preparava-me para responder com tom seco, quando de repente ouvi a sua voz.

Vanga: Onde andas tu, Boike? Há quanto tempo te procuro, amanhã vem ter comigo.

O meu coração apertou-se de preocupação e perguntei assustada:

B. Cv.: O que aconteceu?

Vanga: Não é nada grave, mas amanhã vem cá, vais entender tudo.

(Antes disso já me tinha acontecido uma vez que me ligasse alarmada a meio da noite. Por vezes Vanga era como uma criança pequena. Nessa altura só não chorou quando me disse: "Vão tirar-me o carro, o que farei sem ele?" Eu estava no estrangeiro, por isso liguei imediatamente à minha filha em Sófia: "Parte amanhã com os dois Volkswagens e deixa a Vanga escolher o que quiser."

Claro, sabia que ela escolheria o carro verde, porque, quando me preparava para comprar algo mais substancial, consultava-a sempre. Não consigo esquecer esse episódio não porque me embriague da minha própria generosidade, mas porque me alegra recordar quão feliz Vanga ficou por não serem só os altos dignitários a andar em carros ocidentais reluzentes, mas também ela ter agora um belo e novinho "Volkswagen Golf".)

Quase imediatamente parti e, ao romper da alva, já estava com Vanga. Da casa vinham vozes bastante altas. Aproximo-me e ouço:

Dimităr: A sala onde recebes é muito húmida, está frio, vais constipar-te.

Vanga: Frio ou não frio, e essas pessoas lá fora — o que farão elas?!

Dimităr: A esta hora não pode ser — tu também és humana.

Na verdade estava mesmo muito frio. Entrei e intervim na discussão... comecei a acalmá-la.

B. Cv.: Não te preocupes, trarei pessoas de Sófia e em três dias a sala estará pronta.

Liguei para Sófia — falo ao telefone à frente dela, e ela não parava de se queixar.

Vanga: Eh, como vai ser isso — em três dias? Isso não vai acontecer, nem o digas!

Pedi-lhe que não se preocupasse, assegurava-lhe que tudo seria como ela queria. Mas Vanga não parava quieta de inquietação.

Seja como for, os mestres vieram, o trabalho começou. A sua amiga Atidje passou primeiro para saber que remodelação era aquela que começava naquele frio, e depois vinha observar como corria o trabalho.

Vanga não conseguia acalmar-se. A remodelação ainda nem tinha começado, e ela já ordenava a Atidje:

— Vai lá ver o que eles estão a fazer!

Atidje ia ver com os próprios olhos o que se passava, e depois contava-lhe longamente tudo o que...

Atidje: Acalma-te, Vanga, já chega... Vamos sentar-nos ao quentinho junto à lareira, bater uma conversa... Que tal cozinharmos feijão num tacho de barro. As pessoas sabem o que fazem, vê-se que entendem do ofício, farão tudo, já que a Boika te prometeu.

A sala ficou branca, acolhedora, com um vestíbulo para receber os visitantes. Os rapazes trabalharam incansavelmente dia e noite. Sob a orientação de Vanga, começámos a pendurar as cortinas e a arrumar os móveis.

Vanga: Quero um presente da tua filha — um quadro com flores sobre fundo branco, e o Svetlin (refere-se ao pintor Svetlin Roussev — nota do red.) pintará para mim a Santa Virgem. Nos peitoris ponham vasos brancos com flores.

E assim, um a um, todos os seus desejos foram cumpridos. Vanga alegrava-se muito e repetia sempre:

Vanga: Eh, não é para acreditar, a sala ficou tão bonita.

Estava felicíssima por voltar a poder receber pessoas, e num tal ambiente. Um dos seus primeiros visitantes foi o doutor Trentchev.

Vanga: Eh, Kotse, vê que sala de receção tenho, tudo aqui ficará para as pessoas, para saberem onde Vanga recebia...

Vanga gostava de receber hóspedes, interessava-se por como viviam as pessoas — não só na Bulgária. Visitavam-na jovens e velhos, personalidades conhecidas e desconhecidas de todo o mundo.

Por méritos excecionais para com o povo da República da Calmuquia, foi agraciada com o título de cidadã honorária dessa pequena país a 1 de janeiro de 1994.

Com o presidente Kirssan Nikolaevitch Iliumjinov eram bons amigos. Ele ligava-lhe frequentemente, interessava-se pelo seu estado, perguntava se precisava de algo.

Nesses momentos, Vanga, como pessoa habituada a dar e não a receber, comovia-se até às lágrimas. Para ela, tal sinal de atenção significava demais.

Vanga: Eh, esse Kirssan, porque trouxe uma banda inteira?

B. Cv.: Quantas vezes falámos disso, não te preocupes, as pessoas viajaram milhares de quilómetros por tua causa. Só tens de te alegrar com tal alto reconhecimento — é a primeira vez que te agraciam com o título de cidadã honorária de outro país. É uma grande honra e tu mereceste-a, sabe-lo. Não vês quantos políticos vêm e vão por todo o mundo, e a ti poucos te esquecem.

Quando os membros da delegação entraram em casa, quase ninguém notou a emoção da dona da casa. E dessa vez ela emocionava-se como nunca. Queria alegrar essas pessoas que tinham vindo de tão longe. Acariciava levemente com os dedos o traje nacional calmuque que os hóspedes lhe trouxeram, enquanto o descrevia com espantosa precisão, tal como durante todo o tempo em que falava do povo desse país, do seu passado e futuro.

Vanga: Eh, quantas dores sofreu esse povo, que coisa... Quantas pessoas, quantas pessoas inocentes morreram lá, na Sibéria... Foi-vos destinado um destino amargo. Não temam, o fim das dores chegou. Têm um presidente jovem e inteligente, ser-lhe-á difícil, mas ele conseguirá tudo, fará tudo por vós.

V. B. (membro da delegação): Tia Vanga, posso tocar na tua mão, este é o dia mais bonito da minha vida. Só te quero perguntar uma coisa — os nossos filhos viverão em paz, não haverá outra guerra?

Vanga: O terrível passou. Não há motivo para medo, não vejo guerra.

Dia após dia, ela acalmava as pessoas, se pudesse ajudá-las com algum conselho — nunca hesitava. Vinham frequentemente hóspedes das antigas repúblicas soviéticas, especialmente da Rússia. Quantos moscovitas a visitaram, quantas cartas e felicitações recebeu e quantas vezes disse:

— São próximos, os nossos povos são próximos... O povo russo libertou-nos, devemos ser gratos.

Por vezes acontecia sentir a maldade humana, entristecia-se e suspirava:

— Esse não é humano, não é humano... mas já que cruzou o limiar da minha casa, não o posso mandar embora.

Vanga não deixava de lembrar aos hóspedes ou amigos que fossem alegrar-se com as nascentes, subir ao Kozhuh, passear um pouco, como ela dizia, por Rupite. Mandava-os, claro, visitar também as ruínas da fortaleza de Samuil, sentir a natureza fantástica, passear pelo maravilhoso parque com árvores centenárias. E uma vez disse:

— Eu vi-os!

Olhámo-nos espantados. De quem estaria a falar?

— Vi-os a caminhar, os guerreiros cegos de Samuil... O meu coração parte-se, ai... E vós ides lá passear, pisais... Eh, o que sabeis vós... Quanta dor houve e há... Mas a Liudmila, a Liudmila... Eee...

E Vanga calou-se, mergulhou nalgum lugar. Nunca se soube porque mencionou então o nome de Liudmila.

Venerava como santuários o mosteiro de São Jorge, situado perto da aldeia de Gega, junto à fronteira com a então Jugoslávia, o mosteiro de Rila, e também o mosteiro de Rojen. Repetia frequentemente que todo o búlgaro deve obrigatoriamente visitá-los.

Quando falava da cidade de Melnik, mencionava sempre o túmulo da Venerável Stoina na aldeia de Zlatolist. Gostava de contar sobre essa mulher santa, que se tornara lenda.

Vanga: Sabes quem ela é, Boike? Fazia o mesmo que eu, mas era-lhe muito mais difícil naqueles tempos. As pessoas respeitavam-na muito, procuravam-na para cura, para conselho... E sabes, ela vivia sozinha... Dizem que lá começaram a construir um mosteiro — bom, bom, essa mulher santa merece-o.

B. Cv.: Sim, ouvi falar dela, mas nunca fui àquela região.

Vanga: Pois agora vais, verás a igrejinha, o seu quartinho pequeno, quantos anos Stoina viveu lá... E há um poço de onde bebia água. Vai ao túmulo dela, dizem que alguém sempre cuida dele — as pessoas não a esquecem... Mas também ela foi muito solitária, tirava forças do dom que

Deus lhe deu. Resistiu, embora vivesse em tempos difíceis, São Jorge protegia-a...

B. Cv.: Ouvi falar dela, mas tais pormenores não sabia...

Vanga: Liga à Atidje e que ela vá contigo ao túmulo... Essa santa merece respeito...

Trocou algumas palavras em turco com Atidje, depois disse-nos para partirmos, que tínhamos bastante caminho, e que lá nos esperariam, tinha ordenado tudo o que devia ser feito.

Vanga: E não passem por Melnik!

Após chegarmos, encontrámos facilmente a casa da pessoa responsável pela construção do mosteiro. Ele, porém, não estava, tinha saído, por isso veio connosco a sua amável esposa. Fomos ao local...

A mulher que nos acompanhava entristeceu-se — parecia que há muito não ia lá. Era óbvio o abandono — apenas algumas paredes estavam construídas, o furgão vazio dos construtores estava solitário, a igreja estava destruída, não havia pedra tumular, faltavam também todos os livros valiosos. Ainda assim, a nossa guia contou-nos tudo o que sabia sobre a Venerável Stoina.

B. Cv.: Porque está tudo tão abandonado? Essa mulher santa não merece tal tratamento...

Mulher: Pois é assim, senhora, cada um vem, promete, vai-se embora e acabou...

B. Cv.: Por favor, tirem um pouco de água do poço para Vanga, daquele de que a Venerável Stoina matava a sede.

Mulher: Mas o que diz, lá está uma sujidade terrível, e está fechado, porque é perigoso para pessoas e animais.

Ao contrário do triste panorama acabado de descrever, o túmulo da santa estava limpo, tinha muitas flores. Cumprimos a ordem de Vanga, ficámos uns dez minutos, durante os quais tentei imaginar como seria a santa tão venerada pela Profetisa.

Atidje: Vamos embora, já chega... A mulher preocupou-se, e quer contar-nos algo sobre a igreja.

Entrámos mais uma vez no quartinho onde vivera há tantos anos a humilde mulher lenda.

Quando partimos dali, despedimo-nos também da enorme árvore, a testemunha silenciosa de tantos eventos emocionantes. Prometi a mim mesma que voltaria a visitar aquele lugar, e partimos para Rupite.

Chegámos e vejo Vanga sentada no banco, à sombra — estava bastante calor, cerca de 38 graus. E calada, não perguntava nada.

Comecei a contar-lhe, e ela disse-me:

— Mandei-vos porque me dói a perna e não posso ir lá. Mas com os teus olhos vi tudo — e tais pessoas devem ser respeitadas...

Lembra-te disto de mim: palavra dada é pedra lançada.

Passará tempo e tentarei fazer um paralelo entre os destinos dessas mulheres fortes de duas épocas diferentes. Quão semelhantes são — ambas cegas e solitárias. Essa viagem ao túmulo da Venerável Stoina não foi casual — talvez Vanga tivesse visto o destino que um dia poderia tocar-lhe a ela. Sim...

A Profetisa era extremamente religiosa, respeitava as festas ortodoxas. Em especial veneração estava, porém, o 14 de outubro — Petkovden. Então preparava um kurban e regalava todos, para que houvesse saúde e paz para as pessoas.

Ela dizia:

— Se houver guerra, "pelas ruas não correrá leite, mas sangue humano".

Muito antes dessa sua festa favorita, começava a pensar no que e como devia ser feito. Instaurava-se grande agitação, emocionava-a cada pormenor e, quando chegava o dia, sentava-se à mesa com os hóspedes vindos de quem sabe onde, ecoavam canções, formavam-se rodas. Vanga exultava — cantava e dançava, alegrava-se de todo o coração.

Gostava também do Natal e da Páscoa, como criança alegrava-se com os ovos pintados.

Vanga: Sabes qual é a festa mais cristã?

B. Cv.: Sei, claro — o Nascimento de Cristo.

Vanga: Diz-me lá, o que sabes tu dessa festa?

B. Cv.: Pois sei, por exemplo, o que se põe na mesa...

Vanga: Ouve o que te vou contar e lembra-te do que aprendeste com Vanga — a partir dessa festa o dia começa a crescer, e o sol a brilhar mais forte. Lembra-te: Jesus Cristo é o Salvador dos cristãos. Ele é o nosso Deus...

B. Cv.: Sim, estou a ouvir-te.

Vanga: Foste lá onde nasceu Cristo?

B. Cv.: Não. Ele nasceu na cidade de Belém, perto de Jerusalém. Sei do Seu conceção e nascimento, de que quando nasceu Cristo brilhou no céu uma estrela invulgarmente luminosa.

Vanga: Quão belo é só essa festa! Que canções se cantam por toda a terra, para que a alma das pessoas se alegre. Tantos belos costumes tem o nosso povo. E a árvore de Natal enfeitada, não te lembra o ovo de Páscoa?

E ambas calámo-nos, absortas nos nossos pensamentos...

B. Cv.: As duas festas são maravilhosas, cada uma com a sua beleza. Iguais são só a tua veneração e respeito por elas.

Vanga: Lê mais frequentemente a Bíblia, o capítulo treze de João...

Vanga sabia transmitir os sentimentos que experimentava aos que a rodeavam, àqueles que partilhavam os seus dias, cada um à sua maneira, quem menos, quem mais, ajudando a casa a parecer como ela gostaria.

A Profetisa gostava de dizer:

— Fazes o bem, e mesmo que o lances ao mar, chegará o dia em que ele virá à tona. Não faças o mal, não entres em conluio com o diabo.

Tinha as suas próprias conceções sobre as pessoas:

— Deus criou primeiro um só homem, depois surgiram os diferentes povos e religiões. Quando construir o templo, quero que lá orem todas as pessoas que acreditam no bem.

AMOR E DOR

Durante um transe, Vanga vê a mãe com a aparência de um faraó egípcio — pede-lhe que vá a Paris, à catedral de Notre-Dame, para se encontrarem, e indica-lhe exatamente o lugar do encontro.

Vanga: Dirigi-me às autoridades com um pedido, como é devido, mas não obtive autorização para a viagem — admira-te porquê?!

B. Cv.: Então a encontro nunca se realizou?

Vanga: Ûhû... Já tinham passado 15 anos — só então um rapaz, por minha ordem, entrou em Notre-Dame. A mulher dele é minha afilhada, e eu própria os casei. Pois ele cumpriu o desejo dela.

B. Cv.: Quer dizer que através dele se realizou o encontro, o teu encontro com a tua mãe?

Vanga: Sim, foi assim... Ele estava em Paris, em Notre-Dame, e eu estava lá através dele. Quando regressou, queria contar-me como fora, e eu disse-lhe: "Espera, espera, deixa-me eu guiar-te por Notre-Dame. Vi tudo através de ti, tudo o que a minha mãe queria que eu visse. Começaste a percorrer esse templo divino pela direita. Havia muitas pessoas lá dentro — uns rezavam, outros olhavam boquiabertos, os turistas são turistas. Estavas com um amigo teu. Acendestes velas e sei quando acendeste uma por mim, pela saúde. E porque não vos confessastes?"

O rapaz começou a ficar inquieto: "Perdoa-me, madrinha, mas não falo a língua deles, por isso. Mas, sabes, junto ao confessionário estava um jovem padre de óculos, olhava-nos diretamente nos olhos, como se nos dissesse com o olhar: 'Entrem, não tenham medo!'" Então eu disse-lhe: "Vês? Por isso te pergunto porque não vos confessastes. Talvez vos tivesse sido dado tocar no que eu daqui não consegui." Depois perguntei-lhe como eram as pessoas lá, acreditam?

Mais tarde, Vanga compreende que a mãe (chamava-se Paraskeva) não lhe apareceria mais, e faz um voto de construir uma igreja em honra de Santa Paraskeva e de Santa Petka Búlgara. Impressionou-me muito a vida de Santa Petka, ouvida primeiro da boca de Vanga. Mais tarde deparei com o livro "Vidas dos Santos" da Editora Sinodal e, com espanto, verifiquei que a Profetisa ma contara quase palavra por palavra.

A Venerável Petka, também chamada Paraskeva, viveu no século XI. A sua origem é búlgara. Nasceu na pequena cidade de Epivates

(entre Silivria e Constantinopla). Os pais eram pessoas conhecidas e ricas.

Petka tinha um irmão que se tornou monge e chegou ao grau de arcebispo. Também ela, como o irmão, desde criança inclinava-se para a vida monástica.

Uma vez, na igreja, a menina ouve as palavras do Evangelho de Marcos: "Quem quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me."

Ao sair do templo, tira as roupas caras e dá-as a um pobre. Não passa muito tempo e torna a dar as suas roupas — desta vez veste um órfão.

Petka fica órfã muito cedo. Pouco depois de perder os pais, separa-se de todos os seus bens — distribui-os pelos pobres, depois vai a Constantinopla e visita os lugares santos lá. No longínquo templo do Pokrov da Virgem, passa cinco anos em orações e lágrimas amargas.

Depois realiza o seu antigo desejo: vai à Palestina para se prostrar diante do túmulo do Senhor, e instala-se no deserto da Jordânia.

Uma vez, enquanto rezava, aparece-lhe um anjo do Senhor e diz-lhe:

— Abandona o deserto e regressa à tua pátria. Lá o teu corpo deve ser entregue à terra, e a tua alma regressará ao Senhor.

Quando Petka regressou a Epivates, não encontrou entre os vivos nenhum dos seus parentes e conhecidos. Viveu como estrangeira junto ao templo dos Santos Apóstolos e dedicou-se inteiramente às orações. Uma vez, durante a oração, a sua alma foi a Deus. Um cidadão de Epivates, fiel a Cristo, enterrou-a fora dos limites da cidade, como estrangeira.

Um dia o mar lançou à costa o cadáver de um marinheiro. O fedor da carne em decomposição tornou-se insuportável.

Pessoas piedosas mas ignorantes começaram a cavar uma sepultura e de repente encontraram o corpo da Venerável Petka, que se conservara intacto. E, por serem suficientemente ignorantes, depositaram as suas relíquias incorruptas na cova, e enterraram o marinheiro ao lado dela.

Na noite seguinte, um daqueles piedosos, chamado Jorge, sonhou com uma virgem vestida com trajes reais, iluminada por uma luz maravilhosa e rodeada de guerreiros. Um dos guerreiros aproximou-se de Jorge, agarrou-o pela mão e disse:

— Porque desprezastes o corpo da Venerável Paraskeva? Desenterrai-a e depositai-a numa sepultura separada. O Senhor Deus quer glorificá-la na terra.

Na mesma noite, a piedosa Eufímia foi também agraciada com visão semelhante.

No dia seguinte, a notícia do ocorrido espalhou-se rapidamente entre as pessoas. A sepultura foi aberta. O corpo incorrupto foi trasladado solenemente e com reverência para o templo dos Santos Apóstolos.

Junto às santas relíquias ocorreram muitas curas.

Em 1238, o czar búlgaro Ivan Assen ordenou que as santas relíquias fossem trasladadas para a capital Tarnovo. O czar e o então patriarca búlgaro Vassílio organizaram um encontro solene, ao qual acorreu uma multidão incontável. As relíquias foram depositadas no templo especialmente construído para esse fim da Venerável Petka.

Em 1393, a capital foi tomada pelas tropas turcas. Foi necessário trasladar as santas relíquias para a cidade de Vidin, que ainda permanecia inconquistada e estava sob o poder de Stratsimir. Mas em 1396 também Vidin sofreu o destino de Tarnovo, pelo que as relíquias foram trasladadas desta vez para a Sérvia.

Em 1521, o sultão turco Suleiman o Magnífico conquistou Belgrado e ordenou que os restos da Venerável Petka fossem levados para Constantinopla, e em 1641 foram entregues ao voivoda valáquio Io Vassili Voievoda. Em troca, ele enviou à Patriarquia de Constantinopla uma soma bastante significativa. As relíquias da Venerável Petka Búlgara foram mais uma vez trasladadas para a cidade de Iași, onde foram profundamente veneradas pelo povo romeno.

Ainda no século XII, por ordem do patriarca de Constantinopla Nicolau Muzalon (1147-1151), o diácono Vassílio escreveu a vida da venerável. Duzentos anos depois, também o patriarca búlgaro Eutímio pegou na pena com o mesmo fim.

Pela última vez, as relíquias da Venerável Petka foram trasladadas em 1994 da Roménia para Rupite, para a igreja de Santa Petka Búlgara construída por Vanga.

A devoção à fé ortodoxa e o voto feito perante Deus e perante si própria não davam paz a Vanga nem de dia nem de noite. Toda a vida juntou obstinadamente dinheiro para realizar o seu sonho — a construção do templo "Santa Petka Búlgara".

Inicialmente, os alicerces foram lançados junto ao canal, lá onde agora se estende o parque, mas devido a divergências entre os funcionários da Igreja e os funcionários estatais, a construção foi interrompida. Isso feriu profundamente Vanga, que mais uma vez guardou a dor no fundo da alma. Em 1992, a Profetisa recebeu o apoio dos arquitetos Bogdan Tomalevski e Lozan Lozanov e do pintor Svetlin Roussev. Vanga estava extremamente grata a essas pessoas, considerava-as o seu apoio. Repetia sempre:

— Quero que seja branca e bela, que se fale dela, que venham pessoas de todo o lado... Sofri muito, mas agora com esforços comuns vamos erguê-la, sei-o. Haverá igreja...

Enquanto se decidia onde construir o templo, no local inicial as pessoas construíram com tijolos algo como uma capela — trouxeram ícones, começaram a deixar flores, dinheiro. Rezavam pela saúde de Vanga e para que tudo se arranjasse mais depressa.

Vanga: Eh, não é fácil construir uma igreja, mas vejo pessoas, muitas... que acreditam... Eis que as pessoas comuns fizeram uma capela de tijolos.

B. Cv.: Fazem-no porque acreditam em ti e querem ter onde rezar — por si, por ti... Quando venho a Rupite, vou primeiro à capelinha. Como toda a pessoa crente, acendo uma vela pela tua saúde, pela saúde da minha família. Diante dos ícones sinto alívio, fico mais calma. Para mim, assim purifico a alma antes de entrar junto de ti, junto de uma pessoa santa para mim.

Vanga: Vejo-a já, já a vejo, o projeto está pronto, o lugar está determinado e a construção começa. Mas quando será finalmente a minha igreja... Olha como tudo vai devagar... — com quem quer que se sentasse a conversar, de que quer que se falasse, Vanga voltava, girava e retomava a conversa nesse tema.

B. Cv.: Para que tanta pressa? (Nesse momento fiz talvez a pergunta mais estúpida da minha vida, pois em breve saberia da sua doença traiçoeira.)

As pessoas dizem: "Uma igreja constrói-se para toda a vida, e o Templo de Vanga perdurará pelos séculos."

A construção prosseguia sob a constante supervisão dos arquitetos, ora mais depressa, ora mais devagar, a igreja crescia — um pouco invulgar, mas muito impressionante. Aproximava-se o dia tão ansiado por Vanga — 14 de outubro de 1994 — o dia marcado para a inauguração do templo. Nele seriam depositadas as relíquias de Santa Petka Búlgara.

Dias antes da festividade começaram disputas sobre até que ponto a igreja recém-construída correspondia aos cânones. Alguns clérigos, que se apegavam a visões bastante rígidas, criaram condições para o deflagrar de discórdias, causando bastante dor a Vanga. Ela afirmava que confiara em pessoas inteligentes e cultas, enquanto os padres eram de outra opinião. Quanto ao metropolita Pimen, nada o perturbava na nova igreja, e as pessoas comuns abençoavam-na como templo de Deus.

Chegou a noite de 13 de outubro de 1994.

Estava frio. Quase todos se tinham recolhido às suas casas à espera do dia seguinte, quando voltariam junto ao Templo construído por Vanga para lhe prestar homenagem. As querelas entre os servos de Deus não os preocupavam — o mais importante era outra coisa — naquela região, pela primeira vez depois de 1944, seria inaugurada e consagrada uma nova igreja.

O talentoso pintor búlgaro Svetlin Roussev trabalhou no interior até de madrugada, para abrir de manhã as portas da igreja de Vanga àqueles que viriam à festa de todos os cantos da Bulgária.

Vanga não tinha sono, velou quase toda a noite.

B. Cv.: Tens frio? Que bela é esta noite de outubro. Em que pensas, madrinha?

Vanga: Fácil vos é a vós... Porque não me perguntas quantos dias e noites não dormi até que se cumprisse a promessa? Eh, muito trabalho foi investido, muitas pessoas me ajudaram...

B. Cv.: Não raras vezes me falaste do teu sonho, é verdade, sofreste bastante, mas eis que já é realidade... O Svetlin está a terminar

algo, as mulheres andam atarefadas — também elas não dormirão, não serás só tu a velar esta noite...

Finalmente chegou a manhã de 14 de outubro de 1994.

Os preparativos para a festividade estavam no fim.

Se alguém me tivesse dito então que veria reunidas tantas e tão diferentes pessoas, dificilmente lhe acreditaria. Afluía a Rupite gente de todos os recantos da Bulgária — de carro, de autocarro, em carroças ou... a pé. Nesse dia as preferências políticas foram esquecidas.

Políticos, personalidades conhecidas, pessoas comuns — todos tinham vindo com o único propósito — assistir à consagração do templo construído por vontade de Vanga.

Cada um queria entrar, acender uma vela. Teve de se levar os candelabros para fora da igreja.

É difícil descrever a emoção que invadiu Vanga. Frequentemente parecia pairar algures — talvez no seu mundo misterioso... mostrava aos "recém-chegados" antepassados o sonho realizado, ou talvez... quem sabe onde voavam os seus pensamentos...

Fizera um voto de construir um templo e cumprira a palavra, mas nenhum de nós sabe o que tudo lhe custara. Certamente toda a verdade só é conhecida pelo vale que a atraíra com a sua energia, com os seus fluxos vivificantes que alimentavam as forças de Vanga. Possivelmente a verdade era conhecida pelos seres da bela cidade de mármore branco com igrejas e monumentos, outrora destruída pela lava ardente. Seja como for, aparecera uma profetisa para contar aos contemporâneos a infeliz sorte que lhes coubera e levantar o denso véu do esquecimento que sobre eles pesava. Tudo é possível...

Mais importante talvez para nós é que o Templo começava a viver a sua própria vida.

Dia após dia, na pequena praça diante da casa de Vanga, juntavam-se multidões de conterrâneos e estrangeiros para ver e visitar a igreja, acender uma velinha...

Vanga: Há muitas pessoas? Vieram ter comigo, ou ver a igreja?

B. Cv.: Vêm ter contigo e alegrar-se com a tua igreja. Se não fosses tu, este templo não existiria.

Vanga: Vai lá tu, passeia um pouco, ouve o que dizem as pessoas, se gostam da igreja... Depois vem contar-me...

B. Cv.: Tudo é muito belo, é obra tua. Agora descansa um pouco.

Vanga: Não, não, estas pessoas esperam-me a mim.

Todos os dias vinham pessoas ter com ela, muitos pediam-lhe que batizasse os filhos na igreja recém-construída, pousada como um cisne branco ao pé do vulcão Kozhuh.

Frequentemente vinham também os seus afilhados já crescidos, para lhe pedir que lhes colocasse as alianças de casamento no seu templo.

A igreja era para Vanga não só fonte de alegria. Por vezes havia também amargura. Amargura que ela escondia nas profundezas da alma. Mas certamente no momento em que cruzava o limiar do templo esquecia tudo e abençoava com muito amor as crianças, batizava-as ou extasiava-se de orgulho quando levava ao altar os seus afilhados.

Um dos muitos casamentos estava marcado para 1 de abril de 1995.

Exatamente nessa altura chegara da Rússia, da televisão de Ostankino, uma equipa de filmagem. A madrinha seria Vanga, e para padrinho os noivos tinham convidado um amigo da família, que não pôde vir devido a circunstâncias imprevistas. No fim das contas nada de grave acontecera — muitos amigos e conhecidos manifestaram desejo de ocupar o lugar dele, participariam com prazer no ritual, tanto mais que ficariam nessa honrosa posição não junto de qualquer um, mas da própria Vanga. Quando soube, porém, que aquele que inicialmente fora escolhido para padrinho com ela não viria, Vanga fechou-se em si mesma, calou-se.

Um dos hóspedes russos, o jornalista S. K., perguntou-nos do nada o que se passara, porque Vanga não dizia palavra. Após essa pergunta, a pausa já era estranha para todos e logicamente seguiu-se a questão se algo desagradável acontecera.

Por fim, Vanga com um suspiro quebrou o silêncio e respondeu-lhe:

— Lembra-te deste dia. A madrinha sou eu, e o padrinho serás tu.

Vanga emocionava-se antes de cada casamento, porque levava muito a sério o papel de madrinha, e dessa vez a sua inquietação era

dupla, porque era também madrinha da noiva (a minha filha) e eu sentia que experimentava um tremor mais forte do que o meu. De emoção, no dia do casamento, chegou a correr para fora sem sapatos, de meias de lã. Nem sentia a dor no pé, que há vários dias não lhe dava paz.

Até à igreja acompanhou-a Dimităr Vălchev. Lá ela tinha o seu lugar favorito, onde a instalaram sentada. O templo estava iluminado por inúmeros pequenos chamas. Vanga disse:

— Muitas velas — muita luz. Assim será também a vida dos noivos.

Após o fim do ritual, os dois jovens, já casados, foram ter com Vanga para a bênção, e atrás deles passaram um a um os hóspedes — cada um esperava com emoção pelo menos tocar-lhe na mão, beijá-la.

Vanga estava feliz. Deu a Lília e Ivan as suas orientações.

E o cortejo seguiu para a casa da madrinha, que não podia acolher todos. Dentro entraram os hóspedes de Ostankino, vindos filmar um documentário sobre a profetisa de Rupite, o padrinho S. K., o médico pessoal de Vanga e, claro, os noivos com os parentes e amigos mais próximos.

A mesa de casamento era farta, como deve ser, havia de tudo — desde o pão ritual e o galo assado até aos doces e bombons. Primeiro se ergueram brindes com os copos de rakia e uísque.

Vanga tinha o seu copo favorito de cobre forjado e a sua bebida preferida — uísque com coca-cola. A sua dose era simbólica, porque se media com a tampa da garrafa.

Ouviram-se exclamações: "Saúde!", "Amargo!" "Pelos noivos — que lhes seja feliz!"

Vanga: Doutor, vem cá, senta-te mais perto... Cantarás para nós hoje?

Doutor: Porque não?

Vanga: Podias tornar-te cantor, porque não?

Doutor: Pode ser, já que tu o dizes, tia Vanga. Mas então quem te tratará a ti?

Vanga: Tu, se te tornares cantor, quantas noivas correrão atrás de ti, olha — de bela em mais bela, vamos ver agora o que dirás, doutor?

Doutor: Não, prefiro continuar doutor e tratar, e cantar para os amigos.

Vanga: Diz lá, onde está o meu amigo, o professor, porque também ele não veio?

Doutor: Está muito ocupado. Mas agora não penses em doutores.

Vanga: Se não fossem vocês... Eh, pessoas, pessoas...

Doutor: Agora é tempo de nos regares. Vamos beber pelos jovens! De doenças falaremos noutra altura.

Vanga: Fácil te é a ti! (Desatou a rir.) Não sairás cantor nenhum, cuida do teu, doutor continuarás... doutor...

Doutor: Deixa-me a mim! Antes diz se os jovens serão felizes.

Vanga: O Ivan ama a sua Liliana. Olha como ele é inteligente, eh...

Um dos hóspedes interveio na conversa.

Hóspede: Diz lá, tia Vanga, quem deve ceder na família — a mulher ou o homem?

Vanga: Eh, depende, depende de muitas coisas... Mas já que perguntas, numa casa o galo deve cantar — riu-se ela.

E todos se riram. Via-se que os hóspedes da Rússia estavam muito espantados com o que ouviam e viam, porque claramente tinham ouvido sobre Vanga todo o tipo de coisas e imaginavam tudo menos aquilo que se passava diante dos seus olhos.

Diante deles estava sentada uma pessoa comum e cordial, que participava em tudo em pé de igualdade com os restantes — brincava, cantava, ria-se. De vez em quando dava conselhos maternais e sábios, comportava-se de modo tão natural que a comunicação com ela dava a todos muita alegria.

Os noivos ouviram da sua boca mais do que um bom desejo, várias vezes falou-lhes longamente algo, mas tão baixo que o dito ficasse apenas entre eles e ela.

O tempo voava depressa. E eis que, após tanta emoção e experiências agradáveis, o cansaço visitou a madrinha.

Vanga: Vamos, estou a desmoronar-me, cansei-me já, quero descansar. E que o padrinho e os hóspedes venham amanhã, para conversarmos sobre a Rússia.

O dia seguinte chegou. À hora marcada, o padrinho e os hóspedes instalaram-se junto de Vanga. Tinham-lhe trazido uma quantidade de presentes. Traduzia-lhes Stoyan Petrov, que também chegara de Moscovo para o casamento.

Vanga: Ai, estes russos! Olhem que presentes me trouxeram! Eh, que cisne!... — acariciou o presente com a mão. — Meu Deus, que beleza!

Além disso, os hóspedes doaram 500 dólares americanos para a construção do templo. Vanga aceitou-os com as palavras:

— Como a minha igreja se alegrará!

E pôs-se a ler para um dos jornalistas, que a escutava de respiração suspensa, espantado e atordoado com o que ouvia.

Vanga: Tens alguém idoso... É o teu irmão... Olha, está sentado e pede um café. Pergunta por Andrei. Quem é Andrei?

Jornalista: Não sei.

Vanga: Onde está a tua mãe?

Jornalista: Em Moscovo.

Vanga: E o teu pai?

Jornalista: Ele faleceu.

Vanga: Morreu por causa de dores de cabeça? E o que fazes tu? Ainda és fraco, tens muito que aprender...

Jornalista: O meu trabalho está ligado à agricultura...

Vanga: Tens muito que trabalhar ainda — a agricultura não é muito rica. Eis o teu pai, quer perguntar algo.

Jornalista: O que me perguntará, tia Vanga?

Vanga: Pergunta pela casa, pela casa velha e pelo poço. O teu pai começou a cavá-lo, e o teu irmão terminou o trabalho... Lá deve plantar-se uma árvore... uma pereira! És casado, tens dois filhos, mas não és da Rússia. E mima menos os teus filhos...

Jornalista: Como dizes, tia Vanga.

Vanga: Quem está a traduzir? Traduz muito bem. Stoyane, és tu? Como não te reconheci...

E Vanga de repente lançou um discurso sobre a Rússia — o que é a Rússia para nós, quantas vezes nos libertou, como são as pessoas lá...

Vanga: Quero pelo menos por um dia, por uma hora, ir a Moscovo, passear pelas suas ruas, mas primeiro tenho de arranjar a saúde.

B. Cv.: Madrinha, o padrinho quer fazer-te algumas perguntas.

Vanga: É boa pessoa. O que fazes?

Padrinho: Sou conselheiro...

Vanga: E o teu chefe estudou mais do que tu?

Padrinho: Não, mais ou menos como eu...

Vanga: Eh, ainda estás longe dele. Onde está ele agora, junto do primeiro...

Padrinho: Talvez... Tia Vanga, gostaste do casamento de ontem?

Vanga: Foi bonito, o casamento foi bonito, e tu, segundo o nosso costume religioso, tens de vir outra vez, a 30 de abril tens de vir, ao meio-dia, sentar-te ao meu lado, porque temos de dividir o compadrio, compadre, porque Cristo disse: "Bem-aventurados os que não viram e creram", mas tu és dos outros, que mesmo que vejam, não crerão.

E Vanga citou passagens da Bíblia, depois explicou o seu sentido com engenho...

Padrinho: Foi um casamento maravilhoso, e serão felizes os noivos?

Vanga: Sim. O rapaz é inteligente, a noiva é mansa, olha como é quieta, porque não haviam de viver bem?!

Padrinho: E agora diz-me, a felicidade está no dinheiro?

Vanga: Não, muito dinheiro vem do cornudo...

Padrinho: Então o que precisa o homem para ser feliz?

Vanga: O quê?... Estar vivo e saudável, não mentir — não se deve mentir. Não matar — e não se pode matar... Eh... basta-lhe ter dinheiro para alimentar a família. O que mais precisa o homem, hein?

Padrinho: E porquê vivem as pessoas?

Vanga: Pensas que é pelo dinheiro?... E Aquele lá em cima? O Céu dirá, e a Terra julgará... Assim estava escrito e assim será... Fazes o bem — espera o bem, se fizeres o mal — espera o mal.

Padrinho: Há muito mal na terra. O que espera a Rússia no futuro — o bem ou o mal?

Vanga: A Rússia abrirá as asas, erguer-se-á. Passará ainda tempo, será muito difícil, mas a Rússia é a Rússia. E digam ao vosso Boris... ao Eltsin, que Vanga lhe manda saudações e lhe deseja saúde. Talvez um dia nos vejamos. Tenho algo a dizer-lhe, a avisá-lo... que tenha cuidado.

Padrinho: Em breve haverá eleições.

Vanga: Agora não haverá grandes eleições...

Padrinho: O que gostarias de dizer às pessoas?

Vanga: Que sejam humanas, que não roubem, que não mintam, que não matem, que vivam como pessoas. Não vejo nada de terrível para o povo russo. Se a perna parar de me doer, irei a Moscovo.

Padrinho: Haverá dilúvio no ano 2000?

Vanga: Não.

Padrinho: E uma grande guerra?

Vanga: Não. Eh, vamos, basta, que o dia já se foi. Obrigada, sejam vivos e saudáveis e a 30 de abril voltaremos a ver-nos. Então seremos verdadeiros compadre e comadre, daremos presentes, pela saúde...

Impressionante é o templo de Santa Petka — essa encarnação real do antigo sonho de Vanga. Ergue-se junto à sua casinha — uma construção esbelta e alva como a neve, cujo domo se dirige aos céus. E não é preciso ter rica fantasia para imaginá-lo — como numa noite de lua aqui, no vale, descerá uma nave com extraterrestres, com os representantes de uma razão superior que chegaram a Rupite. Talvez esperem o dia em que soará a hora de Vanga, e ela, ainda em vida reconhecida como santa, voará para lá de onde toda a vida recebeu a energia do bem, de onde hauriu verdades do conhecimento universal.

No dia em que se celebrava o primeiro aniversário do Templo, junto à casa de Vanga em Rupite reuniram-se novamente milhares de pessoas para testemunhar a sua veneração à Profetisa e à igreja construída por sua vontade. O tempo estava de conto de fadas, o sol acariciava com os seus raios o domo, alegrava-se com os crentes.

E dessa vez os políticos esqueceram as diferenças de opiniões, porque num lugar tão santo todos são iguais perante Deus. Não cessavam apenas as divergências entre o clero — a divisão continuava.

Cada um dos hóspedes queria aproximar-se de Vanga, baixar a cabeça à sua mão, saudá-la. Ela aceitava com alegria não disfarçada os bons desejos.

A sua emoção transmitia-se aos presentes. E talvez então já soubesse que em breve não estaria entre nós, que na celebração do segundo aniversário observaria das alturas celestiais...

A DOENÇA TRAIÇOEIRA

De Rupite houve três chamadas telefónicas alarmantes. Como já mencionei, a primeira foi por causa da história do carro, a segunda causou a remodelação no meio do inverno. E quando Vanga me ligou pela terceira vez, aparentemente não me disse nada de preocupante, mas eu estremeci, senti uma ameaça — como se uma avalanche em movimento estivesse prestes a cair-me na cabeça.

Perguntava e tornava a perguntar, mas não obtive nem um indício de resposta sobre por que me chamava a Rupite. Ao romper da alva já lá estava.

Entrei, lancei a Joro e a Vitka um olhar perplexo, mas também eles não disseram palavra.

Depois, quando ficámos a sós com Vanga, ela finalmente murmurou baixinho:

— Quero dizer-te uma coisa... É muito importante, por isso te ligámos tão tarde.

Eu como que petrifiquei, tomada de maus pressentimentos.

B. Cv.: Vamos, diz depressa... o que há?

Vanga: Fica a saber, não estou bem. (Escolhera uma forma de me preparar.) Há muito que apalpo algo, mas agora só os médicos podem ajudar... Penso que tenho cancro.

Fiquei muda.

Vanga: A cada um o que lhe está escrito. Quem veio a este mundo, partirá. Peço-te, traz alguns bons médicos, mas não quero que se saiba. Farás isso?

Não era um pedido, era uma ordem. Depois pediu-me que lhe servisse uma tampa de uísque com coca-cola. Sobreveio o silêncio. Sentia que os outros também sabiam, mas também a eles fora ordenado que se calassem. Prometi a mim mesma estar ao lado dela — aconteça o que acontecer...

B. Cv.: Está bem, madrinha, amanhã mesmo trarei os melhores médicos, eles decidirão o que fazer. Sabes que os psicólogos podem acalmar a alma, mas não se intrometem no trabalho dos médicos.

Veio também Dimităr, entendemo-nos com olhares, sem trocar uma palavra. Pus-me febrilmente em ação.

No dia seguinte, junto de Vanga estavam o professor Kirov e o doutor Tassovski. Não pouparam nada no tratamento de Vanga, davam-lhe constantemente ânimo e falavam-lhe de quão importante era ela também ajudá-los.

Vanga recusou categoricamente a operação proposta, rejeitou também qualquer sugestão de internamento hospitalar.

Vanga: Concordo em tomar os medicamentos que os teus médicos me prescreveram, Boike.

B. Cv.: Alegra-me que ao menos nisso cedas.

Visitava-a também o quimioterapeuta Tonio Tonchev.

Vanga cumpria realmente com rigor as instruções médicas.

Após cada visita a Rupite, os médicos recomendados pelo professor Kirov expressavam a opinião de que a saúde de Vanga começava pouco a pouco a recuperar.

Na minha opinião, todos os médicos que visitavam a Profetisa cuidavam dela com dedicação, faziam esforços incríveis para ajudá-la, esperavam que recuperasse — partilhavam-no baixinho entre si, embora soubessem quão improvável era a realização de tal sonho.

Vanga sabia tudo, não a podias enganar, mas aguentava-se, sustentada pela fé, respeitava os cuidados dos que a rodeavam, levava a sério o tratamento.

Quando se falava da doença, eu e Dimităr encorajávamo-nos mutuamente, esperávamos que lhe restassem pelo menos mais cinco anos de vida. Tudo o que vos contei agora aconteceu em 1993.

A 3 de outubro de 1995, Vanga convidou bastantes hóspedes para o aniversário, a festividade correu bem. Mas uma frase aparentemente dita ao acaso fez-me estremecer.

Vanga: Vamos tirar uma foto, que pode ser a última...

Dessa altura é a fotografia com Atidje...

A reviravolta deu-se após a Páscoa. Na véspera da festa fomos a Rupite. Vanga estava de ótimo humor, agradeceu ao professor Kirov os cuidados, chegou a tentar beijar-lhe a mão — alegrou-se tanto por ele estar satisfeito com o seu estado de saúde.

Brindámos novamente à sua saúde, ela bebeu o seu "dedal" e estava alegre e contente.

Depois tudo pareceu correr mal — a forte desidratação pôs os médicos em alerta, que a cada visita a suplicavam, insistiam que fosse internada.

Vanga nem queria ouvir falar nisso.

— Não e não, agora não quero hospital... Se decidir, irei sozinha! Agora não é preciso...

Da Calmuquia chegou o seu bom amigo K. Iliumjinov — para se encontrar com Vanga, saber como ela estava de saúde, se a situação era mesmo tão grave. Durante a viagem a Rupite acompanhei-o eu, e apesar de todos os meus esforços não consegui esconder quão preocupada estava. Tornara-me uma sombra silenciosa — nada mais me restava senão tentar ser o seu apoio.

Alguns dos nossos políticos também foram então ter com ela e desejavam o mesmo — que recuperasse depressa, para alegria de si próprios e de todos os búlgaros.

Os resultados dos exames clínicos e ecográficos eram de certo modo tranquilizadores — a deterioração das duas ou três semanas anteriores fora superada. Alcançara-se uma certa estabilização do estado, no que dizia respeito às alterações etárias. Vanga estava em plena e clara consciência e fora-lhe prescrito tratamento para fortalecimento e manutenção.

No mesmo dia veio também a irmã dela, para saber o que se passava, e começou a suplicar aos médicos que levassem a Profetisa

para o hospital, mas quem podia obrigá-la a tomar tal decisão — os médicos curantes já várias vezes tinham pedido isso à paciente.

No fim de julho o telefone voltou a tocar alarmado. Dessa vez ligou-me Dimităr, que me informou que as coisas lá iam mal, e perguntou-me o que fazer.

E eu falei com Vanga, durante muito tempo tentei convencê-la a vir a Sófia para exame. No fim das contas, a 2 de agosto Dimităr ligou novamente e informou-me que Vanga concordara em deixar o seu quarto branco e ir para o hospital por uns dez dias.

Quase não era para crer. Num primeiro momento alegrei-me, mas depois compreendi que nessa decisão dela não havia nada de bom.

OS ÚLTIMOS DIAS DE VANGA

3 DE AGOSTO DE 1996, SÁBADO

Ao meio-dia a tensão à entrada do hospital crescia — esperavam a ambulância, que chegou de Petrich à uma hora. O doutor Ilchev arranjou imediatamente o internamento de Vanga no serviço de urgência. Quando lá cheguei, a Profetisa murmurou tristemente:

Vanga: Eh, queriam que me internasse... eis-me aqui.

— A tanta gente ajudaste, peço-te, agora faz algo por ti — disse-lhe eu. — Porque não queres ajudar-te a ti própria?

Quando conversava comigo e com Dimităr, fazia planos de como, após o exame exaustivo, regressaria a Rupite, para estar novamente junto dos seus, junto daqueles que não podem sem ela — entre os entes próximos e amigos, entre as suas flores amadas, junto ao jardim com as árvores de fruto e os legumes. Sentia saudades das pessoas, da sua casinha graciosa e aconchegante.

Não entrarei em pormenores, mas gostaria de sublinhar a dedicação dos médicos e enfermeiras para com Vanga. Todo o pessoal médico cumpria com muito amor e humanidade o seu dever profissional. Não posso deixar de notar também que nenhum deles, nem com palavra nem com gesto, sugeriu que quisesse aproveitar o momento para lhe perguntar algo sobre si próprio... O esforço de todos estava direcionado para uma coisa: aliviar os seus sofrimentos.

Quando ficávamos a sós com Vanga, ela repetia:

Vanga: Não briguem entre si, Boike. Que as pessoas se amem, o bem leva ao bem, o mal leva ao mal.

Diz isso também aos outros, diz-lho... Digo-to porque assim deve ser... Diz-lhes exatamente assim... Onde está o Mitko?... Ouve-me e lembra-te.

B. Cv.: O Mitko saiu um pouco... Mas eu estou aqui contigo, madrinha, diz, queres algo...

Vanga: Não, quero dizer a ambos... O tempo... o tempo já está determinado... Sei quanto me resta ainda... Eh, cansei-me... das pessoas... das dores... Muita dor... muita... Eh, grande é a dor humana... Como suportar tudo...

B. Cv.: Peço-te, agora não penses em nada, não penses nas pessoas. Todos os que vieram ter contigo para se livrarem das suas dores, agora rezam pela tua saúde... Quando melhorares, voltarás a encontrar-te com eles e a ajudá-los. Sei o que as pessoas são para ti, quanto as amas...

4 DE AGOSTO DE 1996, DOMINGO

O estado de Vanga estabilizou ligeiramente, pediu que lhe dessem água.

Isso deu esperança não só a nós, mas também aos médicos. A sua consciência estava clara, o humor — bom. Eu e Dimităr começámos a suplicar-lhe que dormisse, que descansasse, mas ela recusou bruscamente, depois calou-se e transportou-se para algures...

Passou algum tempo e perguntou:

Vanga: E o meu médico, onde está, quando virá... o meu médico?...

Para seu médico a Profetisa considerava o doutor Evgueni Tassovski, por quem sentia especial simpatia. Confiava nele e só com ele falava da doença — dizia-lhe onde doía, o que a atormentava.

B. Cv.: Em que te posso ser útil, madrinha? Queres algo?...

Vanga: Sim. Eh, Boike, tu sabes... eu acredito... Nos médicos acredito... muito. Mas agora quero conversar... contigo. Eh, Boike, Boike... Quantos falsos profetas apareceram, desde que souberam da minha doença. Lembra-te — muitos aparecerão a querer este lugar, o meu lugar...

B. Cv.: O que dizes? Isso é obra de Deus... O Senhor ou dá o dom, ou não o dá.

Vanga: Assim é. Eh, mas muitos são os que não pensam assim... Fica a saber... esperai-o, tu e o Mitko.

B. Cv.: Vamos não falar mais disso, madrinha. Para que te apressas... Antes falemos do que tantas vezes conversámos em Rupite. Foste chamada para encorajar não só os teus próximos, mas todos os búlgaros, para os ajudar. Agora és tão necessária a todos. Para onde iremos sem os teus conselhos e orientações... Tanta gente pensa em ti com amor, madrinha...

Sobreveio um longo silêncio. Depois a Profetisa disse lentamente:

Vanga: Eh, não são muitos... não... são poucos...

B. Cv.: Mesmo que tenhas razão, e poucos sejam, estão prontos a dar tudo por ti. Sabes quanto te amamos todos... E quanto aos falsos profetas, não te preocupes. Há anos que falam disso. Basta pensar quantos sensitivos e videntes apareceram e quantos vieram ter contigo.

Eu e Mitko estávamos sentados ao lado dela e sentíamo-nos horrivelmente, porque sabíamos a verdade. Mas também ela a sabia, e certamente melhor do que todos nós...

B. Cv.: Conta-me novamente sobre os "grandes" que vieram ter contigo.

Vanga: Porque não te hei de contar?... E a ti hei de contar... e aos outros... Pessoas como pessoas... Eh, lembras-te quando te contei do encontro com os sensitivos russos? Que pessoas... Queriam muito aproveitar-se do meu nome, não para o bem... não... Eh... falam... falam... — mencionou Grabovoi, que se proclamara homem-raios-X, que curava o cancro, e pareceu que o seu humor melhorou um pouco, no rosto apareceu algo como um sorriso. — Grabovoi pensa-se Deus, mas não é... é um homem comum — na vida anterior e na atual, é sempre o mesmo... Mostrei-lhe o que é uma pessoa com dom de Deus... Eh... gente... gente B. Cv. (ao médico de serviço): Não te rias por baixo, doutor, que pode ser a ti que ela arrume. Olha que te baixa umas, como ela sabe, e vamos ver-te a voar da sala para fora...

5 DE AGOSTO DE 1996, SEGUNDA-FEIRA

A pedido de Vanga, o acesso de pessoas junto dela foi extremamente limitado. Esse desejo dela foi rigorosamente respeitado tanto pelos médicos como pela segurança. Só aqueles que ela própria quisera ver eram admitidos junto dela, e por pouco tempo.

Eu e Dimităr estávamos quase continuamente presentes.

Os três conversávamos, calávamo-nos, voltávamos a conversar. Quando ficávamos a sós, geralmente começava a orientar-nos, dizia como queria que as coisas fossem, onde procurar o quê, como fazer isto ou aquilo...

Nesse dia visitaram-na a irmã Liuba e a sobrinha Krassimira Stoyanova.

Penso que nunca esquecerei o dia 5 de agosto de 1996 — os médicos já sabiam com pormenor como a doença se desenvolveria dali em diante...

Infelizmente, não eram só os médicos que estavam cientes do estado da paciente, ela própria sabia muito bem a verdade.

E apesar de tudo, os médicos ao seu redor não deixavam de se espantar com que tipo de pessoa ela era, de onde vinha toda essa força — tanto espiritual como física...

Médico de serviço (partilha com colegas): Olho para ela e penso que está a dormir. Conversamos com Dimităr e Boika quase em sussurro, para não a perturbar. De repente ouvimos a sua voz.

Vanga: Mitko... ah, Mitko... sabes... sabes que não gosto que se fale assim... baixinho... Afinal eu sei tudo na mesma. Falem mais alto para eu vos ouvir... agora vocês são a minha ligação ao mundo.

Quero notar que Vanga surpreendia repetidamente os médicos, e por vezes também os colocava em apuros com as suas perguntas.

6 DE AGOSTO DE 1996, TERÇA-FEIRA

A Profetisa ora começava a falar, ora calava-se, voltava a falar... Com grande paciência, sem reclamar, cumpria todas as prescrições dos médicos. No entanto, Vanga continuava a ser Vanga, de vez em quando fazia também alguma observação. Mais frequentemente dizia:

Vanga: Onde estás, Mitko?.. Ah, aqui... Quando vamos para Rupite? Quero silêncio e tranquilidade...

Mitko: Aqui estou, estamos todos aqui, junto de ti. Ainda há procedimentos que os médicos têm de fazer. Peço-te, aguenta mais um pouco. Assim que melhorares, partimos daqui.

Vanga: Eh, o que entendeis vós? Eh... O que eu vejo... isso vós não o vedes...

B. Cv.: O Mitko tem razão... Tem mais um pouco de paciência. Não vês como os médicos e as enfermeiras te amam. Sabes quantas flores há no peitoril, as pessoas trouxeram-tas, aquelas que acreditam na tua força e nas possibilidades da medicina...

Sobreveio silêncio, eu e Mitko olhámo-nos, não ousávamos dizer palavra para não a irritar.

7 DE AGOSTO DE 1996, QUARTA-FEIRA

Ao entrar no hospital perguntei como Vanga passara a noite, depois ocupei o lugar de Dimităr para que também ele pudesse descansar um pouco após o turno ansioso.

Os telefones tocavam sem parar, as pessoas interessavam-se pelo estado de Vanga. Isso cansava e oprimia ainda mais Dimităr, que pedia a todos que não insistissem, que esperassem pelo regresso de Vanga a Rupite e lá a visitassem.

Nesse dia chegou de Atenas a sobrinha Anna, que é médica. Anna queria saber tudo, ajudar os colegas no que pudesse, e também conversar com Vanga, que porém, estava pouco faladora, a maior parte do tempo calada.

Nesse dia senti de algum modo estranho que no estado da Profetisa ocorrera uma mudança e que essa mudança não era para melhor.

Embora com dificuldade, o que Vanga dizia ainda se entendia. Parecia comunicar com alguém que estava longe dali, queria dizer muitas coisas, mas os médicos suplicavam-lhe que não se cansasse, que descansasse.

Se ainda acreditavam que conseguiriam ajudá-la, ou se apenas queriam que assim fosse... Vanga dirigia-se para o inevitável.

No mesmo dia, eu e Mitko fomos testemunhas de provas palpáveis de comunicação com o mundo do além. Casos semelhantes são

descritos por muitos médicos e psicólogos de diferentes países. Mas dificilmente algum investigador terá sido testemunha dos últimos dias e horas do caminho terreno de fenómeno semelhante, de fenómeno tão manifesto e inquestionável como era Vanga.

8 DE AGOSTO DE 1996, QUINTA-FEIRA

O seu estado piorava cada vez mais. Foi convocado um consílio autorizado composto pelo cirurgião oncologista professor Stanko Kirov, pelo docente Tonio Tonev, por todos os médicos que nos últimos quatro anos a tinham visitado em Rupite, pelo professor Tchernozemski, pelo professor Deliiski e outros médicos experientes.

Não descreverei o processo do tratamento, porque o meu objetivo é outro — contar os últimos momentos de Vanga, os seus últimos desejos.

Eu e Dimităr esforçávamo-nos por memorizar cada palavra dela, prometemos cumprir tudo o que ela pedira.

As suas recordações giravam mais frequentemente em torno da igreja, da casa e murmurava baixinho, quase inaudível:

Vanga: Muitos anos eh, muitos anos de trabalho... quanta gente me ajudou... Construímos a igreja, eh, e ao lado dela um mosteiro feminino, Boike... Vanga sabe... Eh... que trabalho é esse, muito... Mas eu não estarei... sem mim... Tu farás isso, Boike, ouves... Tu construirás o mosteiro de Vanga...

B. Cv.: Sim, madrinha, construi-la-ei. Sabes que cumpro sempre as promessas.

Vanga: Não vos perdoarei... façam... façam... os pedidos... eu digo... Mitko, tu sabes tudo... onde o quê... como vestir-me... e não poupem... não chorem... Isso saibam-no de Vanga. Não se chora...

Manifestou o desejo de se encontrar com a mulher e os filhos de Dimităr, com alguns colaboradores da fundação que leva o seu nome. Nesse dia despediu-se dela também o jornalista Toma Tomov — ofereceu-lhe um pequeno ícone da Virgem.

Queria ver também Svetlin Roussev, perguntava por Neshka Robeva.

9 DE AGOSTO DE 1996, SEXTA-FEIRA

— Vanga está sob observação médica contínua, utilizando-se a aparelhagem mais moderna. Para manter a atividade vital no organismo da paciente introduzem-se líquidos e sais, e realizam-se procedimentos terapêuticos e de reanimação. Após alguma estabilização do estado da doente na quinta-feira, agora estão presentes todos os sinais de insuficiência poliorgânica — comunicou aos jornalistas o doutor Guerassimov na conferência de imprensa especial sobre o estado de saúde de Vanga. — Lutamos com todos os meios pela vida da Profetisa — acrescentou no fim.

Já não havia qualquer esperança, o estado de Vanga tornava-se crítico. Ela própria o sabia, por isso, assim que ficávamos a sós, começava imediatamente a falar do que e como fazer após a sua morte.

Nesse dia apertou-me a mão e murmurou:

— Enterrem-me à direita da igreja, junto dela quero que esteja o meu túmulo.

Os médicos e enfermeiras que estavam à porta ficaram petrificados com as suas palavras.

O mesmo disse Vanga a Dimităr. Nenhum de nós queria acreditar que aquelas eram as últimas horas terrenas da pessoa Vanga, que ela nunca mais regressaria à sua casa, às suas flores que tanto amava.

A Profetisa manifestou a sua vontade também quanto à forma como arrumar as flores. Compreendi que estávamos a ouvir as suas últimas instruções quando a ouvi dizer: "Arrumem bem as flores." Sempre que ela nos pedia algo, éramos obrigados a cumprir o seu desejo. Mas um deles nunca cumprimos: não chegámos com ela a Rupite antes da morte, para que lá se realizasse exatamente o seu encontro com o mundo do além — lá onde dava conselhos a tanta gente, lá onde estava o seu templo. Agora, ao escrever estas linhas, se ela me vê ou ouve, quero que saiba que eu e Dimităr estávamos prontos a cumprir a sua vontade, mas os médicos proibiram-nos sequer pensar em viagem no seu estado.

Todos sofriam sincera e profundamente, porque claramente se aproximava a hora da separação.

À tarde Vanga pediu pão e água. O seu pedido foi imediatamente atendido. Os médicos tiraram a máscara de oxigénio. Via-se que os dois pedaços de pão molhados na água lhe souberam bem.

10 DE AGOSTO DE 1996, SÁBADO

O mesmo pediu na manhã de sábado.

E depois piorou de vez. Esforçava-se por falar. Mencionou algum deserto e uma grande "casa branca", disse que os anjos se reuniam para decidir quando a levariam... que em Rupite se tinham juntado muitos hóspedes...

Mal contivemos as lágrimas.

B. Cv.: Vais ver que regressarás a Rupite e te encontrarás novamente com as pessoas...

Na conferência de imprensa desse dia o doutor Guerassimov foi breve:

— A tia Vanga está em agonia...

Pela primeira vez nos últimos anos, as rádios nacionais, a televisão e a BTA transmitiram tantas vezes mensagens sobre o estado de saúde de alguém, mas poderia ser de outra forma — trata-se de uma búlgara de fama mundial, do estado de Vanga, da tia Vanga, da avó Vanga, da Profetisa...

Pediu continuamente que lhe tirassem a máscara de oxigénio. Como se tivesse apenas um desejo — falar. Certamente tentava contar-nos tudo o que via nesse seu estado, que para ela não era algo invulgar. Os médicos não se afastavam dela um instante, não queriam perder um som do que Vanga dizia. Para todos nós era claro que cada palavra dela poderia ser a última.

Quantos anos a interrogara sobre tudo e mais alguma coisa, observara os seus diferentes estados, sempre me esforçara por compreender de onde vinha tudo isso nela.

E Vanga dizia-me sempre:

— Não te esforces por compreender, há tempo — e ele chegará.

E eis que esse tempo chegara. Sentia que com todos os meus sentidos como que captava cada palavra, via o movimento, gravava na consciência mímicas, gestos.

E a Profetisa falava, parecia retransmitir informação de alguém, introduzia os que a rodeavam no seu mundo desconhecido, tão diferente do deles.

Segundo Vanga, a alma humana é imortal. (Sobre esta questão tentarei deter-me mais detalhadamente na segunda parte do livro, da posição de pessoa que dedicou bastante tempo ao estudo dos fenómenos paranormais.)

É impossível descrever... Ela falava e parecia acariciar a cabeça de alguém, de vez em quando as mãos tremiam-lhe fortemente. Quase inconscientemente olhei para o monitor e imediatamente seguiu-se a pergunta:

Vanga: Para onde olhas... onde estás agora, hein?

B. Cv.: Estou aqui, junto de ti, seguro-te a mão. Só por um instante olhei para a janela.

Queria tanto falar... Lá para as três da tarde disse:

Vanga: Não tenhas medo, Atidje. Tu viverás, mas leva sempre contigo a bombinha. Boike, a tua mãe está aqui, pergunta porque não vais ao túmulo dela?

Fiquei muito assustada ao ouvir essas palavras.

B. Cv.: Porque está a mãe aqui, veio por mim?...

Vanga: Não, é por mim... vem receber-me... Quero ver a Liliana.

A minha filha entrou, beijou a mão à madrinha e comadre e apressou-se a sair, porque as lágrimas já lhe corriam.

O telefone não parava de tocar, as pessoas perguntavam como estava Vanga, algumas pediam para entrar, mas ela já não queria ver ninguém.

Junto à cama havia um monte de presentes, e nos vasos e no peitoril — flores de todo o tipo — tudo trazido com amor e desejo de saúde.

Vanga: Mitko... quando partimos para Rupite?

Mitko: Em breve... partiremos, verás... lá há muitas coisas novas...

Não sei como se sentia nesses momentos Vălchev, mas contava-lhe longamente o que fora feito em Rupite desde que partira...

Vanga voltou a tirar a máscara de oxigénio e a pedir que nunca mais lha pusessem, começou a falar, pediu água...

Vanga: Quantas discussões... conversas... quando nasci. Uns — a 31 de janeiro, outros — a 3 de outubro... Eh... Que falem. . o que quiserem... Só eu sei esse dia... o tempo. E a minha família... conversas... Lembrem-se... Tive um homem, Dimităr Guschterov... ele foi o primeiro, ele foi o último...

Foi um dos dias mais longos da minha vida. Uma hora antes da meia-noite inclinei-me sobre ela e disse que ia para casa, e de manhã voltaria. E ela respondeu-me: "Vai, cuida da neta, não quero que me vejas morta."

Lembro-me sempre disso com enorme dor. Nessa altura ela certamente sabia tudo. Sabia que no dia seguinte — 11 de agosto, partiria deste mundo...

...De manhã o carro não andava, voava. Subi rapidamente as escadas. Os olhares de todos eram de algum modo especiais, aproximou-se de mim o doutor Tassovski e disse:

— Acabou...

O relógio marcava dez horas e dez minutos.

É inexplicável, mas não passou meia hora e já todos se tinham reunido — os parentes, os amigos, as pessoas que a amavam...

Neshka perguntou baixinho:

— Posso entrar para me despedir?...

A irmã de Vanga começou a falar do funeral e de algum modo mecanicamente repetia o que e como lhe fora ordenado. Num momento os médicos tiveram de nos pedir que descêssemos à receção, dizendo que tudo o necessário seria feito pelos funcionários da agência funerária e que a vontade de Vanga seria cumprida.

Nunca esquecerei esses últimos dias e horas da Profetisa, descrevi-os tal como os recordo.

Se errei em algo perante ti, madrinha, perdoa-me!

Peço que me perdoem também os seus parentes e próximos por ter calado quatro anos sobre a doença de Vanga, mas tal foi o seu pedido-ordem. Levava-lhe medicamentos e sempre, como já mencionei, dava-os a Dimităr. Os médicos que iam ter com ela em Rupite, e aqueles que a trataram no Hospital Clínico "Lozenets", cuidaram dela como de uma mãe. Cumpriram a sua vontade e não permitiram que ninguém tocasse

nos seus restos mortais. Aqueles que pensam que o cérebro de Vanga foi examinado, enganam-se. Ninguém ousou, e certamente ninguém ousará transgredir a sua vontade.

Todo o povo búlgaro chorou sinceramente a notícia da morte da Profetisa. Era uma pessoa que inspirava nos outros fé num futuro melhor e os carregava com a sua energia. A bondade e a benignidade que Deus lhe dera encorajavam as pessoas, porque Vanga não vivia para si, mas para elas.

Não se sabe o número daqueles que tocaram no seu espantoso dom de profetizar o futuro. Ano após ano Vanga tentava ajudar-nos a desenredar por vezes os fios demasiado emaranhados da nossa existência não fácil, presenteando-nos generosamente com os seus sábios conselhos e orientações.

Ainda na mesma hora em que pelo rádio foi lido o comunicado da sua morte, o sino em Rupite tocou ansiosa e solitariamente.

Ficaram órfãos tanto Rupite como toda a vizinhança.

Para se despedir de Vanga vieram muitas, muitas pessoas, "desfeitas em pedaços", como gostava de dizer, de quem sabe onde a acompanharam no seu último caminho.

Entre as multidões havia políticos, cientistas, gente da arte, pequenos e grandes vieram para a última despedida...

Certamente muitos nesse momento, quando todos baixaram tristemente as cabeças, pensavam que as orientações da Profetisa, de que já se falara, eram plenamente realizáveis.

— Não briguem entre si, pensem na Bulgária — repetiu muitas vezes no seu leito de morte Vanga.

FIM E NOVO INÍCIO

MORREU VANGA

11 DE AGOSTO DE 1996

Partiu a Profetisa que via o passado e vivia no futuro.

A alma de Vanga era um templo de salvação, de cura espiritual e física das pessoas.

Dom do destino, fé no bem e última esperança da Bulgária.

PARTIU UMA SANTA

Neste dia choramos pela excecional pessoa Vanga e gostaríamos de dizer as palavras mais belas, as mais dignas dela, porque Vanga amava a beleza tal como amava a vida.

Neste dia de luto nacional queremos inclinar-nos perante a memória desta mulher sábia e dedicada — membro honorário da Liga Mundial das Mulheres, daquela que foi o nosso grande orgulho e a nossa grande esperança.

Neste dia expressamos o nosso enorme pesar e dor, porque chegou a hora de nos despedirmos da fenomenal pessoa Vanga — daquela que foi uma das maiores esperanças e possibilidades da ciência tocar no grande mistério da vida e da morte.

A salvação do nosso planeta está nas nossas mãos, o homem deve abraçar a beleza e o bem!

Por isso neste dia de luto ajoelharemos e calaremos juntos com o povo búlgaro enlutado, porque a verdadeira dor é silenciosa!

Neste dia de luto choramos, mas não sem esperança, com desespero, porque a Profetisa, que tocara no mistério de mundos desconhecidos, legou-nos uma grande esperança:

"A ALMA HUMANA É IMORTAL"

Ao lembrarmo-nos destas suas palavras, esperamos não o fim inevitável, mas aquele novo início que Vanga prometeu mostrar-nos mais cedo ou mais tarde. Ela prometeu-nos: "Estarei sempre convosco."

Silenciosa reverência perante a querida de todos nós mártir e santa.

Claro que há vida após a morte, isso não é mística, é realidade, Vanga lembrava-nos sempre disso, afirmava que cada um tem o seu destino, os seus dons e caminho, que lhe está traçado unicamente a ele.

Vamos recordar as palavras de Vanga, que ela repetia tão frequentemente:

B. Cv.: Quando não são a Vanga e os convidados não vieram ter convosco, é melhor calarem-se e não se intrometerem nos assuntos alheios. A Vanga é aquela que diz sim ou não, por isso desistam do hábito de interpretarem as palavras dela como vos convém. Vocês sabem muito sobre o além, porque há muito tempo que estão junto da Vanga... Falem, ajudem, mas primeiro ao menos apresentem-se... A Vanga claramente também se irritara.

Pouco depois animou-se e continuou a conversar connosco, como se nada tivesse acontecido. Demorámo-nos bastante, falou-se de tudo um pouco, tudo era muito interessante e eu sabia que no caminho para Sofia nós os dois teríamos muito que discutir. Temas para reflexão havia de sobra, a escolha dependia de nós e assim seria dali em diante, em cada novo encontro. Ao despedir-se, o convidado beijou a mão da Vanga, e na voz dele sentia-se uma emoção genuína.

V. I. S.: Muito obrigado, simplesmente não tenho palavras para expressar o que senti... Permito-me agradecer-lhe também pela ajuda que deu e dará a todos os que vêm ter convosco.

Com estas palavras terminou um encontro inesquecível... No carro, ele começou animadamente a partilhar as impressões e a conversa que tivemos então também se gravou na minha memória.

V. I. S.: Vou ser franco contigo — na minha cabeça giram muitas perguntas... O que é isto, Boike?... Ela não liga aos quilómetros: supera milhares deles em frações de segundo... comunica também com as almas dos mortos... Além disso, pergunto-me sempre que informação recebe daqueles pedaços de açúcar, mas não me ocorre nenhuma resposta satisfatória. Num ponto, porém, estou completamente certo — trata-se de clarividência de classe superior.

Em 1996 voltámos a encontrar-nos com o V. I. S., infelizmente o motivo do encontro era mais do que triste. Encontrámo-nos para lhe expressar a minha gratidão por ter partilhado a minha dor e ter encontrado tempo para me apresentar as suas condolências pela perda irreparável, a perda da Vanga — uma pessoa tão querida para ambos...

Tinham-se passado muitos anos daquele memorável viagem a Rupite e eis que estávamos novamente sentados juntos e regressávamos ao passado. Ao passado... De repente apercebi-me de que na altura na verdade não perdera uma palavra, nem um gesto dos interlocutores, apesar de me emocionar talvez tanto como o V. I. S. — aquela incrível conversa entre eles os dois com a Vanga dera também a mim um material muito rico para reflexão, porque também eu, da minha posição de psicóloga, procurava resposta para as mesmas perguntas.

Tanto eu como ele tentávamos penetrar na essência dos fenómenos extraordinários, cada um, claro, escolhendo o seu próprio caminho para abordar o problema.

B. Cv.: Será que o extraordinário não nos rodeia a cada passo?

V. I. S.: Treze anos passaram desde então e agora posso dizer com certeza que tu desde o início seguiste o caminho certo. É possível que a tua hipótese seja aceite também pelos outros colegas. Não te preocupes, Boike. Conta comigo, eu posso ser-te útil. A Vanga tinha uma dádiva excecional... Com facilidade via não só o que espera os vivos — ela conseguia de uma forma incrível comunicar também com os mortos. Isto não são apenas histórias, pois também eu há muito trabalho nesta área. A Vanga recebia informação das almas dos falecidos — o meu caso é mais uma confirmação.

B. Cv.: Aquela viagem a Rupite deixou em mim uma impressão inesquecível. E sobretudo a definição que tu deste então à Vanga. Chamaste-lhe realidade fantástica. Só estas duas palavras foram suficientes para me incentivar a ampliar o meu arquivo. Agora ele cresceu tanto que é simplesmente enorme. Precisamente na busca dessa realidade fantástica me esforcei por documentar todos os momentos importantes da vida dela. E pouco a pouco perdi a conta dos videofilmes, das fotografias, das gravações em cassete...

V. I. S.: O que pensas da suposição de que a Vanga possuía a capacidade única de, pela voz ou com um toque num objeto qualquer, obter informação sobre o seu dono? Assim como "chamar" os seus parentes — tanto os vivos como os mortos... E com que detalhes falava...

B. Cv.: Também eu me pergunto muitas vezes o mesmo — tenho várias versões sobre a questão... Mas estou firmemente convencida de uma coisa: falamos de algo que é real. Muitos cientistas foram obrigados a rever as suas visões sobre a natureza dos fenómenos paranormais, a olhar de forma diferente até para problemas como a estrutura do

Universo. E nisso tem contributo a dádiva desta mulher incrível. Não é ela própria uma realidade, e uma realidade que não admite dúvidas!

V. I. S.: Mais de uma vez tentei compreender a natureza do fenomenal, mas confesso-te que para mim a Vanga é um fenómeno sem igual... Certamente um dia a ciência dará resposta às perguntas que nos fazemos. E estou convencido de que já é tempo de as pessoas refletirem, aquelas a quem o tempo há muito mostrou o quanto estão atrasadas, porque ainda não compreenderam a necessidade de entrarmos em níveis mais altos de conhecimento.

B. Cv.: Sim, é assim, concordo totalmente contigo. Mas o fenómeno Vanga é um verdadeiro enigma, que nos confronta com muitos desconhecidos... E não nos deparamos aqui com uma das eternas questões da existência — a imortalidade. Diz-me, o que sabemos sobre a vida no nosso planeta, sobre a complexidade da sua organização? Não achas que a Vanga era uma enviada do Cosmos? Talvez seja exatamente esta suposição que nos dá bases para a definirmos novamente como realidade fantástica?

CONVERSAS SEM PRINCÍPIO NEM FIM

Madrinha, sabe que nunca me renderei, nunca voltarei atrás, nunca recuarei da verdade — nem um passo, direi sempre a verdade sobre o que foi, sobre o que nos legaste a nós e às gerações vindouras.

Vanga: Sabes que horas são?

B. Cv.: Não, e além disso não me importo com as horas... Mas a ti digo-to, porque tu, ao contrário de mim, interessas-te por elas. São sete da tarde. Vanga: Pensava noutra coisa — que o tempo voa depressa. Ficas aqui ou vais para Sofia?

B. Cv.: Vou-me embora, mas não tenho pressa. Sabes que estou pronta para conversar contigo horas a fio... Eu sou daquelas que sabem que nada sabem, e a ti agora dá-te para perguntar...

Vanga: Pergunto eu... mas tu também perguntas. Olha quantas perguntas te giram na cabeça... Eh, como foi o encontro com esse teu doutor da Rússia, o que diz ele... Conhece a Vanga?...

B. Cv.: Quantas vezes te hei de dizer que não é doutor, é psicólogo. Vanga: É doutor, doutor!

B. Cv.: É verdade, tens razão — ele realmente tem vários graus científicos.

Vanga: Eh, diz lá? Ficou satisfeito? Ou talvez não nos tenhamos entendido muito bem, hein...

B. Cv.: Satisfeito? Para ele bastava apenas ver-te, beijar-te a mão, para ficar feliz.

Vanga: Sim-sim! A mim é que me contas essas coisas? Vocês, não dê Deus, se alguém vos der algo, tiram-me a cabeça, só para verem o que há dentro. Mas lá dentro não há nada para vocês. Pensem vocês mesmos onde procurar!

B. Cv.: Mesmo assim, tu também nos podes indicar onde procurar a chave para os teus segredos. Vanga: Vocês são pessoas cultas. Perguntam, leem, investigam, trazem-me vários — com preocupações e sem preocupações... Querem ouvir o que a Vanga lhes dirá, não é? E depois só escrevem, escrevem. Aquele — do instituto, como era...

B. Cv.: Qual?

Vanga: Aquele, como se chamava... o meu professor. Também ele me observa, também ele só pergunta. Eh, somos amigos, mas... E o que descobriu ele sobre mim?

B. Cv.: O que descobriu?

Vanga: Pergunta-lhe a ele! Filmam-me, às escondidas, mas eu arrumei-os bem...

B. Cv.: Tu decides como agir... Quanto ao professor — são assuntos vossos. Quando decido fazer algo, primeiro peço permissão, porque sei com quem estou a lidar... Preciso que me doa a alma e não durma à noite... Quando te pergunto, tu escolhes se respondes. E sabes bem que não o faço para mim, mas para a ciência. Além disso, leio diligentemente tudo o que me recomendas, cumpro as tuas ordens. Na minha opinião, é melhor perguntar-te a ti, para não escrever disparates! E estas nossas conversas, que mais frequentemente temos à noite, talvez um dia entrem num livro. Eh, eu não sou escritora, mas de uma coisa te garanto — as palavras serão tuas e por isso terão peso no lugar certo.

Vanga: Sei, sei. Leste o capítulo 13 do Evangelho segundo João?

B. Cv.: Claro. A Bíblia tornou-se o meu livro de cabeceira.

Vanga: Lê-o outra vez. Não entendeste nada... Se lessem a Bíblia como deve ser e não deixassem as minhas palavras passar ao lado dos ouvidos, há muito que se tinham livrado das preocupações que vos

toldam a cabeça. Mas o triste é que são muitos os que não acreditam, muitos... Discutem sempre, mas por nada. Quanto a mim, eu não pretendia discutir com ela, porque compreendera o quão inútil é essa ocupação. Sei que às vezes sou distraída, e se ela me diz que não li algo como deve ser, então é exatamente assim.

Talvez com o tempo começasse pouco a pouco a ficar mais sábia e ela via-o, pelo que cada vez me dava tarefas de dificuldade crescente. Não me queixava, porque sabia que um dia só lhe seria grata por isso. Soprava um vento gélido e cortante, que te trespassava as roupas e te impelia para te abrigares o mais depressa possível no calor. E junto à vedação formara-se uma fila — as pessoas esperavam a sua vez.

Às vezes apetecia-me dizer-lhes: «Por favor, tenham piedade dessa mulher, ela também precisa de descansar. Estou convencida de que pelo menos metade de vocês forjam o próprio destino. E a Vanga dir-vos-á o mesmo que ouviram de mim, estou convencida.» Mas não é da minha conta intrometer-me. Afinal, cada um tem o direito de escolher o caminho para chegar à sua verdade. Entro e, como de costume, quando transponho este limiar, ela diz-me: «Eh, vi que o teu carro virou na esquina, e pensei — vou ter com quem conversar esta noite.» (Naqueles anos a Vanga passava quase sempre as noites sozinha — em casa ficavam apenas a mulher que a ajudava nas tarefas domésticas e o guarda.)

Vanga: Que horas são?

B. Cv.: Faz muito frio...

Vanga: Sei, por isso pergunto. Deixa a fila esperar, amanhã de manhã recebo todos. Há algo de novo contigo? Parece que te sentes mal outra vez, hein?

B. Cv.: A tensão arterial atormenta-me.

Vanga: Assim será até baterem os 54 anos. E tira esses quilos... Se não os tirares e não me ouvires — não esperes melhor... Mais uma vez encurralara-me. Desde manhã que repetia para mim mesma que a minha saúde está nas minhas próprias mãos, que começo uma nova vida e desta vez terei força de vontade. Quando conseguiu ler também estes meus pensamentos?

Vanga: Eh, o quê? Há algo de novo?

B. Cv.: Não, não há. Em compensação, trouxe umas coisas saborosas de que gostas. E enquanto o jantar fica pronto, vou tentar arrancar-te resposta para alguma das minhas infinitas perguntas que não param de me atormentar. Tu, madrinha, acreditas no acaso?

Vanga: Que perguntas são essas? Diz-me o que tramaste, que eu respondo-te com sim ou não.

B. Cv.: Uma coisa não me dá paz. Nós, as pessoas modernas, pensamos que na nossa vida há muitas coisas casuais... E o problema todo está em que não queremos admitir a veracidade daquilo que não conseguimos explicar com a ajuda da razão. Sabes que foi exatamente por esta razão que um dos teus grandes admiradores sofreu.

Vanga: Quem?

B. Cv.: O Marin.

Vanga: Ah... o Marin? Eh, ele... pensa que sabe tudo, mas assim não pode ser... Nesta vida há leis, e vocês lançaram-se a competir com elas. Sei que são muitos os que saem insatisfeitos de junto de mim. Mas dá-me um conselho sobre como lhes dizer aquilo que eles querem ouvir, quando não me é permitido falar ao vento. Ha-ha-ha... espera, vou dizer-te... Veio hoje um militar com uma mulher qualquer e trouxe-me flores. E eu gritei com ele e quase o bati com o ramo. Abandonou a mulher com dois filhos maravilhosos e veio ter comigo, mas arrastou consigo uma daquelas, eh, que se ocupam da tua ciência, como lhes chamavam... sensitivos, pois... Disseram-lhe de cima para vir ter comigo. Mas eu quando comecei com ele... ainda estou zangada. Olha para ele, trouxe-me umas crisântemos murchas... Como se eu tivesse tempo para ele, quando há tantas pessoas que realmente esperam ajuda... veio e ainda me traz um ramo... Vai, vai... começa... Vejo que essas tuas perguntas te atormentam muito. O que fazes? Estás a testar-te a ti mesma ou a mim?

B. Cv.: Não testo ninguém. Simplesmente sei que não há mais ninguém que me responda... E quando converso contigo, alivia-me a alma — dizes-me coisas que posso ler também nos livros, só que lá tudo é descrito de forma muito mais complicada.

Vanga: Então tu não acreditas em tudo o que está escrito nos livros, hein?

B. Cv.: Quem deve responder-te — eu? Ela desatou a rir. Vanga: Nestes livros... Eh... competem quem copia mais do outro... Eh, não todos, há muitos pessoas inteligentes, mas quantos são...

B. Cv.: Nem a todos é dado ser génio.

Vanga: Não sei. Génio ou não... mas se está escrito, se a pessoa acredita e trabalha, mais cedo ou mais tarde encontra a resposta certa.

B. Cv.: Então não há perguntas sem resposta?

Vanga: Não, não há. Toda a pergunta tem resposta, só que a pessoa deve saber como perguntar e que resposta quer. E se toda a vida não te encontrares a ti mesma, terás que fazer perguntas, e quanto às respostas terás que esperar... Mas tu o que é que me interrogas outra vez?

B. Cv.: Virá o tempo em que nós superaremos a nossa negação humana daqueles fenómenos que existem, mas não só não os reconhecemos, como até lutamos contra eles, porque não conseguimos encontrar-lhes explicação?

Vanga: Eh, tudo segue o seu caminho, o tempo o provará... Não te preocupes, isso também se aplica a mim. Antes de mim houve pessoas com tal dádiva, e também não as reconheciam, há-as agora. O tempo, o tempo... Ele é o nosso juiz. Eu não nego nada — nem passado, nem futuro, só uma coisa me assusta.

B. Cv.: O quê?

Vanga: O quê? O caos que está nas almas das pessoas. Não vês como o mal abre caminho, e o bem caladamente recua. Passará tempo e eu regressarei cada vez mais a estas suas palavras proféticas — no fim do século vivemos num caos tal que para uma pessoa é bastante difícil compreender o que é bem e o que é mal. Quantas vezes depois da tua morte, madrinha, me sentei diante da tua fotografia e recomecei as nossas longas conversas sobre as questões a que só tu tinhas resposta... E certamente não me enganava ao agir assim, porque as tuas palavras sobre o pensamento do homem, sobre a sua alma, sobre a vontade e os atos voltavam a reviver na minha memória. Por isso escrevo agora estas linhas — o nosso diálogo não terminou, continuará até ao meu último suspiro...

Continuarei a fazer-te as minhas perguntas e a esperar a tua resposta ou tentarei ajudar-me a mim mesma, como me aconselhavas: «Para ti não há portas fechadas.» E eu penso que há... Certamente o futuro mostrará toda a verdade... Penso sempre que, se não consegui ajudar os meus dois seres mais queridos, a minha mãe e a ti, provavelmente ainda me falta percorrer bastante caminho — e não me

resta outra coisa senão continuar a fazer as minhas perguntas e esperar a resposta. Ou procurar outras formas de descobrir aquilo que encontrava graças a ti... Tu foste a pessoa mais forte que alguma vez conheci, a tua vontade era realmente ilimitada e repetias-me constantemente para não desanimar... Sobre o que não te perguntei, e nunca me ocorreu fazer-te a pergunta: «E agora para onde irá a Bulgária?

O que será de nós, depois de tu, Vanga, nos deixares?» Nunca deitaste palavras ao vento, mas quem e até que ponto as escutava? É possível que este livro leve algumas pessoas a refletirem se não é tempo de cumprirem pelo menos um pouco das ordens que nos legaste. Lembro-me de quando me perguntaste o que nos consideram a nós, os búlgaros, como que povo nos veem. Tu, claro, sabias muito melhor, mas agora compreendo que querias ouvir o que pensam outros. Certamente não havia grande discrepância, porque em resposta às minhas palavras de que cada dia mais pessoas caem em depressões, as neuroses aprofundam-se, e o medo e a insegurança se instalam cada vez mais firmemente na alma esvaziada do búlgaro, sobre as partidas dos jovens para o estrangeiro e a mortalidade dos mais velhos, tu disseste:

«Lembra-te, não há povo mais dotado e astuto do que o nosso. Passará tempo e a Bulgária endireitará a estatura, crescerá a autoestima das pessoas, elas desenvolver-se-ão espiritualmente, aparecerão novos talentos. O tempo, o tempo — ele é o nosso juiz.» Agora não me resta senão tirar a seguinte conclusão: durante todos estes anos nós, os búlgaros, cultivámos nós mesmos a doença que nos corrói, e tu viste-o bastante mais cedo. Tu compreendias o quanto as nossas almas estão atormentadas, como perdemos a alegria de viver, porque tudo à volta ficou cinzento e sombrio.

Agora certamente será preciso primeiro recuperar a alma, e depois curar o corpo, para nos ser mais fácil caminhar para aquilo que nos espera lá, no futuro desconhecido. Depois de tanto tempo a observar como vivia a Vanga, a analisar a sua dádiva e a documentar em numerosos registos as suas incríveis capacidades, que mais de uma vez discuti com médicos, psicólogos, físicos, filósofos, cheguei finalmente à conclusão de que ela tinha o grande desejo de nos dizer o seguinte: «Não dividam o todo em partes.

Permitam que a vossa inteligência encontre a melhor solução para alcançar o grande objetivo que se propõem. Só então podem esperar o

sucesso.» Nós, as pessoas modernas, geralmente somos descrentes, e além disso muitos de nós pensam que tudo pode ser obtido de graça, sem o esforço necessário. Quanto à saúde nem falemos — só lhe prestamos atenção quando sentimos que a perdemos. E que outra coisa resta ao homem senão rezar por ajuda? Quando se tratava deste tipo de infortúnios, a Vanga dizia muitas vezes: «Como ajudar essas pessoas descrentes?

Dizes-lhes o que lhes aconteceu, e eles olham-te e não acreditam... Não acreditam nem em mim, nem nas Forças que nos protegem. E depois, quando passa o terrível, esquecem imediatamente que lhes estendeste a mão para ajuda. Eh... não todos, mas muitos esquecem. É difícil ajudar o descrente. E isto lembra-te bem — às pessoas é preciso devolver-lhes a fé, a fé...»

Lembro-me muito bem disso, mas como devolver a fé àqueles que nunca a tiveram, que não foram educados no espírito dos mandamentos de Deus — fazer o bem, amar o próximo...

A Vanga sabia que, assim que saíam de junto dela, muitos rapidamente esqueciam o que ela lhes recomendara, alguns — ainda antes de transporem o limiar da casa dela. Mas isso não a preocupava — ela sabia ser indiferente às ofensas e à desconfiança. Uma vez, mais uma vez, o assunto veio à baila e eu, como sempre, observei:

B. Cv.: Ajudas tantas pessoas, porque não te ajudas a ti mesma? Afinal, Jesus Cristo não era benevolente com aqueles que, de uma forma ou de outra, se mostravam egoístas, sabe-se que nem todos estava disposto a curar. Tens obrigação de sacrificar a tua própria força por causa do egoísmo de alguém?

Vanga: Tens razão, não há discussão... Eh, dos estranhos não dói — mas dos próximos, daqueles que estão ao teu lado e querem usar-te.

B. Cv.: Há desses?

Vanga: Há.

Ela baixou a cabeça, calou-se, começou apressadamente a esfregar as palmas das mãos. Via-se que algo não estava bem. Onde estaria ela naquele momento, o que a atormentava?

B. Cv.: Mas nós, as pessoas, somos assim — todos devíamos cuidar para que estejas bem, para que servimos sem ti, nós e a ciência... Todos se curvam diante de ti! E para que precisam encher-te a cabeça

com esses rabiscos da imprensa sensacionalista? Isso é um pesadelo! Aconselhas os outros, ajudas todos os que vêm ter contigo, e tu própria permites que alguns sobrecarreguem a tua consciência com essas invenções nojentas. Então nem eles próprios estão atolados nas suas ilusões? Tu — Vanga — não sabes com quem estás a lidar?

Vanga: Sim, é assim, mas dói...

Para a afastar do cinzento e triste quotidiano, em que por vezes se transformava a vida dela — um fluxo incessante de súplicas e sofrimento humano, por vezes “diversificado” pelas fofocas de algumas pessoas do seu círculo —, eu abria conversa sobre a vida de Jesus Cristo. Quando falávamos do seu nascimento, da sua ressurreição dos mortos, do seu caminho terreno, ela transformava-se e tornava-se outra pessoa, aquela que era por natureza — um ser elevado muito acima de tudo o que é mesquinho e insignificante.

A Vanga gostava de falar também de Jerusalém — mencionava sempre como desejava visitá-lo — só que teria de viajar de avião. E ela não gostava nada de aviões, dizia que não subia a uma árvore sem raízes.

Muitas vezes começava a falar da Mãe de Deus e do seu Filho.

Sinto tanto a falta dessas nossas conversas... Podia-se ouvi-la não durante horas, mas durante dias, e nunca cansava. Conhecia as vidas de todos os santos, contava sobre a nossa fé e a fé de outros povos, perguntava aos estrangeiros sobre os seus países, sobre as pessoas, os costumes e tradições. Esse conhecimento enchia-a de uma sensação de força e independência.

Falámos, naturalmente, também de outros temas, não menos interessantes.

B. Cv.: É verdade que inicialmente o ser humano é espírito, até se instalar num corpo físico?

Vanga: Eh, pode ser... mas sobre isso — outra vez... agora entrou-me algo na cabeça... tenho de dar uma ordem imediatamente.

Em casos assim, eu calava-me e esperava. Quando, por uma razão ou outra, não queria responder-me, a Vanga, com um tato invejável, dava-me a entender que o faria, mas não imediatamente. E realmente respondia. Nunca me enganou uma única vez...

No livro voltarei repetidamente às nossas longas conversas e da minha memória emergirão ainda muitos factos e testemunhos sobre a Vanga — o poderoso fenómeno do século XX. E memórias — quantas quiserem...

FACTOS DO QUOTIDIANO

Deus, Deus, quanta dor... Que infelicidade... ajuda-os, Deus. Alegra-os... grande é a sua dor!

A Vanga, mais de uma vez, quando ficávamos a sós, pronunciava com um profundo suspiro estas palavras...

E junto dela acorriam especialmente pessoas que já tinham perdido a última esperança. E ela encontrava forças para dizer algo encorajador mesmo aos mais desesperados, para os acalmar. Muitas vezes a ouvia dizer a algum infeliz destroçado pela dor: «Sei que te é difícil, mas lembra-te — nem todo o mal é mal, há infortúnios piores do que o teu... Por isso enfrenta o mal com coragem, não tenhas medo e diz: “Vem, mal, que há um maior...” Só assim o vencerás e poderás resistir ao seguinte... Se desanimas — está tudo acabado. Cuida das tuas coisas humanas, e o resto deixa para o Senhor... O Senhor protege-nos.»

Coloquei o mote acima também porque quem se deparar com os factos dos seus dias inevitavelmente se confrontará com testemunhos dos infortúnios humanos.

Vanga: Há quantos dias que uma mulher espera à minha porta — não me apetece nada que entre... Se soubesses a dor que ela tem! Mas amanhã estará comigo.

Eu ouvia-a e não percebia aonde queria chegar.

Vanga: O que achas, devo recebê-la?

B. Cv.: Tu decides... Mas acho que deves, já que é assim...

Vanga: Mas é descarada — passou à frente de tanta gente, e ainda não pagou a taxa. Não há remédio — entrará... Tens razão... como hei de mandá-la embora...

No dia seguinte, a mulher em questão realmente entrou junto da Vanga.

Vanga: Vejo-o, vejo... Alto, robusto, mais bonito do que o irmão... Não, não, não, ele já está entre os mortos — afogou-se. Porque é que o rio Vacha subiu tanto? Ele está junto ao tubo, junto ao tubo... (Repetiu

várias vezes as últimas palavras.) Aí vem ele, dá a mão à avó Stana. Ela pede-te que lhe leves um lenço... o rapaz pergunta por que ralham com o Valentin, o amigo dele — ele estava a dez metros dele. Não carreguem pecado na alma, ele não o empurrou para a água. Pergunta pelos amigos... Vocês não o encontrarão. Procurem junto ao tubo — está lá... Um estranho o encontrará, daqui a dois meses. Porque é que o rapaz está nu? Vejo-o sem roupa... quem da família o sonhou? Nesse dia já não estava entre os vivos. Tu és mãe, dói-te... um estranho o encontrará, daqui a dois meses...

O tempo passou e realmente, dois meses depois, a Vanga soube por uma conhecida a triste notícia de que o rapaz afogado fora encontrado não rio abaixo, mas exatamente junto ao tubo. E no caixão colocaram-no nu, as roupas deixaram-nas ao lado. Assim o sepultaram...

Estive com a Vanga naquele longínquo dia de 1987, quando ela conheceu a D. M. Lembro-me de quão timidamente essa querida mulher transpôs o limiar da casa dela.

Vanga: És órfã. Ficaste sem pais cedo. E as tuas mãos parecem lavadas com água de poço... limpas... Trabalhaste com muitas pessoas, com pessoas honestas...

Seguiu-se uma enumeração de nomes de parentes de D. M., que já há muito não estavam entre os vivos.

Vanga: Não carregues pecado na alma — o teu pai não foi envenenado. Não penses em vingança — cada um receberá o seu castigo... Isso diz-te a Vanga... Olha que valentes tens em casa, dois... E o terceiro onde está? Vamos, não falaremos disso...

E a Vanga começou a explicar que após a morte a carne humana se transforma em pó, mas a alma é imortal, continua a viver. Para renascer e desenvolver-se num novo corpo. E assim, após cada morte, vem uma nova vida, mais perfeita.

Para tentar compreender pelo menos um pouco da verdadeira essência do fenómeno Vanga, não se pode deixar de tocar nos destinos daqueles que vinham ter com ela. (Este livro foi escrito também graças a eles — muitos, após a morte da Vanga, perguntavam-me, como se combinassem, a mesma coisa: «Até quando vais calar-te? Vais guardar em ti tudo o que acumulaste durante anos e não escreverás uma linha sobre a Vanga?...» Com alguns somos amigos há muito, eles de alguma

forma conseguiam encontrar-me, onde quer que a vida me levasse — poderá ser acaso?...)

E assim, D. M. ouviu tudo o que a Vanga lhe disse. Passou algum tempo, estávamos as duas em casa dela. Parece que chegara a minha vez de ouvir o seu longo e cativante relato sobre aquilo de que fora testemunha na visita à Profetisa. O que ouvi impressionou-me tanto que me permitirei contar algo dele...

D. M.: Uns parentes do meu marido, um casal, foram a Rupite — pode dizer-se por acaso — fazer companhia a amigos. São muito bem assegurados materialmente, mas embora casados há anos, não tinham filhos. No caminho, o marido zangava-se constantemente por se ter deixado levar pela ideia da mulher, em vez de ir ao jogo. Chegou mesmo a acusá-la de ser a causa da sua infelicidade comum. A Vanga recebeu-a a ela, mas não o deixou aproximar-se, dizendo-lhe: «Tu cala-te. Passaste o dia todo a atormentar a tua mulher... Não é culpa dela não terem filhos, mas do teu bisavô, ouviste? Têm karma na família... O teu bisavô matou uma criança e enterrou-a às escondidas — por causa de uma melancia roubada. Por isso agora não têm filhos. Mas Deus é misericordioso, eh... misericordioso é Ele. A tua mulher não tem culpa, fica a saber... Vou ajudá-la, terão filhos...»

A Vanga pediu à mulher que na próxima visita levasse uma bacia, uma boneca e uma fralda de bebé. O marido descrente, já tornado pai feliz, contava que a Profetisa conseguira remover a maldição da família e estava disposto, se ela o permitisse aproximar-se, a beijar-lhe os pés, a pedir-lhe perdão de joelhos...

Durante todos os anos em que convivi com a Profetisa, vi muitas mulheres tristes, implorando com lágrimas nos olhos à Vanga, a sua última esperança, que as ajudasse a experimentar a alegria da maternidade. Desde que lhe fosse dado “de cima”, ela sempre ajudava, e depois batizava os pequenos que vinham ao mundo também graças à sua intervenção.

A Profetisa adorava as crianças. Como se Deus lhe tivesse dado sofrer a grande dor de não lhe ser destinado ter um filho próprio, para que sentisse com todo o coração a dor alheia e fizesse tudo ao seu alcance para a aliviar...

Não sei quantas famílias lhe devem a sua grande felicidade, segundo as suas palavras devem ser mais de cinco mil...

Numa tarde ensolarada estávamos sentadas à sombra no banco junto ao choupo e conversávamos. De repente mudou de tema e, do nada, perguntou-me:

Vanga: Eh... e lá também as mulheres estão de preto?

Olhei-a espantada, e ela mergulhou novamente nos seus pensamentos, depois continuou:

Vanga: Vejo duas sepulturas recentes... Sim, sim, aí estão — a mulher é idosa, e um rapaz de quinze anos.

Por tudo indicava, ela estava noutro lugar, tinha-se perdido muito longe daqui...

Meia hora depois informaram-na de que chegara uma russa de uma aldeia remota, trazendo-lhe presentes. A mulher atravessara milhares de quilómetros só para perguntar pelas circunstâncias em que falecera o filho de quinze anos. Tive de traduzir.

Vanga: O teu rapaz estava sozinho no jardim e teve um ataque... como lhe chamavam vocês... um AVC. Não chores, agora está muito bem. Pergunta pela namorada. Diz que lá está com a avó. Acredita nos médicos — tantos dias lhe estavam contados nesta terra. Há coisas que não tenho direito de te dizer. Não fiques sozinha, casa-te... com o teu amigo, é boa pessoa — sim, sim...

A Vanga falou longamente à mulher sobre a sua vida — sobre ter enviuvado cedo, sobre as dificuldades de criar sozinha o rapaz. Compadeceu-se de lhe ter sido destinado enterrar, no mesmo ano, a mãe e o filho. E deu-lhe esperança com as palavras de que, ao casar novamente, teria outro filho e a felicidade lhe sorriria. Durante todo o tempo em que lhe dizia isso, a Vanga acariciava suavemente com os dedos o ícone, o presente que a sua aflita visitante lhe trouxera. Dois anos depois, da remota aldeia russa chegou notícia — agradecimentos calorosos à Vanga por as suas previsões de uma nova vida se terem cumprido. Na carta a mulher partilhava a sua imensa alegria — dera à luz um filho, dera-lhe o nome do primeiro filho que perdera. Escrevia ainda que, como vidente, a Vanga não tem igual na terra. E no fim havia votos de muitos anos de vida para o bem das pessoas.

Numa das minhas visitas noturnas a Rupite, encontrei a Vanga durante o ritual que geralmente precedia o deitar. Estava sentada no sofá, com os pés mergulhados numa bacia com água mineral quente das

fontes locais. Claro, a primeira pergunta foi porque chegara tão tarde, mas depois falou-se de outra coisa.

Vanga: Sabes quem vem ter comigo?

B. Cv.: Não. Contigo vem toda a gente, e eu não sou a Vanga.

Ela riu-se, depois disse:

Vanga: Eh... Estiveram comigo pessoas do Grande...

Começou a mostrar-me os presentes, sem parar de partilhar as novidades.

Vanga: Convida-me para visitar... Mas eu recusei... Meu Deus, porque se vai desintegrar a União Soviética? Vão derrubá-la... Quanto sangue se derramará onde se dividirem, quanta fome haverá, que miséria...

Fez-se um longo silêncio. Ela calava-se, eu calava-me. Quando a Vanga finalmente quebrou esse pesado silêncio, esperava que falasse de algo agradável, mas enganei-me — nada de bom se seguiu.

Vanga: E tu, vais à Grécia... comprar pão... compra mais...

Eh, se as pessoas soubessem o que espera a Bulgária. Bolachas, bolachas teremos para comer em 1991. Eh... que filas vejo!

B. Cv.: Só nesse ano? E depois... tudo correrá bem, não é?

Ela abanou novamente a cabeça e manteve um silêncio sepulcral. Compreendi que me dava uma resposta não muito clara, mas claramente triste. Agora todos o sabemos — a resposta fora inequívoca, mas não quisera ou não tivera coragem de a dizer em voz alta. Certamente, nas conversas com os numerosos políticos que passavam por Rupite, a Profetisa não deixava de dar os seus valiosos conselhos e recomendações, que os visitantes provavelmente deixavam longe para trás, ou talvez os esquecessem ainda em Rupite, sem se darem ao trabalho de os lembrar até ao regresso a Sofia... Permito-me tirar esta conclusão com a consciência tranquila, porque mais de uma vez tive oportunidade de assistir aos encontros da Vanga com muitos compatriotas e estrangeiros do meio político, e depois observar os seus atos e ações. Muitas coisas já são conhecidas de todos, e o tempo ainda revelará não poucas.

Ainda em 1990, até para mim — embora conhecesse a força da sua dádiva — não queria acreditar que as suas previsões se cumpririam, mas

apenas um ano depois as suas palavras já eram realidade. As lojas estavam vazias, as pessoas passavam dia e noite em filas, saqueando quase instantaneamente os poucos produtos alimentares que restavam nas prateleiras. Chegámos à introdução de um sistema de cupões. Nas estradas começaram a desaparecer misteriosamente até camiões carregados de produtos (e também disso a Vanga me falara).

E novamente no mesmo ano ela disse-me que o Satanás não só já nascera, como começava a exercer forte influência sobre muitos.

Vanga: Cada vez mais encontrarão pessoas com olhos vazios, que vos olham, mas nada veem, pessoas que não ouvem o que lhes dizem. Levantar-se-á irmão contra irmão, mães abandonarão os filhos. Cada um procurará forma de salvação... Alguns... são um punhado, poucos... enriquecerão, e o povo empobrecerá, empobrecerá dia após dia. Haverá muitas doenças, as pessoas começarão a morrer como moscas. As prisões encher-se-ão...

Segundo ela, só a união de todos os seres humanos é o caminho para a salvação da humanidade inteira. As pessoas de todos os cantos do mundo devem voltar-se em orações para Deus, d'Ele buscar misericórdia e salvação. Devem fazer tudo para se tornarem melhores, ajudar-se mutuamente de todas as formas, para resistir às forças de Satanás e vencê-lo.

Não passou muito tempo e eis — já na prática nos convencemos da fenomenal exatidão da Vanga. Teve de viver numa nova realidade para nós, por vezes insuportavelmente difícil. Muitos adoeceram com febre do ouro, todos os dias assistimos a violência, roubos, corrupção, infanticídios... E quantos são os que mendigam nas ruas, estendendo a mão para esmola... Infelizmente, o que a Vanga previra em 1990 já é realidade. E para nós não haverá salvação, se não nos emendarmos, se não escutarmos os conselhos que nos legou. Não haverá salvação, se não nos tornarmos melhores, se não amarmos o próximo, não começarmos a ajudá-lo mais frequentemente, arrancando pela raiz das nossas almas sentimentos como a vingança, a inveja, a maldade, a ganância. Se, no fim de contas, cada um de nós, embora raramente, não começar a encontrar tempo para ficar a sós com a própria consciência.

E novamente nesse mesmo ano de 1990, eu e a Vanga tivemos a seguinte conversa, que se gravou na minha memória.

Vanga: Tu sempre perguntas pelo teu Chernobyl... Olha, até a nossa D. adoeceu, tudo por causa dele. Não conseguem diagnosticar a doença... Só eu sei como a curarei. Que a tragam.

No mesmo dia chegaram a Rupite o marido de D., a quem a Vanga disse o seguinte:

Vanga: Os rins — são a dor da tua mulher... estão muito mal... Tira férias e começa a tratar da casa, e trá-la aqui — para eu tratá-la... A Vanga tratá-la com a ajuda de Deus... Volta imediatamente, mete-a no carro e direto para mim...

(Quando a trouxeram, D. estava num estado semi-sonolento — abatida, flácida. A Vanga começou imediatamente a dar-lhe as suas recomendações.)

Vanga: Enquanto estiveres aqui, comigo, todos os dias cinco minutos — não mais! — mergulhas na piscina que fica atrás da casa... Bebe infusão de sementes de abóbora e água — dois litros da nossa, a mineral... Nada de água da torneira! Vais observar a cor da urina e dizer-me.

Uma noite fui a Rupite ver a Vanga e encontrei também a sua "paciente". Não consigo descrever o alívio que senti ao ver novamente no rosto dela o antigo sorriso radioso...

Junto da Vanga vinham pessoas diversas. Visitavam-na frequentemente também empresários. Ela aconselhava-os a criar novos postos de trabalho, a não enganar, a gerir honestamente os negócios e advertia todos a não tocarem no pão das pessoas, a não exportar cereais para o estrangeiro, porque havia perigo de fome. Geralmente avisava-os de que as tramóias com os cereais podiam "atorar-lhes na garganta", porque o povo facilmente sairia às ruas e então seria difícil pará-lo. E ao despedir-se recomendava-lhes sempre o mesmo:

«Guardai o pão para o povo!»

Os anos passavam, e o que ela dissera, para grande pena, cumpria-se. A economia e a agricultura caminhavam para a ruína, aumentaram os assassínios por um pedaço de terra. A Vanga considerava que a uma pessoa basta completamente um ou dois decar para a sua exploração pessoal — não mais.

Os tempos de divisão e cisão provaram-nos quanta verdade havia nas previsões da nossa Profetisa...

Uma vez veio ter com a Vanga uma mulher de Debich, para partilhar o seu grande problema — na casa dela aparecera um poltergeist e estava a caminho de enlouquecer a filha.

Vanga: Vejo-o, está nela, por isso o ventre dela incha... como o de uma grávida. É dos maus... Traze-me um pão ritual e fermento. Eu expulsá-lo-ei da vossa casa... a criança acalmar-se-á.

Ao sair, a mulher, ainda antes de fechar a porta, declarou em voz alta ao marido, que a esperava, que ouvira disparates. Mas alguns meses depois voltou a Rupite. Foi recebida com as palavras:

Vanga: O que fizeste, hein?! Porque não me escutaste? É tarde, é tarde... Vejo a criança num manicómio. Nada se pode fazer. Não escutaste a Vanga... Vai-te embora...

Lembro-me de outro caso com uma mulher de Vidin, mãe de uma estudante. A filha dela enlouquecera subitamente — tornara-se agressiva, deixara de reconhecer os que a rodeavam, destruíra tudo no quarto onde a isolaram. Os médicos não conseguiam fazer nada para melhorar o seu estado. A Profetisa chamou a mulher pelo nome e ordenou que a deixassem entrar sem esperar a vez, depois disse-lhe:

Vanga: Volta depressa para Vidin. Antes do nascer do sol, irás à mata próxima, colherás um grande ramo de flores silvestres... Tanto faz quais. À noite, ferve-as em cinco litros de água e, quando arrefecer um pouco, rega com ela a rapariga.

Cerca de duas semanas depois, a mesma mulher voltou a Rupite com o carro cheio de presentes e começou a derramar agradecimentos. A Vanga ouviu-a, alegrou-se por a rapariga ter recuperado, e quando a mulher quis deixar-lhe os presentes, gritou:

Vanga: Vai-te embora, vai-te embora... Dá tudo às pessoas... Fora daqui! Reparte... tudo... Tu és culpada pelos sofrimentos da tua filha. Olha para ti, o que fizeste toda a vida — arrastas, só arrastas e cobiças. Tens uma casa como um palácio. Mas nunca deste nada nem a órfãos, nem a vizinhos. Eu não sou loja... Não quero nada teu. Dá-o às pessoas. Em vez de te punir a ti, Deus puniu a tua filha... para que pague pelos teus pecados, porque assim dói mais. Devolve, enquanto não é tarde, tudo o que acumulaste. Senão pode piorar!

Depois, a Vanga disse-nos que essa mesma mulher ofendera muitos dos seus amigos, fizera chorar muita gente. E a filha dela, essa alma pura, sofrera para expiar o mal feito pela mãe. A Profetisa observou

que ultimamente nasciam cada vez mais gémeos, e que as crianças de hoje são muito mais inteligentes e desenvolvidas. E acrescentou que são almas enviadas à Terra para ajudar o crescimento espiritual da humanidade.

A Vanga via o que o futuro traria, mas se se aproximavam desgraças fatais, muitas vezes calava-as. Lembro-me de como, em fevereiro de 1991, uma conhecida me disse:

— Convencemo-nos a ir ter com a Vanga, mas ela disse-nos primeiro para terminarmos os nossos compromissos de trabalho, que não era altura de ir a Rupite. Não conseguia entender porque nos recusava, mas não passou meia hora da conversa telefónica e tudo se esclareceu. Tocaram à porta — veio a polícia. Não consigo descrever como nos sentimos quando soubemos que a nossa loja fora assaltada. Tivemos de ir imediatamente para lá...

Regressámos tarde da noite e liguei para Rupite, perguntei-lhe porque não nos avisara, teríamos tomado medidas. E ela respondeu-me: «Como vos hei de dizer? Agora há só uma porta arrombada e coisas roubadas, mas se tivésseis ido — uma pessoa morreria. Os danos materiais arranjam-se, mas a vida humana não se devolve. Os ladrões serão apanhados em poucos dias. Só arrombaram a porta, quase nada levaram...»

Mais tarde, durante a investigação, verificou-se que o roubo fora duplo — uns arrombavam, outros levavam — roubaram o que conseguiram antes da chegada da polícia e da segurança.

A Vanga, durante longos anos, juntava dinheiro para a construção de uma capela em Rupite. Contava muitas vezes às pessoas próximas esse seu sonho. E quando obteve autorização para a construção, a Profetisa reuniu-nos e disse-nos o que fazer durante o ritual que chamou de sacrifício: escrevemos os nossos nomes num papel e enterrámo-lo juntamente com as moedas que juntámos no local onde seriam colocadas as fundações da capela. Até tarde da noite o lugar ecoava com cantos e música — os participantes no ritual da Vanga celebraram o grande evento para ela.

Pouco depois partilhou que nessa mesma noite lhe aparecera Santa Petka e pedira que erguesse não uma capela, mas uma igreja, com um mosteiro ao lado. A Vanga estava abatida também porque a santa lhe indicara outro local para a construção do templo e lhe dissera que o campanário devia ter três sinos, cujos vozes de bronze se espalhassem

de Sandanski a Petrich. Além disso, fora-lhe dito que esse seu templo se tornaria lugar de peregrinação para búlgaros e estrangeiros, algo como um novo Santo Sepulcro.

Mais tarde, a Vanga partilhava muitas vezes que via em Rupite três mulheres de negro: a Virgem Maria, Santa Petka e a grande mártir Vangelia. Afirmava que desde então começara a cumprir a vontade das duas primeiras santas.

Mais de uma vez me perguntei se a Vanga não estaria entre nós como enviada do Altíssimo, descida dos céus com uma missão precisamente determinada: viver uma vida de mártir, cujo objetivo é o bem das pessoas. Essa sua dádiva dada por Deus para curar, fazer milagres, essa sua vida de verdadeira mártir convenciam-me cada vez mais de que nos dava algo imensuravelmente maior do que aquilo que nós, as pessoas, pomos nas palavras “dom de Deus”. Quantas vezes dizia: «Vocês ocupam-se só com as vossas preocupações, e eu penso no mundo inteiro.»

Isso aconteceu num dia de festa. À noite, a Vanga pediu a uma das mulheres que encontrasse o gerente da estação de repouso e lho trouxesse. Ele parou diante dela, e ela gritou-lhe:

— Corre para o teu jardim, alguém está a roubar as batatas.

Mas ele decidiu mesmo assim divertir-se mais um pouco e não foi ver o que se passava. No dia seguinte veio ter com a Vanga pedir perdão, disse que lhe roubaram dois terços da colheita.

À noite, a Vanga dizia muitas vezes a rir:

1. Eh... diverte-te, diverte-te. Amanhã terás que chorar.
2. A quem te referes?
3. Ele sabe...

Quando voltava a perguntar-lhe o mesmo, ela apenas sorria e calava-se.

A Vanga não gostava da mentira e zangava-se muito quando alguém do seu círculo tentava introduzir uma pessoa sua sem esperar a vez. Nesses casos dizia sempre: «Vejo tudo o que fazem às pessoas. Um belo dia pagarão, e caro.»

Como já mencionei, a maioria dos factos expostos refere-se a pessoas atingidas por grande infortúnio. Geralmente anotava exatamente essas conversas.

— Noiva, tens um tumor na mama... Tem de ser removido imediatamente... Mas na noite antes de ires ao médico, faz um cataplasma de salsa finamente picada.

Graças à intervenção da Vanga, a operação, embora feita com algum atraso, correu bem, e agora, em cada encontro, essa mulher diz com lágrimas nos olhos:

— Quanto lhe devo! Não sou nada dela, e ela salvou-me a vida.

Mais de uma vez, por recomendação dela, as pessoas prestavam atenção primeiro a algo que exigia intervenção mais urgente, independentemente de terem ido por outro motivo. Havia casos em que alguém ia pedir ajuda para familiares doentes, e a Vanga via que o próprio também devia prestar atenção à saúde, e enviava-o ao médico adequado.

Mas se via a morte de alguém, geralmente despachava os familiares, recomendando-lhes que voltassem outra vez — e estava certa de que pelo mesmo motivo nunca mais viriam a Rupite, porque a pessoa já não estaria entre os vivos. A Vanga tinha a sua ética.

Lembro-me também de um episódio... Um jovem morrera num acidente de viação e o amigo veio perguntar como tudo acontecera, quem conduzia. E a Profetisa gritou-lhe:

Vanga: Deixem o rapaz em paz! A mãe chora... ela chora mais do que todos. Eis a vossa democracia, compraram carros a rodos, querem ver tudo de uma vez! O teu amigo tem uma corrente de ouro — que ta deem a ti. Ele é culpado pela própria morte. Meu Deus, olha como ficou o carro?!...

O rapaz: Não me dirás mais nada, tia Vanga? Talvez ele precise de algo?

Agora ela não gritava, o rosto escureceu como nuvem antes da tempestade.

Vanga: Pouco te disse, hein? E tu tem cuidado!... Ouviste?! Mimaram-vos, as vossas mães e pais mimaram-vos. Eh... vês... até onde chegastes...

O jovem beijou-lhe a mão e partiu choroso. Não me contive e perguntei:

B. Cv.: Porque o repreendeste assim? Ele está triste... Só de ti pode ouvir a verdade...

Vanga: Tu cala-te! Passará um ano ou dois... em breve ele irá ter com o amigo.

B. Cv.: O que estás para aí a dizer?!

Vanga: O que queres que te diga? É a verdade. Está-lhe escrito.

B. Cv.: Não quero acreditar... Como é possível?

Vanga: Falaremos novamente. Se quiseres acredita, mas é esse o destino dele.

E esta previsão, infelizmente, já se cumpriu...

Por vezes acontecia que, depois de lhe dizerem o diagnóstico posto pelo médico, ela o rejeitava assim que tocava no objeto trazido. É possível que algumas pessoas tentassem esconder a verdade, e não dela, mas do seu círculo. Para a Vanga a verdade era clara — como na palma da mão. Uma conhecida contou-me como ficou petrificada quando ouviu a Vanga dizer a uma jovem mulher, que viera perguntar pelo marido: «Vejo uma sepultura... Só um milagre pode mudar as coisas, mas milagre não vejo. Tens de te resignar, aceitar o teu destino...»

Essa simpática mulher fez-me a seguinte pergunta:

— Boike, como podes anotar esses sofrimentos humanos?

Expliquei-lhe que anoto não sofrimentos, mas factos, e que esses meus registos são testemunhos vivos das capacidades fenomenais da Vanga...

...A Vanga chamou ela própria a mulher com a criança, que pacientemente esperava a vez quase no fim da fila. Assim que a mulher, espantada com a preferência, entrou, a Vanga começou imediatamente a falar-lhe, e desta vez a voz era suave, aveludada:

— A tua criança está muito doente — não tenhas medo, vejo cura. Traze-me um lençol e uma garrafa com água do vosso rio.

Dito e feito. Em breve a mulher estava novamente com a Vanga, cumprira todas as recomendações.

A Vanga segurou o lençol e a garrafa poucos minutos — apenas enquanto explicava à mãe que devia regar o menino com essa água, depois envolvê-lo no lençol e deitar a água novamente no rio.

Apenas um toque das mãos dela fez o milagre. E tais milagres aconteciam certamente todos os dias...

É facto que a Vanga dava de bom grado inúmeros conselhos valiosos aos seus familiares e próximos sobre viagens iminentes, relações familiares, trabalho, saúde. A sua ajuda revelava-se eficaz para superar muitos problemas da vida.

Num sábado veio ter com a Vanga um homem a quem ela batizara muitos anos antes — para a convidar para o casamento do filho. Até me senti incomodada quando ouvi com que frieza lhe respondeu:

— Enlouqueceste? Quem faz casamento ao sábado? Esse dia é para os mortos. Se se divertirem ao sábado, eu não serei madrinha, os mortos não me perdoariam.

Passou algum tempo e, numa das minhas idas a Rupite, vi lá o mesmo homem — todo engessado. O homem disse-me:

— Não escutei a Vanga na altura e fizemos o casamento ao sábado... Não passou uma semana, viajava de carro e de repente uma força qualquer me atirou para o abismo — mal sobrevivi. Aqui estou, vim pedir perdão e perguntar o que fazer.

A Vanga ouvira a nossa conversa, porque a tínhamos a poucos passos dela, e exclamou:

— Disse-te eu! Quem não escuta, sofre na própria cabeça. Mas pronto... o que foi foi. Agora traz-me os noivos no domingo, para arranjarmos as coisas...

Em 1993, a Vanga está sentada com uma próxima no banco diante da casa e falam das pessoas, do Cosmos, da Terra. De repente, sabe-se lá o que lhe deu, e grita:

— Corre, diz-lhes para baixarem o domo, que o guindaste inclinou-se e vai cair!

Os construtores reagiram imediatamente, pois também eles ouvem as suas palavras — a distância entre ela e a obra é relativamente pequena. Eis que exatamente ela, a cega, conseguira ver primeiro o perigo e evitar a eventual desgraça. E novamente ela foi a primeira a

notar que a cruz da igreja estava ligeiramente inclinada, e os construtores corrigiram o erro.

A Vanga tinha relações interessantes com os vizinhos, com as pessoas locais. Eles ajudavam-na com o que podiam, e depois sentavam-se para beber um copo com ela...

Uma vez estava sentada sob o choupo e em voz alta dava ordens aos que se afadigavam junto ao poço.

— Mais devagar, Djoni! Ponham a bomba (como percebem, trata-se de “pompa”), mas não essa, a nova, que trouxeram hoje de Sofia. A velha devolvam a Bojidar. Ouviste, Joro, diz-lhe que se engasgue com a bomba dele! Muto, e tu porque andas aí a enrolar, em vez de me trazeres a pessoa que está contigo! Fizeste-me muitas gentilezas... Agora mexe-te, traz-ma!

O calor era insuportável... mas entretanto, a água do poço jorrou e a Vanga começou a alegrar-se como criança. Vinham pessoas, beijavam-lhe a mão e partiam, para dar lugar a outros... De repente virou-se para mim:

Vanga: Espera, não vás ainda. Quando acabar aqui, conto-te o que aprontou o Bojidar, tudo ia arder.

B. Cv.: Qual Bojidar?

Vanga: Qual? O de Velitchka.

B. Cv.: Não ligues a todas as loucuras.

Vanga: Espera, fica — vamos comer feijão, e a minha amiga Ivanka trar-me-á novamente um saco inteiro de açúcar. Como conseguem todas essas mulheres enganar-me...

O tempo passa, já estávamos sentadas à mesa, quando finalmente chega Ivanka e começa o diálogo delas:

Ivanka: É verdade, atrasei-me, mas enquanto cumpro todas as tuas ordens, enquanto encontro carro... e as pernas doem-me... só para mim não encontras remédio...

Vanga: Falas bem, mas agora a Vanga diz-te: comes e bebes, e depois — remédio que te procure! Não consigo encontrar-te. E queres que fale da hospitalização?

Ivanka: Não, não, deixa, são assuntos nossos.

Vanga: Eh, quanto açúcar me trouxeste hoje?

Ivanka: Eh tu, Vanga!

Vanga: Vamos, diz, diz... pronto, dá-ma — vou olhar... Ah, à rapariga cuja caderno trouxeste, diz-lhe para não andar de um lado para o outro, que se aplique e estude — assim não será estudante.

É assim que mais ou menos decorria todos os dias o almoço em casa da Profetisa. Se não viesse Ivanka, aparecia Lyubka, a irmã da Vanga.

Muitas vezes ríamo-nos de coração, brincávamos e divertíamo-nos. Por exemplo, uma vez veio um parente dela e disse:

1. Roubam-me as ovelhas, madrinha, e sempre à mesma hora.

2. Mas o que queres tu, que eu vá guardá-las, hein? Não me ocupes com as tuas parvoíces, olha para ti como és grande... que um dia tas roubem todas... Que te sirva de guarda, hein?!

Noutra vez fui testemunha da seguinte conversa entre a Vanga e uma rapariga:

1. Tia Vanga, tenho vários namorados. Quero casar... Diz-me qual escolher.

2. Olho para ti e não sei — se hei de rir ou chorar. Porque hei de eu dizer-te qual escolher... Senta-te e pensa, farás como te ditam a consciência e o coração. Recebi-te porque te mandam pessoas próximas, mas digo-te que te estás a brincar com os sentimentos das pessoas. Da Vanga fica a saber: o que semeares, isso colherás.

Especial impressão causou-me o encontro dela com o presidente da câmara de Pazardjik, que se queixou de que ultimamente na cidade morriam muitos jovens.

— E porque cavam sepulturas antes de levar o morto? — perguntou-lhe a Vanga. — Cada buraco cavado espera o seu morto, para se encher. Mesmo que haja morto, os coveiros que cavem no dia do funeral. E isso tem importância... tudo tem importância...

Quando se tratava de acidentes com crianças, a Vanga ficava inquieta, por vezes muito irritada. Uma vez disse-me:

— Na aldeia ao lado vejo um menino afogado e muitos peixes vorazes. Tanta gente o procura... mas não onde deve. Diz-me, o que hei de fazer — a alma dele está à minha porta e chora pelo corpo...

Tarde da noite os familiares vieram ter com a Vanga e com a sua ajuda encontraram a criança.

Aqui está mais um relato de uma desgraça que se entrelaçou com algo muito pessoal para ela. Escrevo e novamente arrepio-me ao lembrar o que aconteceu em março de 1996, quando veio ter com a Vanga aquele casal de Sofia. A mulher gabou-se de terem comprado casa, como faria qualquer nova dona de casa — e convidou a Profetisa a visitá-los.

E a Vanga respondeu-lhe:

— Tu cala-te, a ti não te visitarei, mas olha, ao teu marido irei.

Àquelas palavras dela senti imediatamente um estranho frio. E no mesmo instante compreendi que ia acontecer algo muito sério, mas o quê exatamente — o tempo o mostraria. No início de julho o marido partiu muito jovem, com apenas 32 anos, e em agosto partiu também a Vanga. Ainda então, em março, ela talvez já soubesse o dia e a hora da sua morte...

A Vanga não gostava de falar de política. Raramente, quando conversava com pessoas completamente desesperadas com a crise económica, começava a acalmá-las, dizendo também isto: «Quando vier o terceiro, então viveremos melhor.»

De que terceiro se tratava não sei — a Vanga nunca mencionou o nome dele.

Por vezes, quando entrava junto dela, ela fazia-me sinal para me calar. Depois explicava-me que naquele momento o quarto estava cheio de pessoas que lhe contavam histórias de épocas diferentes. Era-me muito interessante ouvir os seus relatos... A Vanga tinha frequentemente contactos semelhantes. Eu ouvia-a e agradecia ao destino a oportunidade de me tocar em algo que era tão distante para nós. Falava-se de cidades inteiras sepultadas debaixo da terra após cataclismos naturais, da vida das civilizações antigas, dos seus costumes, dos sacrifícios que ofereciam aos deuses.

À Vanga chamavam-na de formas diferentes: curandeira, vidente, feiticeira, terapeuta. E ela mais de uma vez me disse que o que melhor lhe assentava era mártir.

Muitos colegas, incluindo eu, tentávamos decifrar o segredo da sua dádiva. Até agora essas buscas não se coroaram de sucesso em ninguém. A própria Vanga dizia que o futuro daria resposta a muitas das perguntas a que não lhe era permitido responder. E quantas vezes me acalmava com as palavras: «Não te entristeças!»

Mesmo durante as nossas conversas nos dias antes da sua morte, encontrou em si forças para me dizer: «Fica a saber — na Rússia encontrarás muita gente... aqueles que vinham ter comigo... Contar-te-ão bastante... Toma uma linha de cada relato... e regista-o...» Claro que o fiz.

Agora, que o destino já me fez encontrar alguns deles — não só da Rússia, mas também da Índia —, poderei dar uma resposta mais precisa à pergunta: quem foi afinal a Vanga?

E além de tudo o mais, ela era uma verdadeira otimista. Eis o que me disse uma vez: «Lembra-te, virá o dia em que a mentira desaparecerá da Terra. Não haverá violência nem ganância, nem guerras haverá... e aqueles que ficarem vivos saberão quanto vale a vida e protegê-la-ão...»

Por mais que tentasse obter mais informação sobre o que acometeria a humanidade até lá, ela dava-me sempre a entender que não conseguiria...

AS PESSOAS, A TERRA E OS CATACLISMOS

Como as gotas de chuva e os flocos de neve, uma vez que voem para baixo, não há como voltarem ao céu, mas regam a terra, dão-lhe fertilidade, para alimentar os famintos, assim Ele generosamente oferece a luz do seu espírito.

Conversámos com a Vanga horas a fio sobre a Terra e tudo o que com ela se relaciona: os animais, as plantas, o ar, o sol e a água, as pessoas, o seu papel na vida do planeta, as catástrofes naturais. Centenas de vezes voltámos a esses temas emocionantes. A Vanga contava-me das desgraças catastróficas que aconteceram no passado distante, e também nos nossos tempos, dos vícios humanos que as causaram, e dos novos cataclismos que nos esperam por causa da nossa blasfémia e ignorância.

Em 1972, durante um grande fórum internacional, cientistas de renome mundial chegaram à conclusão de que a tendência do homem para a autodestruição é um facto inegável. Sobre isso foi escrito em relatórios com carimbos especiais, mas ninguém entre nós ousava fazer declarações semelhantes abertamente.

Anos antes do congresso mencionado, a Vanga, que vivia bastante isolada de várias fontes de informação — rádio, televisão, jornais —, já insinuava que nós, as pessoas, causamos grandes danos à natureza e em breve pagaríamos por isso, sofrendo não só nós, mas também as nossas gerações.

Mais de uma vez avisara também os nossos governantes de que não deviam construir certos gigantes industriais, porque poluiriam a atmosfera com os seus venenos, mas quem lhe dava atenção?

Sobre os tempos atuais, a Profetisa expressava-se categoricamente:

Vanga: Haverá cataclismos e a culpa será também nossa, das pessoas, não só da natureza... A Terra já não é a mesma de outrora. O ar não é o mesmo... tudo mudou... Antigamente a Vanga contava a alguns que assim aconteceria.

B. Cv.: Ora bem, segundo tu, haveria forma de parar esta calamidade que agora nos assola? Poderíamos ter preservado a ecologia, e não só na Bulgária?

Vanga: Não, agora já não, por mais que os cientistas digam... Digo-te — antigamente não envenenavam a terra com esses adubos artificiais e disparates. E como era a Bulgária nessa altura... e agora como é?

B. Cv.: Como hei de ver o que foi e o que é agora em toda a Bulgária? Eu que não sou a Vanga...

Vanga: Sei, tu não és a Vanga, como sei que a Bulgária já não é a mesma.

B. Cv.: Tu o quê, queres dizer que a antiga Bulgária pobre pode comparar-se com o que é agora?

Vanga: Não percebes nada. E não só tu, mas muitos outros não percebem. Agora alimentam os descendentes com venenos, e depois virão queixar-se a mim: «Ai, quanta gente apanhou cancro, quantas novas pragas se espalharam. Ajuda-nos, Vanga!» Hein?!

Uma vez levantado este tema doloroso para a Vanga, a conversa não terminava assim. E agora continuou o seu monólogo de juiz inexorável:

Vanga: Cada segundo queria que a água no seu rio fosse limpa, a sua terra limpa para as colheitas. Os cientistas pensavam, faziam as suas experiências, fértil era a terra búlgara... E até há pouco era assim. No Ocidente já controlavam as frutas e os legumes, e os nossos espertalhões, por lucro, espalhavam químicos, os tomates amadureciam artificialmente. Depois vocês comem tudo isso — eis de onde vêm as doenças. O ganancioso por dinheiro não pensa nas pessoas... uma vez perguntei a uns: «Estes tomates que me trazem, são dos vossos ou dos que cultivam para vender?» E eles dizem-me: «São dos nossos, tia Vanga, dos nossos.» E olham-me nos olhos! A que ponto chegámos, Boike, se até os tomates dividimos em nossos e vossos.

Lembra-te — o homem cria e o homem destrói. Mas ninguém é mais forte que a natureza — ela vingará-se, por tudo se vingará...

E isto abaixo é um excerto de outra conversa.

B. Cv.: Quero perguntar-te novamente sobre Chernobyl.

Vanga: O que devia dizer, disse na altura, agora é tarde para perguntar... Agora nascerão deficientes e aleijados e isso não será só nas pessoas, com tudo o que é vivo será assim... Ontem veio um idiota gabar-se: «Nasceu-me um bezerro de duas cabeças, tia Vanga.» Eh, o que me dizes a isso?

B. Cv.: Causou grande dano o acidente à Bulgária?

Vanga: Volto a dizer-te — faltam-me palavras. Se tivessem avisado as pessoas, mas calaram-se. Esse silêncio é grande pecado, quantas pessoas nos despediremos por causa desse maldito acidente...

B. Cv.: Que pessimismo é esse teu — não sabes do progresso?

Vanga: O progresso é progresso, mas com a mãe natureza não se faz assim — ela não perdoa. Grandes mudanças haverá na natureza — cedo ou tarde ela dirá a sua pesada palavra.

B. Cv.: É assim tão terrível? Há alguma saída?

Vanga: Não há e em breve não haverá, enquanto não purificarem a água e a terra de todos os venenos. Enquanto ainda fumegarem essas malditas chaminés altas — anota isto! — pelo contrário, nada mudará,

haverá sempre novas e novas doenças. Ainda quanta coisa não sabes... mas não tas posso dizer...

B. Cv.: Que doenças serão essas — ao menos isso diz...

Vanga: És culta — não és cega? Ora uma icterícia se espalha, ora outra. E as alergias? Os médicos têm as mãos atadas, não sabem o que fazer... Não têm culpa — não conseguem curar essas malditas alergias. E que sofrimentos são esses para as pessoas... E as várias neuroses... e quantas doenças ainda espreitam as pessoas — melhor calar-me, que até a mim me assusta, quando penso nisso.

B. Cv.: Achas que tudo isso afeta o sistema imunitário das pessoas?

Vanga: Pensas que me confundes com essa pergunta. Nem penses, mas porque me perguntas a mim — pergunta aos médicos.

B. Cv.: Segundo tu, a SIDA também é resultado das mudanças desfavoráveis no ambiente?

Vanga: Milhões mandará para o outro mundo, antes de descobrirem cura para ela, e tu — resultado das mudanças! É uma doença vergonhosa, mandam-na de cima, para compreendermos quanto pecámos contra a mãe terra.

B. Cv.: Significa isso que as crianças infetadas também são pecadoras? E os cientistas — não se atrasam com as medidas?

Vanga: Não, as crianças não são pecadoras, mas vês que elas expiam o feito pelos pais. Quanto me perguntas pelos cientistas... Ordenam-lhes que pensem, eles inventam algo e depois... os políticos gabam-se de quão grandes são os seus países. E eles, como todos, sabem quais são as leis da natureza, mas cada um tem a sua moral, tanto conveniente perante a consciência, como depois se esconde atrás dela.

B. Cv.: Mas eles também sofrem — não vivem como nós e comem os mesmos alimentos?

Vanga: É assim, mas também não é... E pensam de forma diferente.

Mais uma vez me convenci da veracidade das suas palavras posteriormente, quando na Bulgária começou o processo contra aqueles que calaram sobre Chernobyl e não tomaram medidas para proteger a população das consequências nefastas da radiação. A Vanga não só avaliava a importância do evento, como penetrava profundamente na sua

essência, levantando questões como a inexorabilidade das leis da natureza, a moral e a ética, e procurando as causas primeiras da retribuição iminente, porque pela sua firme convicção na natureza não há acasos.

Em 1997 encontrei-me com uma mulher encantadora que, durante o acidente, estava em Chernobyl para ajudar na evacuação das crianças das áreas afetadas. Nessa altura era muito jovem, acabara de terminar medicina... O que a espera agora pelo heroísmo manifestado? Lembro-me do que dizia a Vanga em casos semelhantes, eis as suas palavras, às quais também eu me juntaria: «Que Deus proteja ela e pessoas como ela — que nada de mau lhe aconteça. E quem semeia mal e sofrimento, cedo ou tarde pagará por isso.» Como confirmação da veracidade destas palavras pode servir uma história do tempo em que a Vanga ainda estava entre nós.

Várias vezes me ligaram a pedir que levasse a Rupite pedaços de açúcar — tratava-se do destino de uma doente de cancro. Os familiares quiseram acompanhar-me.

Entreguei à Vanga os pedaços, ela rodou-os nas mãos e gritou-me.

Vanga: Estás louca! Tens juízo?! Sabes o que tenho agora na mão? Essa pessoa causou o maior mal ao nosso povo.

B. Cv.: Espera, espera — esse pedaço de açúcar é de uma mulher.

Vanga: Tu cala-te, não me ensines a mim! Ainda não te expulsei, mas... estão a fazer de ti parva... O marido dela é culpado de tudo. Ele escondeu a verdade do nosso povo. Foi ministro.

Nesse momento intervieram as pessoas que eu trouxera comigo:

— Tia Vanga, sabes como eram os tempos. Agia-se por ordem.

Vanga: Sei, sei essas vossas ordens! Sempre se encontram justificações para as cumprir. Ele será julgado, e a mulher partirá. Ateus sois vós — só credes em vós mesmos, só vos amais a vós mesmos. E o povo?

A Vanga zangou-se com razão — exatamente pessoas assim nos desinformaram, dizendo no rádio e na televisão que a Bulgária estava longe, que o povo mantivesse a calma. E Chernobyl ei-lo onde está... Esses pensamentos sombrios por um momento afastaram-me do presente, mas a voz alta da Vanga depressa me devolveu à realidade, que também não era cor-de-rosa.

Vanga: E tu, se voltares a trazer-me ateus assim, que o teu pé não volte a pisar aqui! Mais tarde entenderás e dirás — a Vanga tinha razão, porque um dia por causa deles tu própria perderás dois seres queridos. Eis o teu Chernobyl, eis os políticos! Não terem coragem de dizer a verdade ao povo...

Quando a Vanga via que se aproximava um evento terrível, procurava uma abordagem mais delicada para o dizer, para não semear pânico. E se houvesse possibilidade de ajudar, imediatamente fazia algo para avisar as pessoas. Eis o que via e previa.

Vanga: A própria natureza é causa de muitas desgraças, mas os cientistas têm grande culpa, por fazerem sempre experiências... sempre escavarem... sempre remexerem... Muita gente pensou na Terra, começou a falar com palavras modernas...

(Aqui pediu-me que lhe sugerisse algumas dessas palavras modernas, que ela não usava — a Vanga expressava-se de forma simples e breve, e o seu discurso era salpicado de expressões coloridas do dialeto local.)

...Cada vez mais vão a simpósios, fazem conferências e congressos, e o povo e a natureza sofrem...

A Profetisa respondia clara e precisamente àqueles que se interessavam para onde ia a humanidade. Quando proferia as suas previsões, traçava com precisão a fronteira entre os fenómenos condicionados pela própria natureza e aquilo que se deve ao homem, forçando a natureza a revoltar-se contra ele.

E quando se falava disso, dizia sempre: «A Terra é a nossa mãezinha, protegei-a, sagrada é ela.»

A Vanga ansiava ter muitos filhos, muita alegria materna nesta terra. Tudo tomava a peito, a nada ficava indiferente, porque com toda a alma amava e sentia tudo o que é terreno. A natureza era-lhe infinitamente querida — valia a pena vê-la com que ternura acariciava os seus favoritos — as flores, como lhes falava como a crianças pequenas.

E repetia sempre: «As plantas, os animais, o ar, a água — tudo na terra e acima dela é muito importante para a vida de todas as pessoas.»

Eu ouvia e anotava. Se não entendia algo, perguntava novamente, porque sabia bem que a Vanga não gostava de palavreado vazio — se decidia falar, era porque tinha algo substancial a dizer, caso contrário

não abria conversa. Nunca me repreendeu pela minha teimosia... Sabia quão preocupada estava com o destino das crianças e repetia-me sempre: «Não te aflijas por isso, trabalha e ajuda, mas deves saber: não podes ajudar todos, muitos são — os famintos, os pobres. Senão dá, é do coração... crê no bem e em Deus.»

Em 1991, pela Bulgária espalharam-se rumores, e em breve os jornais fizeram alarido sobre uma mulher que possuía grandes capacidades e previa em breve um terremoto catastrófico. Pessoalmente eu estava bastante cética, mas decidi perguntar à Vanga o que pensava de toda essa história.

Vanga: Até quando acreditarás em charlatães?

B. Cv.: Eu não acredito, mas...

Vanga: Se não acreditas, porque perguntas?

B. Cv.: Só em ti acredito, por isso pergunto exatamente a ti. Não tenho medo, mas as pessoas preocupam-se, interessam-se constantemente pela tua opinião sobre o assunto.

Vanga: Diz-lhes calmamente que cuidem do seu trabalho, nada acontecerá.

E eu dizia-lhes, mas quem escutava... No dia em que se esperava esse famoso terremoto, os vizinhos subiram aos carros e saíram da cidade... O clímax chegou à noite — o telefone tocava sem parar, porque muitos sabiam que eu fora ter com a Vanga perguntar sobre a desgraça iminente. A todos explicava que eram disparates, mas ao atender, era mais um conhecido. Tive de fazer algo para acalmar os ânimos.

Pensei, pensei e finalmente decidi ligar para a televisão. Como por milagre, consegui logo falar com Neli Terzieva, que nessa altura era apresentadora na equipa de notícias, dei-lhe o número de Rupite e pedi-lhe que ligasse à Profetisa. Desliguei o telefone, liguei a televisão e esperei.

As notícias passavam uma a uma, e eu rezava a todas as forças celestiais para que ajudassem a estabelecer a ligação com a Vanga. E eis que no ar soou a sua resposta de Rupite: «Não temam... Não haverá terremoto, acalmem-se.»

Quão pouco precisava o nosso povo — só ouvir a voz dela, e tudo voltava ao lugar. Até hoje não consegui agradecer à senhora Terzieva

por, sem me conhecer, ter acreditado em mim e ligado à Vanga. Mas agora aproveitarei a oportunidade para lhe expressar a minha gratidão.

Mas toda essa história não acabou com o contado até aqui. Quando, alguns dias depois, fui a Rupite, a Vanga começou comigo logo à porta.

Vanga: Só tu és capaz de me armar uma destas!

B. Cv.: O quê?

Vanga: Vamos, não te faças de santa, não estou zangada contigo. Pronto, quando ligaram, pensei — isto é obra da nossa Boika. Nada... bom é que as pessoas se acalmaram. E com a vidente — o que acontecerá agora com ela?

B. Cv.: Na minha opinião nada. E quem se ocupará delas agora? E não são uma ou duas — brotam como cogumelos...

Vanga: Não, não tens razão. Lembra-te — mau espera a casa dela. Estás a gravar a “fofoqueira”?

B. Cv.: Basta, por favor, deixa o meu gravador em paz — não, neste momento não está a funcionar. Nem sempre o uso, muitas vezes anoto à mão, depois de nos separarmos.

Vanga: Nada, nada, que grave. Brincava. E essa jornalista fez bom trabalho. Conheces-a?

B. Cv.: Não. Mas claramente gosta do seu trabalho, e do povo também.

Vanga: Quem dera que todos fossem como ela!

B. Cv.: Certamente é assim, já que tu o dizes...

Vanga: E o que pensas tu — que eu direi algo que não é?! Isso não esperes de mim. Acima de mim está o céu, debaixo de mim — a terra, eu creio no Senhor, todos o sabem. Tu depois escreve isto que te digo, e um dia se verá se foi errado...

B. Cv.: De que erros se pode falar! Já me convenci pessoalmente quão preocupadas estão as pessoas de Plovdiv e Assenovgrad, que lá o ar e a terra estão envenenados. E noutros lados já se queixam dos rios — antes eram limpos e cheios de peixe, mas agora morreu por causa das águas residuais.

Vanga: Ah, falas do Iskar?

B. Cv.: Tudo sabes...

Vanga: Como será em Sofia, com essa montanha de lixo ao lado da cidade?

B. Cv.: Como será — como em todo o lado.

Vanga: E vês quão inteligentes e astutos são os nossos vizinhos — os gregos? O mar deles bonito, a natureza — limpa. Viste lá ao menos uma chaminé a deitar fumo?

Aqui interrompo-a, porque sei quanto lhe dói pela Bulgária, pela nossa natureza. Para que precisava eu de abrir conversa sobre isso? Mas a Vanga não era das pessoas que facilmente desistiam de dizer o que lhes fervia na alma.

Vanga: Vêm ter comigo os nossos políticos e dizem uma coisa, fazem outra — o diabo que me leve, Boike. E vêm boas pessoas, algumas pensam na Bulgária, querem que seja limpa, mas não lhes será fácil... ai, não será!

B. Cv.: É essa a grande ciência, madrinha. Em todo o mundo é assim.

Vanga: Que continuem então assim, e depois veremos — nem de nós, nem da Terra ficará memória.

B. Cv.: Quer dizer que confirmas as palavras de Nostradamus sobre o dilúvio que nos espera no ano dois mil?

Vanga: Não, dilúvio não haverá, mas aquilo, o nosso... já começou. Dessas terríveis doenças que já se espalharam pelo mundo, muita gente partirá. Hoje estás aqui, amanhã já não estás... E cada vez mais morrerão crianças. Lembra-te — as crianças, e elas não têm culpa nenhuma.

B. Cv.: Então a ciência não vencerá esta nova praga?

Vanga: Não.

B. Cv.: Como assim, estamos todos condenados até ao último?

Vanga: Mas de que ciência me falas tu?

B. Cv.: Dos diferentes ramos da nossa ciência, que se ocupam dos fenómenos individuais.

Vanga: Essa questão é bastante complicada.

B. Cv.: Tens razão — de que ciência te falo, se foi exatamente ela que nos trouxe até aqui. A energia nuclear não é filha da ciência? E o seu descobridor não pensava que contribuía para o bem das pessoas?

Vanga: Pensava, pensava, há outros como ele, boas pessoas, mas vês tu mesma o que resulta...

B. Cv.: Exatamente os mais ferozes opositores das drogas ocupam-se da sua distribuição ou pelo menos facilitam isso. E a pornografia? Isso o que é?

Vanga: Sim, diz tu o que é?

B. Cv.: Melhor é nem saberes...

Vanga: Ah... sei... Se só isso fosse a nossa dor, Boike...

A humanidade caminha para a loucura, eis o que a destruirá... E essa sede de poder, essa violência — como pode ser que ontem eras criminoso, e hoje mandes nas pessoas? Todas essas mentiras, perversões, ateísmo... o mal seduz as pessoas, o bem não veem — tudo isso nos será devolvido. E por mais que falemos das pessoas e da terra, dos cataclismos, o fim será o mesmo, porque há leis, e elas devem ser respeitadas. Assim está organizada toda a natureza, e também a vida humana, mas quanta gente o compreende? Eh... pessoas, pessoas...

Nesse momento o telefone tocou insistentemente. Esperei que ela decidisse se atendia — para a Vanga esse meio de comunicação muitas vezes esticava-lhe os nervos, ainda mais quando começava a importuná-la exatamente no momento em que se preocupava com o futuro...

Vanga: Não atendas, deixa-os... Quem quiser muito falar comigo — que venha a Rupite. Aqui é o meu lugar e não vou a lado nenhum... Sei para onde me chamam — a visitas, e lá — olha para toda a família e vizinhança.

B. Cv.: Não gostas de conversas com pessoas próximas, com amigos...

Vanga: Eh... isso é diferente. Mas arrastarem-me de um lado para o outro — isso não acontecerá.

B. Cv.: Sim, tens razão. Mas tu também precisas de mudar de ambiente, de sair dessa casa...

Vanga: E ver o mundo.

B. Cv.: Sim, desculpa. Depois daquela conversa... sobre o vendaval... evito essa palavra.

Vanga: Porquê? Vocês é que são os que não veem, não eu. Vocês pisam com os pés os monumentos, vocês não conhecem a história. E tu sabes tudo sobre Rupite?

B. Cv.: Só o que li no livro da Krassimira e ouvi das pessoas locais.

Vanga: Quer dizer que nada sabes. Antes neste lugar havia uma grande cidade — Vetren. Que templos havia aqui, que natureza...

Ela calou-se, calei-me também, não queria perturbá-la enquanto passeava pelo passado distante, onde algo tocara a sua alma, e sabia que em breve continuaria o seu relato...

Vanga: Quanta beleza e quanta dor estão reunidas aqui... E lembras-te quando me apareceu Santa Petka... Assim me ordenou ela: «Constrói aqui a mesma igreja que a anterior e chama-a de Santa Petka Búlgara. E com a ajuda de Deus encontrar-se-ão pessoas para ajudar e serão restaurados os restantes monumentos e templos...» Um dia Vetren ressuscitará. Aqui haverá mais igrejas... E haverá muitos monumentos, e não haverá “cegos” que os destruam.

Não seria isso mais uma das suas previsões? A Vanga descrevia tantas vezes esta cidade e falava do seu destino.

Quando se fala do homem e da natureza, da fé e das pessoas que não acreditam, lembro-me sempre das suas palavras:

«Deus, Deus, salva os descrentes e dá forças aos que creem em Ti, para que haja paz e tranquilidade nesta terra.»

Ela pedia ao Senhor não por si, mas por aqueles que não acreditam — para que se emendassem, olhassem à volta e compreendessem quão frágil e débil criatura é o homem, quão dependente da vontade da mãe natureza.

Qual foi afinal a atitude da ciência para com ela? Aqui é o lugar para notar que nunca, por nenhum motivo, se falou em examinar o cérebro da Vanga na antiga URSS, quanto mais em trepanação do crânio. Mesmo quando, nos seus últimos dias, foram feitos — sublinho, apenas por especialistas búlgaros — exames clínicos completos, incluindo do cérebro, a conclusão médica foi de norma fisiológica. Assim que soube disso, a Vanga até brincou:

Vanga: Eh, doutor, encontraram algo? Compreenderam quem é a Vanga?...

Doutor: Não, nada encontramos, tia Vanga. Tudo o que fizemos foi com a tua permissão, e ninguém tentou procurar nada, acredita-me. Tivemos de fazer exames completos para escolher a melhor terapia.

Vanga: É tarde já... Deixem-me falar... tirem esses aparelhos...

Ela dizia a mim e aos outros:

— Leiam a Bíblia, o capítulo treze do Evangelho segundo João.

— É difícil ajudar o descrente — lembra-te bem disso!

— As crianças pagarão cruelmente pelos pecados dos pais (basta lembrar quão alto é o nível de mortalidade infantil em todo o mundo).

— A sede de poder é uma das loucuras mais terríveis do homem e exatamente ela pode destruí-lo.

— Esta humanidade não respeita nem as leis de Deus, nem as humanas — daí vêm as suas maiores desgraças...

— As pessoas são cegas. Deviam ver os sofrimentos que eu vejo, para compreenderem que não devem viver da forma como vivem agora.

— Muitos são os pecados da humanidade e exatamente eles são o principal mal.

Muito antes de na antiga URSS e nos países do chamado bloco socialista chegarem as grandes mudanças económicas e políticas, a Profetisa — a primeira no mundo — falou clara e categoricamente sobre elas.

O mesmo se pode dizer das suas previsões relacionadas com as consequências do acidente nuclear em Chernobyl. E isso já é um facto, que devemos aceitar como um alarmante toque de sino — o mesmo sino junto ao seu templo em Rupite, cujo som se espalha à volta.

A Profetisa previa o aparecimento de novas doenças, que durante longos anos deixarão os médicos num beco sem saída.

E quantas são ainda as previsões da Vanga em que não há nada de alegre — profecias sombrias de futuras desgraças e cataclismos... Talvez outros tenham feito avisos semelhantes, mas eu arrepio-me ao lembrar algumas que ela, Vanga, proferia. Tenho moralmente o direito de

escrever sobre o desaparecimento de povoações inteiras, cidades, até países, todos eventos que levarão a novas e novas mudanças?

Agora posso escrever apenas sobre aquelas catástrofes naturais que causaram numerosas vítimas humanas, sobre as quais ela avisava há cerca de duas décadas. Na altura não acreditava que fosse verdade, mas o previsto já se tornou realidade. Posso escrever também sobre como a Vanga dizia: «Olhem para aquilo, o novo, que virá depois do ano dois mil. Dilúvio não haverá.» Ela pensava que isso aconteceria quando se cumprissem as sombrias previsões sobre o desaparecimento do mapa do mundo de cidades e países, mas dizia também que, mesmo que isso aconteça, ainda há tempo até lá.

Aqui gostaria de dizer àqueles que tentarão contestar o escrito que disponho de gravações documentais das palavras da Vanga sobre os problemas expostos nas linhas anteriores. Quero também dizer a todos que, antes de dormir, é melhor, em vez de nos preocuparmos com o dilúvio universal, perguntarmo-nos o que fizemos pelo bem da natureza. Não abusámos da sua generosidade, ficará algo para os descendentes?

Faria a mesma pergunta aos nossos antigos e atuais governantes. Tenho uma pergunta também para os antigos poderosos: o que ganharam com o escurecimento informativo artificial sobre a desgraça em Chernobyl? Estou convencida de que também eles já compreenderam certamente que a morte não divide as pessoas em “vossos” e “nossos” (como não lembrar aquele caso com os tomates?!).

E aos atuais poderosos do dia perguntaria: conseguirão realizar aquilo com que a Profetisa sonhava desde sempre? Não tentarão ao menos libertar o ambiente dos resíduos das fábricas gigantes — essa fonte de doenças e venenos? Veremos o nosso céu, e a água nos rios, novamente limpos? Que Deus dê que as futuras gerações tenham motivo para se orgulharem deles, para lhes serem gratas por terem respeitado as leis da natureza, por terem contribuído para salvar a humanidade da destruição...

E aqui é tempo de parar de perguntar, porque sei quantas vezes e a quantas pessoas a própria Vanga fizera as mesmas perguntas, sem nunca obter resposta a nenhuma delas...

Mas o que falar dos governantes, se também aos homens da ciência podem ser feitas muitas perguntas. Por exemplo, veem eles suficientemente claro, em perspetiva, o efeito da aplicação das suas invenções? Servirão essas invenções apenas para fins pacíficos, não

causarão também danos irreparáveis à natureza? Será possível que se tornem causa de uma catástrofe de escala mundial? Não se deve esquecer também que muito provavelmente não estamos sós no Cosmos, há outras civilizações além da nossa, por isso cedo ou tarde teremos de responder por tudo o que fizemos...

Se os cientistas se dedicarem a fundo a estudar a influência do homem no ambiente, na natureza, estou mais do que certa de que se obterá nova confirmação das palavras da Vanga, proferidas com grande amargura: «As pessoas não são só ateias, são os piores inimigos da natureza, da terra em que vivem.»

O dito soa simples, e quanta sabedoria contém. Sim, e é verdade — nós todos os dias violamos as leis que nos ordenam viver em unidade com a natureza.

Vanga: Há muito que se perdeu a antiga harmonia e a natureza vinga-se — isso digo-te eu. Tu não resistirias, se alguém tentasse desfigurar-te?

B. Cv.: E ainda como!

Vanga: É assim — cada um faz com a Terra o que lhe apetece. E até quando ela o suportará? Ouço que ora um, ora outro país faz ensaios nucleares... Diz-me tu o que é isso? A Terra faria sozinha esses ensaios, se lhe fossem necessários. Extraem isso... como era... eh, para os carros?...

B. Cv.: O petróleo.

Vanga: Sim, e depois esses buracos... O que há de ela fazer com eles?! Quanto mais te hei de contar?.. Tudo remexeram, tudo devastaram... Por isso os descendentes sofrerão... sim, eles, e não aqueles que cometeram as maldades.

B. Cv.: Não se deve raciocinar assim. Afinal deve haver progresso e desenvolvimento?

Vanga: Quando disse eu uma palavra má contra o desenvolvimento, mas ele não deve perturbar o equilíbrio. Não pode uma parte do globo terrestre sofrer à custa de outra.

B. Cv.: Quantas vezes falámos de toda essa beleza que nos rodeia, e só agora compreendi as respostas a algumas perguntas, embora te tenha perguntado mais de uma vez ainda na altura.

Vanga: Dói-me, todos os dias me dói a alma — vês o que acontece... Sabes o que sinto, quando me trazem doentes de cancro, crianças condenadas? Que dor é só saber como sofrem e quão cedo morrerão, mas oxalá fosse só isso...

B. Cv.: Lembras-te de que uma vez falámos daquele de Pleven e do russo a quem chamam o homem raio-X...

Vanga: Melhor deixarmos isso agora... Vamos falar de algo bonito — das flores. Gosto muito delas e tu sabes — não posso sem elas, falo com elas como com pessoas... Que bonitas são... O homem não pode sem flores, fica a saber... Mas quanta gente o compreende... Não se devem oferecer flores cortadas.

B. Cv.: Sim, isso sei, lembro-me — “a flor cortada é como a mãozinha de criança arrancada”... Por isso a flor murcha depressa...

Vanga: E se a ofereceres viva, enfeita a casa, e a dona lembrar-se-á de ti por muito tempo, não é?

B. Cv.: É assim, mas nem todos têm tempo para cuidar de flores...

Vanga: Eh... pelo modo como crescem numa casa, compreenderás que tipo de pessoas são os donos.

Entre nós iniciou-se aquela longa conversa, da qual, sempre que me lembro, sinto uma enorme gratidão — pelo novo que me foi dado aprender e que tentarei partilhar com todos, para que também eles o saibam, para que se esforcem por viver em harmonia com a natureza.

Vanga: O que pensas, será que alguns daqueles que vêm ter comigo se perguntaram porque todas as manhãs vou primeiro descalça até ao banco e sento-me a alegrar-me com o sol, com os seus raios, e só depois começo a atender?

B. Cv.: Não preciso mentir-te — nem eu me perguntei isso.

Vanga: Se não te conhecesse, diria que és ignorante.

B. Cv.: Pois sou ignorante. Quem sabe, talvez o faças para te concentrares, para te purificares espiritualmente, antes de começares a atender?

Vanga: Isso também há, é verdade... E ainda algo bom para lembrares... Anota, é importante para todos, e muito. Alguns dizem que as flores eram tudo para mim... Sim, são a minha fraqueza, mas também a minha força. Todas as manhãs uno-me a elas, alegro-me com elas,

conversamos. Elas preenchem o vazio na alma. Muita gente precisa delas, amai-as, cuidai delas, não as deixeis sofrer...

Após breve reflexão, a Vanga falou novamente.

Vanga: Quando me sento no banco, sob os choupos... sinto se estão tristes ou alegres, ouço-as sussurrar, como falam com o vento, comigo... vejo-as imersas no ar, aquele que também nós respiramos... como o sol as acaricia com os seus raios... e ouço o murmúrio da água — essa água que bebem as suas raízes profundas. Então falo também com o vento, que tantos lugares percorreu... Manso é e acaricia-as, acaricia ele, mas quando se zanga, pode mostrar a sua força, aquela força que...

A Vanga calou-se — afinal ela experimentara toda a potência virosa do vento, que a agarrara e levara tão longe... Nessa altura a cegara. Mas por tudo indicava que conseguira vencer a ofensa, há muito lhe perdoara, expulsara o medo dele.

Vanga: E como as pessoas se assustam, assim que começa a derrubar árvores e casas, a levantar ondas, até afundar grandes navios... Morrem plantas e animais... É terrível, que se enfurecer, o vento num instante trará muitas desgraças e dor... a calamidade não perdoa aos campos, às searas, às florestas. Eh, mas o vento pode ser amoroso — olha para ele, como acaricia suavemente o rosto, despenteia o cabelo... mas como acaricia, assim pode destruir... Assim são as leis da natureza, inacessíveis às pessoas.

B. Cv.: Queria muito perguntar-te algo...

Vanga: Diz!

B. Cv.: Uma vez, quando estávamos sentadas aqui, na esteira, vi como acariciavas a relva. Notei também como mudou a expressão do teu rosto, quando te trouxeram aquele, o guarda-florestal, com pedido para lhe atenderes. Via-se que não te agradava nada.

Vanga: Pois é, mas lembras-te do que lhe disse?

B. Cv.: E muito bem. Conversaste com ele sobre isto e aquilo, como lhe corria o trabalho, quantas árvores tinham plantado e assim por diante. E depois perguntaste-lhe: «E tu sentes a floresta? Falas com as árvores?» Tudo parecia correr bem, até começares a repreendê-lo por cortarem as árvores como lhes apetece, e depois queixarem-se de onde foi parar a água.

Vanga: Sim, foi assim... Ninguém escuta o que diz a Vanga, e não param de perguntar porque sofrem. Afinal ele é guarda-florestal, a ele cada ramo e folhinha falam, e ele nada compreende... E não só a ele falam, mas a todas as pessoas...

B. Cv.: Sim, sim... Sabes que no Ocidente não cortam as abetos, vendem-nos em vasos e assim têm árvores vivas durante anos para as festas.

Vanga: Não me dói só por isso, Boike. Todos eles vão contra si mesmos, essas mesmas pessoas, depois gritam: «Assim estava escrito»... Como estará escrito?!.. Eh... homem, homem... és pior que os animais. E devias aprender até a dar passagem à formiga, de manhã saudar o sol e agradecer-lhe o calor que te dá... Assim o teu dia passará mais leve e mais alegre. Devemos lembrar-nos do sol só quando as nuvens o tapam e chove...

Eu ouvia de respiração suspensa, memorizava cada palavra dessas suas sábias recomendações. Novamente se fez silêncio, que me atrevi a quebrar com uma pergunta, confesso, ligeiramente astuta.

B. Cv.: E de que mais te alegra de manhã? Quando o Joro te trazia cedo, muitas vezes via que não estavas de特别 bom humor... Saías do carro — e direto para o quarto, depois fechavas-te lá dentro...

Vanga: Mesmo quando me fecho lá, sinto muito mais forte que vós o céu, vejo-o, sei quando está limpo... Eh... ele é como eu.

B. Cv.: Queres dizer que quando também ele escurece e se fecha, se aproxima uma tempestade?

Ela riu-se de coração.

Vanga: E eu sou assim?

B. Cv.: Tu sabes melhor — normalmente és meiga e boa, mas o que acontece antes de se desencadear uma tempestade, isso ainda não me disseste...

Calei-me, porque de repente me apeteceu perguntar-lhe: «Os teus olhos não tinham a cor do céu? Será por isso que o amas tanto?»

Exatamente nesse momento entrou no nosso quarto a Bitka, a mulher que a ajudava nas tarefas domésticas, e começou a queixar-se de quanto estava abafado, de quanta gente se aglomerara junto à

vedação — e todos uns descarados, não querem nem ouvir que a Vanga está a descansar.

Vanga: Deixa as pessoas em paz, Vitke. Não vieram aqui por não terem o que fazer, cada um traz a sua dor. Vai tratar do teu trabalho... sem ti sei o que fazer. Que horas são?

B. Cv.: Sou eu a culpada por te estar a reter...

Vanga: Não te preocupes... O céu vê, todos estamos no fundo. Deixa-a resmungar... Trouxe alguém dos seus e agora não tem paciência, esperaram mais de uma hora. Não faz mal, vieram por uma ninharia, mas querem passar sem esperar a vez...

Fiquei preocupada, afinal as pessoas lá fora esperavam. Levantei-me em silêncio e, com as palavras de que ia dar uma volta, saí do quarto.

Em abril de 1994 fui à Calmúquia. Uma equipa de filmagem da televisão deles fazia um filme sobre o fórum internacional das mulheres. Que beleza é lá! Toda a terra parecia coberta por um tapete de tulipas em flor... Quando regressei, apressei-me a ir ter com a minha madrinha, para partilhar com ela as impressões da viagem.

B. Cv.: Parabéns — já és cidadã honorária da Calmúquia, e também membro honorário do Parlamento Internacional das Mulheres! Agora vou contar-te da viagem, dos encontros — tu viste-os exatamente como aconteceram, não foi?

Vanga: Deixa isso e conta-me antes das pessoas de lá, da natureza deles...

B. Cv.: Sol, céu, ar, vento, debaixo do céu — fogo... Se as chamas nele podem comparar-se a algo, só podem ser os ritmos das suas danças nacionais. Quando à noite me sentava junto à fogueira, lembrava-me das tulipas em flor, que parecem brotar por toda essa terra. Assenta-lhe a mesma definição que deram à Holanda — país das tulipas. Apeteceu-me trazer-te bolbos de todos os tipos. A propósito, lá vi pela primeira vez uma tulipa negra.

Vanga: Trar-me-ás, não tenhas medo. Virá o dia em que me trarás num tapete a natureza de lá.

A Vanga referia-se a um tapete redondo que devia completar o aconchego na sua igreja, mas até hoje não existe...

Vanga: E na Rússia como é?

B. Cv.: O quê exatamente?

Vanga: Lá também há as mesmas nuvens que cá? E com a água, têm-na, não têm?

B. Cv.: Onde quer que tenha estado, as nuvens são as mesmas em todo o lado, tal como os problemas com a água.

Vanga: Pois, há quanto tempo digo que pela água darão ouro...

Ouço-a, e diante dos meus olhos estende-se a majestosa extensão de água do Mar Cáspio, cuja misteriosidade e beleza nos levam a pensar na Terra e no Universo estrelado, no Cosmos e em como o sentimos nós, as pessoas, e no que somos nós mesmos para ele...

Vanga: Enquanto cada um não sentir a Terra como parte de si, ai da humanidade.

Na voz dela sentia-se tal desespero que me apeteceu gritar, e de forma que todos me ouvissem: pessoas, porque somos tão irracionais?

Vanga: Quantas vezes hei de repetir — aprendei a viver em harmonia com a natureza, com o Cosmos, quão pequenos somos perante eles, mal nos vemos...

Depois — aumentaram as catástrofes naturais... só a nós mesmos devemos culpar.

E então, como sempre que tocávamos nesse tema, a Vanga zangou-se a sério, embora momentos antes fosse meiga e boa. Compreendi que no horizonte se acumulavam nuvens escuras e seria melhor ir-me embora, para não me apanhar a tempestade, porque na sua ira a Vanga torna-se como uma perigosa calamidade. Assim a recordo e assim a descreverei...

E afinal como se pode qualificar a sua dádiva? Talvez a Vanga possuísse a capacidade excecional de “dominar” o corpo físico do homem e de alguma forma “dispor” da sua energia, para permanecer mentalmente no mundo do imaterial. Mas tudo isso são apenas suposições, que por enquanto ficam na esfera do misterioso e do fenomenal.

Sei que às vezes me repito, mas volto a dizer que o destino foi realmente muito generoso comigo, ao dar-me a oportunidade única de estar perto da Vanga, de ser testemunha de tudo aquilo que poderíamos

definir como invulgar, não padrão. Não se trata apenas dos estados de transe, mas também das nossas longas conversas, dos inúmeros casos que tive oportunidade de observar enquanto assistia às suas “sessões”...

São muitas as perguntas que nos fazemos, nós e os cientistas, e não só os investigadores na área dos fenómenos fenomenais. O bom é que cada vez mais surgem respostas a essas perguntas. Quanto a mim, posso dizer que foi exatamente nos últimos nove dias da sua vida que a Profetisa manifestou ela própria o desejo de partilhar comigo não poucas coisas que poderiam dar resposta a algumas das questões mais importantes da existência humana. Mas esse tema é tão complexo e infinito quanto o é o mundo à nossa volta. E tanto desejamos compreender tudo de imediato, de uma vez. Parece-me que não se deve apressar. Devo dizer que, num certo sentido, é inevitável passar primeiro pela preparação adequada — ela é simplesmente necessária. Quando tocávamos nesse assunto, a Vanga dizia-me muitas vezes com um sorriso:

— Não te apresses, se Deus quiser, compreenderás.

E só ela sabia quando e quem “de cima” me permitiria decifrar o seu segredo.

Vanga: Se não fosses crente, se não tivesses essa coragem para estares tantos anos ao meu lado, nem terias visto nem ouvido todas essas coisas. E agora vês mais do que os outros.

B. Cv.: Porque pensas assim?

Vanga: Pelo menos porque estiveste tanto tempo ao meu lado.

Nem tentei contradizê-la — afinal foi graças a ela que comecei a relacionar-me de forma diferente não só com as pessoas, mas também com a natureza. Graças às conversas com a Vanga aprendi a sentir o sol, a água, as árvores...

Aqui não posso deixar de notar que exatamente a fé era o mais importante de tudo aquilo a que a Profetisa queria aproximar as pessoas. Dizia constantemente que, se a pessoa acredita, cedo ou tarde alcançará o seu objetivo.

Como confirmação posso dar não poucos exemplos da minha vida e da vida dos meus próximos, da minha família. Eu acredito e continuo a acreditar assim, como a Vanga me ensinava. Por isso gostaria de repetir

as suas palavras proféticas: «Acreditai e esperai, pessoas! A fé levar-vos-á para onde vos esforçais!»

O MISTERIOSO

No mistério da vida o homem atravessa muitas fronteiras.

Não é fácil escrever sobre a Vanga. Nós, as pessoas comuns, percebemos o mundo de forma bastante diferente dela. Cada palavra dela tem um significado exato, concreto. Sem conhecer o caráter, o temperamento da Vanga, sem penetrar na forma como expressa os seus pensamentos, facilmente se pode errar na interpretação, até deturpar a verdade, enganando assim também os leitores...

Por vezes a Vanga descrevia com extremo detalhe episódios isolados da vida de alguém, entrando corajosamente no futuro, outras vezes respondia com uma ou duas palavras à pergunta feita, e por vezes não respondia de todo ou começava a falar de outra coisa, como se nem tivesse ouvido o que lhe perguntavam — começava a falar de tudo, menos do assunto. Não pensem que o contacto com a Profetisa proporcionava sempre apenas momentos agradáveis. Essa mulher, de quem não havia mais meiga, boa e cuidadosa no mundo, podia de repente elevar tanto a voz que nos fazia tremer, ou baixar subitamente a cabeça sobre o peito e não dizer mais palavra.

Sim... o que quer que se escreva sobre ela — por mim ou por outros — a Vanga foi, e continuará a ser, um enigma. Agora tentarei descrever alguns casos concretos sobre a forma como se manifestava a força dessa personalidade fenomenal.

Em 1987, num acidente de automóvel, morreu um conhecido meu. A mulher enlouquecera de dor e pedia-me constantemente para saber pormenores da morte do marido. Fomos ao cemitério, apanhámos um pouco de terra e partimos para Rupite. A Vanga estava sentada no sofá e eu, por assim dizer, ainda nem transpusera o limiar, quando começou.

Vanga: Meu Deus, como permitiste que isso acontecesse?... Que homem maravilhoso e inteligente partiu, meu Deus...

Contei-lhe sobre o falecido, que tipo de pessoa fora.

Vanga: Sim, foi um homem extraordinário... Como assim deixou duas raparigas, mulher, pai doente? Aí vem ele...

B. Cv.: Pergunta-lhe, por favor, se dirá como tudo aconteceu? Foi culpa dele?

Vanga: Não consegue perdoar-se a si mesmo, a si mesmo... Pede-lhes que não chorem por ele, a sepultura está encharcada de humidade. Não quer que chorem. Pergunta por Maria e Gancho, pela casa.

B. Cv.: Diz mais alguma coisa?

Vanga: Repete que errou, foi erro dele, não reagiu a tempo. Preocupa-se com os colegas, procuram uns documentos. Encontrá-los-ão, diz, mas eu já não estou. Pergunta quem ligou primeiro para dar a notícia da morte dele.

B. Cv.: Um rapaz, amigo próximo da família...

Vanga: Hm... Eh... porque o vejo assim esse rapaz?

B. Cv.: O que vês? Por favor, diz...

Vanga: Conheces todos os amigos do falecido?

B. Cv.: Acho que sim. Somos conterrâneos...

Vanga: O que disse esse amigo dele?

B. Cv.: Ligou-me cedo de manhã para o trabalho e com voz trémula perguntou se eu sabia algo sobre o Ivan, que precisava muito dele. Respondi que não, e então disse-me que o Ivan estava no hospital...

Vanga: Vejo o que ele fazia. Sim, vejo algo terrível, mas não sei se devo dizer... Como o rapaz ligou, assim ligarão para ele. Está doente, e não presta atenção. Mesmo que lhe digas, é tarde, não se pode ajudar. Eh... mas porque vejo três sepulturas?

B. Cv.: O que estás para aí a dizer, madrinha, pode ser assim?

A Vanga, porém, não prestou atenção às minhas palavras, “ausentara-se” e repetia sem parar: «Porque, porque acontece assim?»

Decidi sair do quarto, porque as palavras dela me arrepiaram, e dela emanava uma força não humana.

Cerca de duas horas depois, finalmente ficámos a sós com a Profetisa. Apeteceu-me conversar mais detalhadamente sobre a sessão e de repente ela própria começou, confirmando o dito sobre as três sepulturas. O rapaz partiria, e em dois ou três anos, um após o outro, mais duas pessoas partiriam deste mundo. Às minhas perguntas sobre quem seriam, a Vanga respondeu com silêncio — apenas apontou para o céu, dando sinal de que a conversa terminara...

Passou tempo e quase esquecera o sucedido, mas a minha conhecida trouxe-me de volta ao passado. Ligou-me e disse que o rapaz de quem soubera da morte do Ivan morrera de enfarte, menos de dois anos depois morrera também a mulher dele, e pouco depois — um amigo próximo deles. Infelizmente, cumprira-se a profecia das três sepulturas...

Tornara-se hábito não esconder nada da Vanga, por isso contei-lhe dessa chamada telefónica.

Vanga: Eh, o quê, aconteceu como eu disse, não foi? Por isso acredita em mim, quando te falo. Não posso sempre dizer tudo, para não piorar. Digo só o que me é permitido de cima.

Uma vez entrei quase a correr no quarto dela, porque queria perguntar-lhe algo muito importante para mim.

Vanga: O que tens? Porque tens tanto medo, olha, o teu coração bate como o de um coelho. Não nos zangaremos. Pergunta, nem te repreenderei, nem te expulsarei.

B. Cv.: Como pudeste dizer à V. que ficaria curada?! Isso é impossível! Afinal também eu percebo algo de doenças.

Vanga: E o que querias que lhe dissesse? Sobreviveu a duas operações graves. E aquele idiota que lhe destruiu a vida, que castigo o espera!... Sei, depois também ela perderá a esperança, mas agora precisava de a animar um pouco. Dar-lhe coragem. Se lhe dissesse a verdade — o que a espera, podia morrer-me diante dos olhos. O marido anda com outra há muito... Pensa o que acontecerá, se depois dessas duas operações lhe disser que ele a abandonará... Meu Deus, meu Deus, não permitas tudo... não agora, do fundo do coração Te peço...

Sabendo das suas excentricidades e estranhezas, que era uma das formas de terminar a conversa, esperei em silêncio que se recompusesse. Finalmente a Vanga acalmou-se, olhou-me e disse:

Vanga: Sabes que mais, Boike, vai a Kulata e traz aquilo que prometeste à tua filha. Parte, desta vez és tu que esperam.

E eu decidira primeiro passar por uns amigos em Sofia e só depois ir onde a Vanga me mandava.

Assim que cheguei à porta, quase gritei ao ver o obituário — morrera a filha de uma velha amiga minha. Então compreendi porque a Vanga agia assim, porque daquela vez não dissera à V. o que o futuro lhe reservava...

Chego a Rupite, ainda nem saíra do carro e ouço-a gritar.

Vanga: Volta, nem te aproximes com essa saia preto-verde!

B. Cv.: Que disparates são esses! Não tenho outras roupas.

Vanga: E eu digo-te para ires! Vai a Petrich, compra outras roupas e depois vem.

Não tive outra escolha senão cumprir exatamente como me ordenara. Quando regressei, claro, perguntei o que fora aquilo tudo.

Vanga: E as tuas roupas velhas onde estão?

B. Cv.: Deixei-as na loja. Mas o que há afinal?

Vanga: Pessoas más. Olha para elas, como o planearam, mas pensam que a Vanga é de ontem — por ti para mim... Isso não resultará, eu sinto essas coisas há muito. Deus castigá-los-á, tudo lhes será devolvido...

B. Cv.: Não nos terão feito feitiço, madrinha?

Vanga: Não, não, pior ainda... Mas pronto, não pensemos mais nisso. E essa fotografia na tua mala o que é? Dá-ma.

Dei-lhe a fotografia, ela pegou-lhe com cuidado, abanou a cabeça e de repente falou.

Vanga: A rapariga é estudante. Da próxima vez traz-me um lenço e água, para a ajudar, senão esta criança pode perder a razão.

Dito e feito... A Vanga segurou o frasco com a água — cerca de meia hora, depois acariciou o lenço e disse-me:

Vanga: Leva isso à rapariga e diz-lhe para levar sempre o lenço consigo, e a água que a beba aos poucos.

A alguém isso pode parecer ridículo e ingénuo, mas essa criança crescera diante dos meus olhos. E eu sabia que havia períodos em que por momentos não se sentia bem — sentava-se e olhava fixamente um ponto, como se se desligasse da realidade. Após a intervenção da Vanga isso não se repetiu mais, a rapariga de quem se trata concluiu com sucesso os estudos.

Fomos visitar a Vanga com um jovem rapaz que ela muito gostava. Tivemos de esperar um pouco, porque estava com ela o hegúmeno do Mosteiro de Rila, Yoan. Mas ao ouvir as nossas vozes, a dona da casa

convidou-nos a entrar — aparentemente já tinham dito tudo o que tinham a dizer a sós e passaram a temas gerais. A Vanga apresentou-nos e virou-se para o meu companheiro.

Vanga: Eh, rapaz, onde andaste? Quem te enfeitiçou assim? Não vês como emagreceste, como as forças te abandonam?

O rapaz: É verdade, não me sinto muito bem...

Vanga: Vai cedo de manhã ao mosteiro, ao hegúmeno, que te deixe entrar no quarto dele. Só lá poderás purificar-te de tudo. Meu Deus, que gente se multiplicou — a ocupar-se dessa maldita magia negra... Mas não sabem com que fogo brincam!

O rapaz: Farei tudo o que me disseste, obrigado.

Vanga: Quantos destinos, quanta dor... uns lutam toda a vida pela verdade e fazem o bem, outros destroem e matam... Mas tudo neste mundo volta e virá o dia em que o castigo atingirá, se não o culpado, alguém da geração, o que é ainda mais terrível.

E a mim, como a todos os búlgaros, preocupavam-me muitas coisas — as mudanças no nosso país, se seriam para bem ou não, e tinha também suficientes problemas meus, que certamente podia resolver sozinha, mas a Vanga antecipava-me sempre e não esperava que eu perguntasse.

No dia do batizado da minha filha, a Profetisa abençoou-a e depois começou a falar-lhe onde seria melhor estudar, que marido tomaria, o que a esperava no futuro. (A Vanga, claro, sabia que por natureza sou cética, mas agora, após tantos anos, posso dizer com convicção: «Sim, é verdade, tudo o que previu está a cumprir-se.»)

E aqui está mais um caso. Estávamos sentadas a conversar. E de repente a Vanga, do nada, disse:

Vanga: Terás de te preparar para uma longa viagem. Tens de ir ter com a tua mãe...

E eu planeara trabalhar alguns dias em Sandanski na minha dissertação. E ela dizer-me que tinha de viajar, e imediatamente.

B. Cv.: Por favor, não brinques assim. Se esperas visitas, não te incomodo, não te preocupes — vou-me embora...

Então ela gritou.

Vanga: Como ousas falar-me assim! Há dois dias morreu o teu tio... Vejo-o... ninguém sabe... Parte imediatamente — diz primeiro à tua mãe, e ela que ligue aos primos. Ouviste?

Só eu sabia o que ouvira. Atirei a bagagem para o carro e parti. Quando cheguei, realmente ninguém sabia nada. Informei a minha mãe, ligámos para Hairedin, para o lar de idosos, onde nos disseram que ele realmente falecera há dois dias, mas não conseguiram encontrar-nos. Infelizmente a Vanga não se enganara. Nem se enganou mais tarde, quando em resposta às minhas perguntas disse apenas: «Que Deus não permita que tais cuidem de ti!»

Essas palavras bastaram-me. Diante dos meus olhos surgiu uma imagem horrível... Agora sei que a Vanga me ajudara a vê-la. Desde então adquiri o hábito de levar sempre comigo gravador, máquina fotográfica, caderno e caneta, porque já compreendera que cada palavra dela era preciosa.

Normalmente chegava junto da Vanga à tarde e partia tarde da noite ou ficava a dormir.

Uma noite perguntou-me:

Vanga: Com quem vieste?

B. Cv.: Com um diretor que tu respeitas muito.

Na sala com a lareira havia gente, mas isso não a impediu de começar a conversa com o meu companheiro, porque fora ela própria quem pedira o encontro com ele.

Vanga: Sabes, em breve baterão os 55 anos. E quando isso acontecer, espera grandes mudanças na tua vida.

O convidado: Quais, tia Vanga?

Vanga: Todos só pensam no mal. Quando chegar o tempo — compreenderás. Fizeste aquilo que te recomendei?

O convidado: Não.

Vanga: Enganas-te. Tinhas de arranjar a casa, plantar hortaliças e comprar uma cabra.

O convidado: Sim... Bem, farei.

Vanga: Não te acredito. Mas se o fizeres, será para teu bem.

Após estas palavras calou-se. A conversa terminara. A Vanga curou-o, aconselhou-o sobre o que fazer e inicialmente as recomendações foram cumpridas à risca, mas depois as coisas no trabalho correram-lhe bem e simplesmente esqueceu a Vanga. Eu, porém, assistira a todas as conversas deles, e esse homem de qualquer forma estava no meu horizonte.

Alguns anos depois esperava mais uma promoção, e na Bulgária aconteceram as mudanças e foi demitido do cargo de diretor. Era exatamente isso que a Vanga vira naquela noite longínqua, porque, quando se falou desse mesmo homem, disse-me:

— Porque não me escutou ele? Não subirá mais, fim...

E calou-se novamente. E os seus problemas não acabaram com o fracasso no trabalho, adoeceram-lhe também — a Vanga aludira a isso naquela altura, mas de forma delicada, para não o assustar.

Aquele que trabalha em alguma investigação não precisa necessariamente de milhares de pacientes, nem de os selecionar especialmente. Basta apenas seguir mais atentamente como os eventos se desenvolvem.

Estamos sentadas a conversar, e de repente a Vanga diz-me:

Vanga: Não trabalharás mais na tua profissão.

B. Cv.: Porque?

Vanga: Porque eu to digo.

B. Cv.: E o que farei?

Vanga: Viajarás sempre para o estrangeiro, e a tua residência será em Moscovo, na Rússia.

B. Cv.: Não na Rússia, mas na União Soviética.

Ela apenas sorriu levemente para esta minha observação.

E realmente, as coisas desenvolveram-se de tal forma que por algum tempo quase esqueci completamente as minhas ocupações científicas e ocupei-me com algo que, pode dizer-se, me corria nas veias.

Já começara a aceitar as palavras dela incondicionalmente.

Em 1992, a caminho dos Estados Unidos, parei na Bulgária para ver a família e, claro, a Vanga.

O ano fora difícil para mim. A Vanga recebeu-me com as palavras:

— Não te corre bem algo, hein?...

E eu respondi-lhe:

— Pois, algo emperrou. Não consigo encontrar aquilo que me mandaste procurar.

Quando nos despedimos, riu-se e murmurou benignamente:

— Tudo te correrá bem — quando as árvores florescerem. «Quer dizer que terei de esperar meio ano», disse para mim mesma. Assim foi, exatamente no fim do prazo por ela definido chegou o fim da minha grande espera — depois de as árvores se cobrirem de flor. E quando lhe perguntei pela saúde da minha já falecida mãe, a Vanga pensou um pouco e cortou:

— A tensão arterial — se não tomar medidas, terá um AVC, mas ainda tem dias.

Sim, nesse momento ela ajudou-me a prevenir uma grave perda, mas posteriormente compreendi que a Vanga já então sabia da outra doença, terrível, e que à minha mãe já nada se podia fazer. E exatamente por isso não me avisara.

Pode parecer-vos estranho, mas de qualquer forma é um facto.

Estava a quatro mil quilómetros da Bulgária, a situação era tensa. Há vários dias esperávamos que a outra parte cumprisse as obrigações num contrato. Nós fizéramos tudo o que se exigia de nós, mas do outro lado não havia movimento nenhum. Decidimos agir de acordo com as normas internacionais e fomos ter com os parceiros para os informar disso. De repente senti-me muito mal, perdi a noção do que se passava e só recuperei graças a um colega que simplesmente me empurrou para fora da sala de negociações.

Parece que ele agira assim por sugestão da Vanga, graças à influência dela, porque pelo mesmo tempo aqui, na Bulgária, ela entrara de repente em transe, ficara diante do ícone da Virgem Santa na sua sala e começara a rogar-lhe que me protegesse, me ajudasse a sair dali, para sobreviver. E eu recuperei de uma forma estranha... Mas é uma longa história, e não me apetece voltar a ela. Mas aqueles que estavam então junto da Profetisa contaram-me da reação dela e não pararam de perguntar o que me acontecera, onde estivera. E quando ela própria me

viu pela primeira vez após o meu regresso, suspirou profundamente e disse:

Vanga: O que foi foi. Voltaste viva e de saúde. E aqueles que queriam esmagar-te, não verão bem nenhum, mau os espera.

B. Cv.: Explica-me à humana o que me fizeram? Tudo foi como descrevem nos livros. Estava junto à porta e sentia que morria, quando uma força qualquer me empurrou para trás.

Vanga: Não perguntes, mas lembra-te — não comas nem bebas com desconhecidos. Sei que agora te martirizas a cabeça... queres compreender, deixa... não te ajudará.

Calou-se.

B. Cv.: Sim, agora compreendo... Lembro-me, um dos nossos parceiros de negócios segurava algo.

Vanga: Agradece a Deus — já podias não estar cá.

Passou tempo, compreendi que aquelas pessoas receberam uma a uma o merecido, aquilo que a Vanga certamente vira já então. Aqui quero citar as palavras dela, que repetia muitas vezes:

«Faz o bem e espera, voltar-te-á, ouviste? Pelo contrário, nunca deseja mal — nem ao teu maior inimigo.»

O motorista da Vanga, Joro, recebeu-me já no pátio com as palavras:

— Onde estiveste ontem à noite? A tia Vanga entrou em transe, falou longamente com a tua mãe, depois quis ver-te imediatamente, mas não conseguimos contactar-te.

Apressei-me para a casa.

B. Cv.: Aqui estou eu, só que muito cansada. Cheguei ontem do estrangeiro.

Vanga: Como é lá? Que tempo faz?

B. Cv.: Bom. Mas falemos de outra coisa. Diz-me algo sobre a mãe... Sabes como me atormento — sinto-me culpada pela morte dela.

Vanga: Falámos de muitas coisas com ela. Foi uma boa mulher. Elevou-se alto, viveu nesta terra como justa... Veio, conversámos, disse que não gosta das janelas da minha igreja. E falou-se de outra coisa...

A minha mãe e a Vanga — o que ligava estas duas mulheres? E o que nos liga afinal aqui, na terra, e lá... Mais tarde, antes da morte dela, nas suas últimas horas, a Vanga disse-me: «Aí está ela, a tua mãe, veio.» E eu pus-me a chorar e perguntei se não viera por mim, em vez de perguntar: «Precisas de algo, mãe? Não fiz algo errado?»

O tempo passa, e eu não paro de procurar respostas às minhas perguntas e encontro-as cada vez mais, mas isso certamente nunca me teria acontecido sem o contacto com estes dois seres infinitamente queridos para mim. Como é que o tempo nunca me chegava para estar mais com elas...

À minha chegada, a Vanga perguntava sempre primeiro com quem viera ou quem me trouxera e com que carro. Conhecia todos os meus colegas e amigos, queria vê-los, aconselhava-os, avisava-os... assim expressava o respeito não só por mim, mas também pelas pessoas próximas de mim. Volto novamente à sua forma de ver as coisas, pois essa questão não cessa de me preocupar. Quando a Vanga começava a falar, já não lhe interessava quem estava sentado diante dela — todos são pessoas, todos carregam a sua cruz. A uns dedicava muita atenção e tempo, a outros dizia duas ou três palavras e pronto. Não esqueci que já mencionei isso, mas gostaria de dedicar mais um pouco de espaço a essa particularidade... O que a levava afinal a agir de uma ou outra forma? Mais de uma vez perguntei-lhe porque era assim?

Vanga: Não depende de mim, mas de outros.

Esse era geralmente o seu primeiro resposta a essa pergunta.

B. Cv.: Quais outros?

Vanga: É cedo para saberes, há tempo, um dia compreenderás.

B. Cv.: Talvez respondas tão brevemente porque ainda muitas pessoas esperam para seres recebida?

Vanga: Haja ou não gente, digo o que me mandam, não me vendo por dinheiro. Sabes como é — veio uma vez um com uma criança doente, vi-o de longe e chamei-o sem esperar a vez. E ele, o pobre, mal alma trazia, mas beijou-me a mão e diz: «Sou pobre, tia Vanga — em casa só há batatas, eis, trouxe-te... A minha criança está doente, diz, ajuda-me, peço-te.» Isso não é pouco? Ajudei a criança dele, e das batatas comes tu também. Agora compreendeste do que te falo?

Não lhe respondi nada. A Vanga era a Vanga...

Após a morte dela regressei a Moscovo, porque o sonho dela de criar uma forte organização feminina se tornara realidade ainda em vida dela. A Liga das Mulheres fora criada em 1994, e em dezembro do ano seguinte fui eleita sua presidente. Havia imenso trabalho.

Aqui transmito na íntegra uma das nossas conversas, sublinhando novamente que para a Vanga a questão da organização feminina era de importância excecional.

Direi antes que da Profetisa sei que a liga prestará auxílio em muitos países, ajudará na educação das futuras gerações no espírito dos novos tempos. A Vanga dissera mais de uma vez:

«Representações dessa organização abrir-se-ão em todos os países, ajudará para uma vida melhor das pessoas e para o desenvolvimento da cultura. Mas lembra-te de uma coisa — deve ser neutra. As dificuldades do tempo afetarão também a liga, mas vós deveis mantê-la pura, nela não há lugar para contas pessoais — isso é obrigatório.»

B. Cv.: São belas essas tuas palavras, mas nós mal começámos, ninguém nos conhece e como provaremos quem somos e quais as nossas intenções.

Vanga: Sim, provar-vos-ão, já que eu digo — assim será. Quando olhas para uma rosa, alegras-te com ela, não é?

B. Cv.: Sim.

Vanga: A mesma alegria sentirás do teu grande trabalho, porque a liga será como uma rosa, e cada país — uma pétala dela. Cala-te, cala-te... sei o que me dirás, depois conversamos. Será muito grande, abarcará toda a terra. Agora as diferentes religiões querem aproveitar o que apanham, mas o tempo delas vai-se, chega-lhes o fim. A humanidade lançará essas correntes. A religião terá outra tarefa — terá de se adaptar ao novo tempo, ao que ele quer.

B. Cv.: E de que cor será essa rosa?

Vanga: Muitas cores... Mas a verdadeira será a cinzenta. Sim, essa flor já lançou as primeiras raízes na longínqua Calmúquia, não é?

B. Cv.: Sim.

Vanga: O outro lugar é a Bulgária. Não te é fácil, e daqui em diante não será mais fácil — e não só a ti, mas também aos que trabalham

contigo. Mas acreditaram em ti, e tu acreditavas na Vanga — e eis que conseguistes...

B. Cv.: Sim... Só porque acreditava nas tuas palavras. Quantas vezes me apeteceu desistir — deixaram-me a mim, a estrangeira, trabalhar com um punhado de gente, em quantas portas tive de bater...

Vanga: Sim, mas para ti não há portas fechadas... E agora já estás contente, conseguiste criar também tu uma flor — tem raízes, caule, flor terá... tudo.

B. Cv.: Foi por isso que me mandaste plantar rosas búlgaras em Calmúquia diante da residência?

Ela riu-se.

Vanga: Respondeste sozinha, já que me acreditaste... Como florescem essas rosas!...

B. Cv.: Sim, e dão alegria a todos.

Vanga: Assim como aquela que tu criaste, ouviste?

B. Cv.: Sim, mas hoje não se vai a lado nenhum sem sólida apoio...

Vanga: Não te ouvi queixar-te mais! Acreditas em mim?

B. Cv.: Acredito em ti...

Vanga: Então fica a saber — só Deus sabe quão rico é o colorido dessa tua rosa e primeiro tu o sentirás. Todos os papéis estão em ordem, viste bem quem faz o quê. Bravo, não desistas, o tempo chega. Essa grande cadeira via-a há muito, sempre mulheres, mulheres — e no fim aconteceu...

Se alguém soubesse quanta energia era necessária, quão difícil fora o começo...

A Vanga ajudava todos... Sem ela nada teríamos feito.

Mas voltemos novamente ao tema dos enigmas. A Profetisa era uma pessoa excecionalmente hospitaleira. A quem não convidava para junto dela, com quem não conversava.

Cerca de um ano antes da morte dela, espalharam-se novamente por cá rumores sobre a chegada de extraterrestres por predição de uma sensitiva. Num dos jornais publicaram todos os pormenores, incluindo a data e a hora do encontro. Levantou-se grande alarido, até começou a

preparação para receber os hóspedes do Cosmos. Perguntei à Vanga o que pensava, e respondeu-me à pergunta com uma pergunta: «E aquele terremoto, lembras-te?» Algumas semanas depois ligou-me e disse: «Vem, tenho algo interessante para te dizer.»

Sabia que cada vez pensava mais na doença, na igreja... Fui abatida — convidei o médico dela a vir comigo.

O tempo estava bom, claro. A Vanga estava sentada junto ao limiar diante da casa em Rupite e aquecia-se ao sol.

Vanga: Eh... vieste com companhia... Tu, doutor, senta-te aqui, à esquerda. Olha como estou bem, tudo me passou como por milagre — porque te trouxe a Boika?

O doutor: Não vim examinar-te, tia Vanga.

Vanga: Eh, bom, bem-vindo. Queria ver ela, contar-lhe algo interessante, mas já que são dois, ouve tu também.

O que teria acontecido?... Estava calma, sorria, não se queixava como de costume que lhe doía a perna. Expressou alegria pelo bom tempo, gabou-se de que a igreja estava sempre cheia de gente, mas eu sentia que havia mais algo...

Vanga: Já que me vieram hóspedes assim, venham almoçar — que caminho fizeram... Irás ter com a Atidje?

B. Cv.: Não, ela ainda não está pronta, já falei com ela.

Vanga: Tu, doutor, lembras-te do alvoroço por causa dos extraterrestres? Escreveram que as pessoas os receberiam...

O doutor: Como não lembrar, mas lembro-me de outra coisa — nem rasto deles havia...

Vanga: Eh... Vieram — vieram, mas não então, mas ontem à noite, e pararam aí, diante da minha porta — uns tão bonitos, robustos.

O doutor: E assustaste-te?

Ela riu-se satisfeita.

Vanga: Eh... o que havia de me assustar? Estivemos tão bem, conversámos longamente e eles foram-se embora.

B. Cv.: Viu-os mais alguém?

Vanga: Quem os havia de ver, vieram ter comigo. Talvez a Vitka os tenha visto, ela nada perde...

O doutor: Tia Vanga, é verdade o que se diz sobre a tua casa?

Vanga: O que se diz, doutor, diz lá...

O doutor: Dizem que à noite é agitada — ouvem-se vozes, gemidos, pancadas.

Vanga: Sim, é verdade, doutor. Eh... o que sabes tu? Sabes o que sinto quando estou sozinha... À noite voltamos com a Vitka, ela adormece, e eu continuo a ouvir... Ouço... Como durante o dia as dores das pessoas...

O doutor: Desculpa, mas sou leigo nesta área. Podes dizer-me como é? Quando te trato, tu interrogas-me sobre tudo, por isso permiti-me fazer-te esta pergunta.

Vanga: É ao mesmo tempo simples e complexo... Como o teu trabalho — vês uma coisa, e sai outra.

B. Cv.: Olha só, como se escapou, o doutor perguntava outra coisa.

Vanga: Tu não te metas, entendemo-nos eu e o doutor... não é, doutor? E esta perna maldita, passará, prometo mexer-me um pouco, o tempo está bom...

Para quebrar o silêncio que se instalara, decidi fazer-lhe uma pergunta.

B. Cv.: Lembras-te de julho de 1994, quando viemos ter contigo com o advogado?

Vanga: Qual advogado?

B. Cv.: Aquele que devia ser operado no hospital do teu doutor.

Vanga: Ah, lembro-me, aquele com o coração doente.

B. Cv.: Sim.

Vanga: Eh, o que se passa com ele? Não veio mais, e tu nada disseste.

Contei brevemente ao doutor como, quando fomos a Rupite com o M., a Vanga lhe previra que dessa vez a operação lhe passaria, havia tempo até à operação — tudo passaria e iria... O doutor olhou para mim espantado.

A Vanga riu-se.

Vanga: Conta, conta.

B. Cv.: O que hei de contar... O advogado declarou-lhe que dessa vez se enganara, tinha grandes contactos, a operação já estava marcada. Tinha confiança nos médicos e estava pronto para se deitar na mesa. E disse assim: «Pode ser que não fique vivo, mas no outono opero-me.» Exatamente no outono vou eu um dia ao hospital e dou de caras com o nosso advogado. Perguntei-lhe delicadamente como estava, e ele começou a explicar-me que não o operariam. Divertiu-me um pouco, porque me lembrei como se gabava então.

Vanga: E depois?

Ela desatou novamente a rir.

B. Cv.: Como sempre, tiveste razão: operaram-no posteriormente e tudo correu bem. E a operação passou-se exatamente como lhe predisseste.

O doutor: Conheço esse homem?

B. Cv.: Talvez, mas não me lembro de vos ter apresentado.

Nesse momento veio a correr ter connosco uma jovem cantora, conhecida da Vanga, com quem eram próximas. A recém-chegada hóspede já há muito vivia na Grécia e essa chegada repentina era o seu estilo. Era sempre assim: voava de Salónica para Rupite só para se encontrar com a Vanga — sempre com o mesmo problema — e partia imediatamente de volta.

Vanga: Eh, o que há de novo com os nossos vizinhos — os gregos?...

A hóspede: Nada de novo... O novo é que acertaste — vou começar a trabalhar num grande restaurante.

Vanga: Alguma vez te menti?

A hóspede: Não, não era isso que queria dizer, tia Vanga.

Essa mulher conversava sempre com a Vanga de forma tão aberta que até me sentia incomodada quando alguém tentava interromper o diálogo delas. Nunca deixava de perguntar com marcado respeito à Profetisa o que lhe trazer da Grécia e preocupava-se muito se o presente não fosse recebido como esperava...

Vanga: Como está lá o teu grego? Quantas vezes te digo eu, mas quem me escuta...

A hóspede: Tens razão, tudo é como dizes, mas o que se há de fazer.

Vanga: É preciso vontade e caráter, percebeste? Vai, que tenho um hóspede importante.

A hóspede levantou-se, como sempre beijou a mão da Vanga, e partiu, não deixando de dizer que voltaria. Enquanto se despediam, voltei mentalmente àquela noite de julho de 1993, quando essa mesma cantora trouxe à Vanga uma família grega. Em poucos minutos a Vanga começou a repreender o homem.

Vanga: O teu primeiro erro, rapaz, é teres abandonado a tua mulher, olha que bela que é, e boa, vejo uma criança, um menino. Voltarão a juntar-se — vejo-vos juntos...

Traduziram-lhe as palavras e o grego acenou em sinal de concordância.

Vanga: Eis, vejo duas belas casas, tens um negócio — é de caixilharia, alumínio, e tens um restaurantezinho, mas esta noite lembrar-te-ás dela por muito tempo.

O grego: Porquê?

Vanga: Porque o teu amigo, o sócio, é uma má pessoa, vejo jogo, gastará o dinheiro dele e o teu. E ao teu sócio chamam Yanis, está em Salónica...

O grego ficou branco como um lençol, perdeu a fala e a razão, via-se que queria saber muito mais, mas a Vanga nem assim parava...

No fim apenas perguntou espantado à tradutora o que era aquele milagre, de onde ela podia saber tudo isso, já que a via pela primeira vez.

E a Profetisa calou-se um pouco e disse:

Vanga: Vamos, leio aos pedaços, ide-vos embora, tendes caminho, eu preciso de descansar.

Sim, assim era a Vanga — e se alguém me perguntar o que é esse dom de Deus, de onde veio tudo isso, direi: certamente a resposta deve procurar-se na linha céu — terra. Algures aí deve estar a verdade sobre

as dádivas fenomenais dessa mulher à primeira vista tão comum, terrena.

Perguntas, perguntas — enquanto viajávamos de volta para Sofia, nós os dois — um médico e uma psicóloga — não parávamos de as fazer e de nos maravilhar.

Constantemente algo me escapa. Acho que há quem esclareça as respostas às perguntas que nos inquietam, mas esses sábios não estão entre nós, as pessoas terrenas. Por isso a Vanga nos parece tão misteriosa e fantástica, enquanto para seres de outros mundos ela certamente não é um fenómeno, mas algo muito comum, como eles... E volto a lembrar-me das palavras dela, de que a chave que todos os que trabalham nesta área procuram tão teimosamente se chama Terra — Céu.

TOQUE NO MISTÉRIO

Ouvireis — e não compreendereis, com os vossos olhos olhareis — e não vereis...

Não é fácil o homem aceitar o misterioso que o rodeia na realidade. Esses fenómenos foram objeto de estudo antes, continuam a ser estudados hoje, e sempre fica um “mas” ou “talvez”.

Vanga: Muitas vezes há encontros com os extraterrestres e as suas naves, mas infelizmente as pessoas nem os veem, nem os ouvem, só pressentem que algo acontece.

B. Cv.: Certamente por isso tanta gente vem aqui — para tocar, graças a ti, nesses mundos invisíveis? Revela-me o segredo, peço-te.

Vanga: Digo-te algo, mas deves saber que não é tudo, ainda há muito mais... Estás a ouvir-me atentamente, compreenderás mais coisas.

B. Cv.: Primeiro queria compreender se entre nós há pessoas que conseguem contacto direto com os extraterrestres — vê-los e falar com eles? Pessoas que sabem o que é isso de OVNIs...

Às minhas palavras a Vanga riu-se de coração.

Vanga: Como não haver... São poucos, mas com o tempo serão cada vez mais. E quanto ao segredo — porque há anos as pessoas vêm ter comigo... Olha o que te digo, Boike: vós, as pessoas, sois vós mesmos um grande segredo. Porque de mim quereis saber do passado,

presente e futuro, ligar-vos aos vossos mortos, quereis compreender muitas coisas, credes e não credes...

Agora compreendeste o segredo...

B. Cv.: Não, não posso concordar completamente contigo. Fala-me novamente com meias-palavras. Podemos ser cegos e surdos, mas afinal a ciência tenta desvendar os segredos. E um deles chama-se Vanga.

Vanga: Não vos será fácil.

B. Cv.: Mas o homem descobre constantemente algo novo, não é?

Vanga: Sim, é, não nego. Mas volto a dizer-te: o grande segredo sois vós, as pessoas que vêm ter comigo, eu sou fácil... As pessoas não são máquinas. Nas cabeças delas zumbem pensamentos de todo o tipo e chega o dia em que se perguntam como deitar fora esses pensamentos e perguntas. Esse é o nosso grande segredo — daquilo que quereis compreender, e daquilo que eu vos direi... Andais como moscas sem cabeça, isso aplica-se também a ti. O segredo é segredo e assim ficará. Quantos cientistas vieram ter comigo, e filmaram-me assim e assado, gravaram palavra por palavra... Pronto, concordo, mas não posso responder a todas as perguntas — não me é permitido, compreende.

E eu não sabia como compreendê-la. De todo o lado colegas ligavam-me para perguntar e inquirir sobre as suas incríveis capacidades, se ela realmente indicara como resolver uma ou outra questão política ou científica, se apontara como sair de uma situação complicada. E a mim diziam-me de repente: «O segredo está em vós, procurai aí, afinal para isso vêm — para me inquirir sobre ele.»

Lembro-me de como a Vanga me contava sobre a filha de Bekhterev. Admirava-se da sua inteligência excecional, do seu intelecto, lamentando que fossem poucos os cientistas desse calibre, pois com mais tais pessoas a humanidade iria muito longe... Então contou-me brevemente as qualidades excecionais dessa mulher. Grande foi a minha surpresa quando, um dia, no fim de abril, liguei a televisão e ouvi a voz da senhora Natalia Bekhtereva — ela com calor contava do seu encontro com a Vanga, o que a Profetisa lhe dissera sobre os pais, mencionando os pormenores que já me eram conhecidos. Desde então sonho um dia encontrar-me com essa interessante senhora, conversar sobre a Vanga. Sei que acontecerá, simplesmente ainda não chegou o tempo...

E quanto aos nossos pensamentos, a Vanga tem toda a razão ao dizer que o homem se torna escravo deles, especialmente se forem tristes...

Vanga: Muitos... muitos segredos têm as pessoas, muitos são pesados por vezes... Olha, nisso tens razão, esses segredos não me deixam em paz nem de dia nem de noite. Não é brincadeira, Boike, as pessoas sofrem e procuram consolo.

B. Cv.: Isso sei, sei também quão rigorosamente cumpres a tua regra de ouro: «A ninguém digo quem e porque veio ter comigo.»

Vanga: Experimenta tu, chama duas pessoas: agora ouvirão um grande segredo sobre a Vanga... O que pensas que farão?

B. Cv.: Não aguentariam um dia e não só espalhariam tudo, como o enfeitariam...

Vanga: Eis, vês, poucos são os que conseguem calar e guardar segredo. E os meus segredos são incontáveis e os mais variados — sobre uns posso dizer algo, mas sobre outros não... Irrita-me quando as pessoas vêm só assim, para depois espalharem o meu nome... Mas também eles recebem o merecido — quando me vem algum espertalhão, desenterro-lhe algo tal que, o pobre, depois se pergunta de onde sei essas coisas. Eh, pena que as pessoas estejam afundadas até ao pescoço em mentiras, só pensam em si — nada mais as interessa... Eis aqueles que esperam lá fora — e entre eles há quantos quiseres, sentirás...

B. Cv.: Fácil é falar assim — eu não sou vidente.

Vanga: Vem cá, vem comigo, hoje serás a minha ajudante. Mas não fujas... Lá espera-me um homem, finge-se doente só para chegar até mim. Há também gente da televisão russa, como se chamava — não me lembro...

B. Cv.: Ah, certamente Ostankino?

Vanga: Isso não sei, sei só o que verás e ouvirás...

Interessante como, enquanto estamos sentadas a conversar, ela conseguiu “visitar” todos os seus visitantes, saber quem e porque chegou até ela, quais as suas dores e segredos, se se trata de mera curiosidade, ou talvez de motivos ainda menos dignos?...

Entrámos com a Vanga na casa recentemente remodelada com três salas, onde ela recebia — tudo lá dentro brilhava de limpeza. A Vanga sentou-se na poltrona que lhe fora oferecida em sinal de gratidão, e eu instalei-me em silêncio com o gravador a dois passos dela. Só de vez em quando lançava um olhar à fila, perguntando-me quem seriam os recém-mencionados.

De repente, como de longe, ouvi a voz dela.

Vanga: Ouve, mulher, e tu contas-me que viajaste tanto... para me dizer o grande segredo... que há anos acumulas dinheiro?... Olha quanto é, pode uma pessoa juntar tanto lev a lev?

A mulher: Eu... eu trabalho como fornecedora num refeitório.

Vanga: No refeitório da fábrica e ele, olha como é grande, quanta gente...

A mulher: Sim, é grande.

Vanga: O que queres de mim? Vai-te embora e é melhor guardares o teu dinheiro e os teus segredos...

A mulher: Mas ele não me deixa em paz, quer que lhe compre um carro, senão sairá de casa com a filha e o neto.

Vanga: Ah, finalmente cuspiste a pedra! Foi por isso que vieste ter comigo. Olha — pega no dinheiro e compra o carro. E eles ficarão contentes, e o netinho ficará contigo. Tu não tens vergonha, voltarás a acumular dinheiro roubado... Que entre o próximo, das mãos destas não aceito presentes! O próximo! Joro, regaste tudo? Que calor lá fora! Meu Deus, meu Deus, ninguém se lembrará de construir um alpendre aqui, que estas pessoas se assarão ao sol, e quando chover, ainda pior...

Entrou uma mulher e disse que era da embaixada russa e trazia um alto dignitário e jornalistas da televisão.

Vanga: Porque vieram?

A mulher: Vieram filmar um filme sobre ti, tia Vanga.

Vanga: Contigo não falarei, que entrem os jornalistas. E tu traduzir-me-ás, para ver o que querem de mim.

A mulher: Bem, tia Vanga, eu sei bem búlgaro.

Vanga: Já disse, e tu fala na língua que quiseres.

Aqui devo notar que a franqueza era também uma das belas qualidades da Vanga — não era das pessoas que falam com rodeios. Dizia exatamente e claramente o que pensava, sem esconder nada, porque considerava melhor dizer a verdade ao homem na cara.

Entraram na sala dois homens, começaram a explicar que queriam filmá-la, para mostrar ao povo russo como vive a famosa Vanga, como recebe e atende.

Vanga: Eh, bem... E quanto dinheiro vos darão...

Quando soube que se tratava de dez mil dólares americanos, disse:

Vanga: Obrigado, mas sobre mim já filmaram tal filme. E os nossos fizeram-no para o povo, e o mundo inteiro percorreram. Não resultará — às minhas costas receberem tanto dinheiro... Não preciso do vosso dinheiro, e odeio muito a mentira. E a mulher que vos trouxe quer que a receba, porque a criança dela está doente, por isso está aqui.

As pessoas da fila começaram a protestar: a Profetisa é nossa, e nós não conseguimos entrar... Se mais alguém passar à frente... quantas embaixadas estrangeiras há... e tal. Fiquei preocupada e saí para o pátio.

E à noite a Vanga, enquanto bebia a sua coca-cola favorita, abanava a cabeça e comentou-me:

Vanga: Saíste, mas perdeste algo interessante... Se soubesses como conversei bem com um jovem russo...

B. Cv.: Poucos russos vêm ter contigo... Disseste-lhe o que devia — e pronto...

Vanga: É assim, mas o destino ainda te encontrará com esse homem. Que não me chame Vanga, se me engano. Primeiro vereis-vos, e depois conversaremos.

Não passaram dois meses e o encontro que ela me previra realmente aconteceu...

Moscovo sufocava com o calor, o asfalto parecia derreter sob os raios abrasadores do sol. Saí do carro com um sentimento especial — não, não era emoção, mas antes expectativa... Ia encontrar-me com um homem extraordinário, eleito presidente tão jovem que isso obrigara à edição de um decreto especial. Via-se que também ele esperava o encontro, mas como que um pouco cético. Nada de estranho em supor que se trataria de algo abstrato e talvez irrealizável. Agora, após tantos

anos, posso dizer não só ao meu anfitrião de então, mas a todos com quem a Vanga se “via” através de mim, que tais encontros tinham sempre sentido para ela, sendo também uma das formas da Profetisa expressar o seu caloroso, cordial relacionamento com as pessoas a quem me enviava.

No início a conversa decorria de forma algo morna. O jovem homem inteligente que estava sentado diante de mim olhava atentamente, esperava. Perguntei-me por onde começar... Expliquei quem me enviava e transmiti-lhe o convite da Vanga — que viesse ter com ela a qualquer hora, quando decidisse. Em vez de resposta seguiu-se silêncio. Fiquei preocupada e também me calei.

De repente perguntou-me quando partia para a Bulgária. Quando soube que viajava no sábado, disse:

— Então eu venho no domingo. Peço-te que me esperes no aeroporto.

Após mais alguns minutos de conversa, em que exprimi a admiração pela bela natureza do seu país, e ele mencionou quão sobrecarregado estava com compromissos de trabalho, agradeci a hospitalidade, despedimo-nos e saí do gabinete.

Como combinado, no domingo estava no aeroporto de Sofia. Após nos saudarmos, a primeira pergunta dele foi:

1. Quando partimos para a avó Vanga?
2. Se quiseres, podemos partir imediatamente.

O que fizemos por insistência dele — claramente não tinha paciência para se encontrar o mais depressa possível com a Vanga, para saber se ela realmente o esperava, ou se percorrera tantos quilómetros em vão.

Chegámos a Rupite tarde da noite. Via-se que o meu companheiro estava emocionado.

— Eis, vês, a Vanga está aqui — disse-lhe eu. — Faz kurban, por isso se juntaram tantas pessoas junto dela. Venha cumprimentá-la e combinar quando se verão.

Assim que ouviu a minha voz, a Vanga perguntou-me em voz alta onde me perdera até então e quem lhe trazia.

Passou muito tempo desde então e já estou completamente certa de que ela muito queria encontrar-se com esse homem, por isso me confiara o papel de intermediária que realizaria o seu desejo. Não faço ideia de como poderia explicar isso aos céticos, àqueles que sorriem incredulamente ao ler estas linhas. Mas realmente era assim — a Vanga era um fenómeno também porque conseguia, como nos contos, realizar todos os seus desejos... E a minha sorte foi a possibilidade de anos a fio recolher factos sobre aquilo que me espantava e me levava à reflexão.

Por exemplo:

— como a Vanga conseguia transferir-se para o passado, presente e futuro;

— em que se esconde o segredo da sua dádiva curadora — como conseguia imediatamente compreender de que doença se tratava e encaminhar o doente para o médico exato, se julgasse que ela não daria conta;

— como conseguia ajudar mulheres estéreis, quando a medicina era impotente, a terem o seu filho;

— de que forma indicava onde encontrar pessoas desaparecidas;

— como ajudava os solitários a formar família, sendo muitas vezes pessoas completamente desesperadas, sem qualquer esperança;

— como acontecia junto dela a comunicação com as almas dos falecidos, descrevendo com os menores pormenores eventos do passado;

— como pressentia o perigo de futuras catástrofes naturais.

Por minha parte posso notar que quase todas as suas previsões se cumpriram — os eventos que já são realidade coincidem com as suas predições em aproximadamente noventa por cento dos casos. Não posso também deixar de notar a sua dádiva de ver em cada pessoa o segredo — aquele segredo que as pessoas geralmente tentam ocultar bem dos outros. Exatamente isso era a razão por que a Vanga por vezes se zangava e calava, terminava a conversa. Mais de uma vez a ouvi perguntar: «Essas pessoas sabem com quem estão a lidar?» Estou convencida de que não perdoava àqueles que tentavam enganá-la, ser mais espertos que ela.

Mas voltemos ao início do meu relato, àquela longínqua viagem a Rupite. À volta de mim e do hóspede distante aglomeravam-se pessoas, e o coração da Vanga transbordava de alegria, que não escondia.

Vanga: Sim, sim, Kircho, isso é bom para as pessoas, e para a Bulgária, e para o vosso grande país!

O hóspede: Tu, avó Vanga, a que país te referes?

Vanga: Ora, que esperto, logo percebeste a que país me refiro.

Mais tarde esse encontro cresceria numa grande amizade, seguir-se-iam ainda muitas perguntas e respostas, e a Vanga guardaria um dos segredos até maio de 1996, quando se veriam com Kirsan Ilyumzhinov pela última vez. Nesse segredo também eu fora iniciada, mas como respeito as normas éticas por ela legadas, guardei-o para mim...

Muitos acreditam na sua dádiva, outros negam-na, mas será o tempo o juiz mais imparcial, que dirá a sua pesada palavra — quem tinha razão. Permitir-me-ei dizer o seguinte: cada um tem o direito de negar as suas capacidades fenomenais ou de as reconhecer — posso compreender tanto uns como outros... Não procuro agradar a ninguém. O meu objetivo é que tudo neste livro seja o mais verdadeiro possível, sem emoções desnecessárias ou fantasias jornalísticas.

Gostaria de voltar novamente àquele longínquo acontecimento trágico com o vendaval, que surge do nada e acalma da mesma forma como aparece. Já mencionei na primeira parte que, em 1923, como resultado desse evento, uma comum rapariga de doze anos de olhos azuis perdeu a visão, para depois se transformar numa verdadeira enigma. No desenvolvimento das coisas não há nada de casual, tudo o que se segue é antes uma regularidade, se seguirmos a cronologia dos eventos.

Em setembro de 1923, na Bulgária eclodiu uma revolta, na repressão da qual se derramou muito sangue. Mas, segundo as palavras da Vanga, a energia dos mortos é indestrutível, não pode ser domada, e as suas almas não encontrarão paz por muito tempo. Após muitas conversas com a Profetisa sobre esse tema, cheguei a uma conclusão que vos pode parecer chocante: provavelmente a Vanga está ligada de alguma forma a essa energia, à rapariga de doze anos estava destinado, até ao fim da vida, ainda quase 73 anos, ser a sua enviada na terra.

Nos últimos dias da vida da Profetisa recebi confirmação dessa minha suposição. E aqui é necessário repetir que, ao seguir o seu

caminho de vida, deve avaliar-se com extremo cuidado cada palavra por ela proferida, porque nem sempre compreendemos de forma abrangente o sentido do dito pela Profetisa, e para que a interpretação seja legítima, é necessário comparar, confrontar as suas declarações feitas em momentos diferentes sobre o mesmo assunto. Muitos foram realmente felizes por terem tido a oportunidade de comunicar com uma pessoa tão extraordinária como a Vanga, outros ficaram insatisfeitos com as respostas dela e negaram a sua dádiva, a terceiros interessava e sonhavam vê-la e ouvi-la, mas por uma ou outra razão não conseguiram chegar até ela.

A todos quero dizer que a Vanga preferia guardar para si a verdade mais amarga e acontecia que, em vez de resposta, soassem frases vagas, ou por vezes instalasse-se um silêncio sepulcral. Muitas vezes fui testemunha de cenas semelhantes, e eu própria estive no papel de "vítima". À minha pergunta sobre a razão, a resposta dela era sempre breve:

Vanga: Sabes tu que tragédias aconteceriam, se a alguns dissesse o que vejo!

B. Cv.: Pressinto.

Vanga: Quantas vezes gravaste o que digo e falaste com as pessoas que vêm ter comigo?

B. Cv.: Muitas vezes.

Vanga: Então não perguntes — tu, por exemplo, como responderias aos descrentes?

B. Cv.: Dificilmente conseguiria responder-lhes como tu... Agora vou enumerar os encontros que me impressionaram fortemente e nos quais senti que tu intencionalmente te calavas. E depois diz-me se tenho razão. Que seja algo como um exame que faço contigo.

Vanga: Não comigo, mas com aqueles "lá em cima".

B. Cv.: Veio uma mulher com uma criança doente, acho que de Sandanski. Suplicava-te que a ajudasses e no fim gritou, chamou-te pessoa ou pedra.

Vanga: E depois o quê?

B. Cv.: E depois — na minha opinião viste algo muito terrível, por isso nada respondeste às acusações dessa mãe enlouquecida.

Vanga: É assim, pioraria se lhe dissesse que a criança está condenada. Vi que então ela morreria ainda no caminho para casa. Por isso não lhe disse nada. Perdeu essa criança, mas teve outra. Assim salvei-a a ela, e apareceu mais uma pessoa no mundo. Se não me tivesse calado, uma família inteira se destruiria.

B. Cv.: E um conhecido contou-me como em 1971 veio ter contigo uma mulher de Hairedin. Trazia um pedaço de açúcar e da vizinha com pedido para atenderes também a ela. A uma atendeste, à outra não disseste uma palavra. Apenas recomendaste à mulher fazer uma boa banitsa e distribuir aos vizinhos.

Vanga: Lembro-me, essa mulher trouxeram-ma uns conhecidos. Tinha cancro, vi-o, mas como lhe dizer — naqueles tempos era terrível até pronunciá-lo... Guardei o segredo, e um ano depois soube que morrera de cancro.

Vale a pena convencer as pessoas de que me calo não porque não vejo, mas porque a Vanga tem leis que respeita...

Lembras-te daquele rapaz que queria deixar-me a sua cruzinha de ouro e repetia com lágrimas nos olhos: «Tia Vanga, o meu pai está vivo, não está?» O que mais me restava senão confirmar que o pai estava vivo e em breve regressaria? Menti-lhe... Quando ele saiu, disse-te que o homem já não existia. Mas que proveito da verdade, se não o devolverás, e o rapaz tem coração doente, não aguentaria... Não um, mas dois mortos — que ajuda é essa? Sei, depois dirão que a Vanga se enganou, mas afinal o rapaz está vivo...

B. Cv.: A dor, a mágoa, as doenças — tais são mais frequentemente os teus segredos. Como os guardas em ti, se por dia passam dezenas de pessoas com problemas semelhantes...

Após meses voltaremos novamente a essa conversa, porque mais uma vez algum jornalista tentara passar à frente dos que esperavam semanas, e a Vanga expulsara-o, e por esse caso aparecera um artigo bastante irónico. O senhor descrevia como junto da Profetisa entravam só pessoas suas, e na fila havia sempre confiáveis que a informavam previamente quem dos visitantes viera por quê.

Vanga: Vi-o, vi-o... que escreva. Mas mesmo que tivesse entrado junto de mim, nada lhe teria dito. Está doente e ninguém pode ajudá-lo — nem eu, nem os médicos. Não o deixei entrar porque vi quão pesada é a sua karma. Que escreva o que quiser.

E quanta gente vem perguntar-me por ouro e que disparates, pelos números da lotaria ou por exames... Esses que os apanhe, para não perguntar... por isso me irrito! Perguntarem-me tais parvoíces — Meu Deus, que tempos chegaram... Eh, e a ti não te disse que a tua mãe tinha cancro. Sei que não te zangas comigo, porque compreendes que nada se podia fazer por ela... E ouro vi na tua casa, mas ainda não chegou o tempo... e já tomou a sua vítima — a tua sogra... Não foi?

B. Cv.: Sim, foi. E pela mãe nunca me perdoarei, embora digas que não tenho culpa. E a minha sogra sofreu muito com essa herança, certamente isso lhe encurtou a vida.

Vanga: Eh, compreendeste agora que também a ti não podia dizer toda a verdade, embora estejas há tantos anos ao meu lado?

B. Cv.: Sim, penso que te compreendo bem, mas isso não me alivia. A dor permanece... Tu e pelo meu sogro acertaste de quê morrerá. Mas só agora te confesso quão espantada fiquei por teres acertado onde estavam os objetos e o dinheiro, e quem os levou.

Vanga: E disseste a alguém sobre isso?

B. Cv.: Para quê? O que ganharia ou perderia? Isso ficou segredo.

Vanga: O que aconteceria se as pessoas me compreendessem, se soubessem tudo?... Bem, ouvirão a verdade, mas saberão o que fazer depois, como agir? Certamente não, mas fica tu a saber: não preciso de advogados, nem de defesa, a minha defesa está lá em cima e assim seja.

Como falava — com dor, com amargura... Quantas noites a Vanga ficava a sós com a dor alheia, com os problemas dos outros. Ela era acima de tudo uma pessoa...

Se tentarmos pelo menos por um momento colocar-nos no lugar dela, procurar respostas às perguntas dolorosas, dificilmente faríamos conclusões tão irresponsáveis, criticar, pronunciar-nos ou diretamente negar esse fenómeno fenomenal, em vez de tentar compreendê-lo, compará-lo com semelhantes e procurar explicação aceitável.

Acontecia a Vanga repreender alguns cientistas pela sua falta de consciência... Por vezes abria conversa sobre conhecidos escritores búlgaros, descrevendo eventos do passado distante, perguntando geralmente até quando escreveriam tais invenções, que romances são esses, em que nada têm a ver com a história — tal como realmente

foi?... Uma vez perguntou-me qual dos nossos czares me parecia o mais digno de respeito (tratava-se das personalidades excecionais, de quem dependiam os destinos da Bulgária). Quando ouviu o nome de Ivan Asen II, riu-se e disse que, se diante dela estivesse um historiador, poderia contar-lhe muitas coisas interessantes, e reais, da própria história, e não inventadas...

Quantas vezes ao longo destes anos me perguntei se há algo de que ela não entendesse, mas nunca consegui apanhá-la em falso. Parece que a razão se esconde no facto de a nós não nos ser dado penetrar no seu mundo, enquanto ela circulava livremente pelo nosso e sempre nos aconselhava, tentava ensinar-nos muitas coisas. A Vanga dava generosamente tudo o que era capaz, como muitas vezes dizia ela própria — “para o bem das pessoas”.

Já no seu leito de morte disse-me várias vezes: «Os meus juízes serão o tempo e a história, eles abrir-vos-ão os olhos e compreendereis que tudo o que disse é assim e assim será. E tu olha, se se cumprirá aquilo que te disse.»

ENCONTROS HISTÓRICOS

A boa árvore dá bons frutos. Se o fruto é desagradável e sem valor, a árvore é má.

O ano é 1943 — ficará na história como o ano dos frios inolvidáveis e, claro, da derrota fatídica das tropas alemãs em Stalingrado. Muitos recordarão com mágoa, como tempo de grande dor, um ano sangrento, cruel de luto por entes queridos, que partiram cedo deste mundo.

Não são uma ou duas as publicações em búlgaro — livros ou artigos jornalísticos — em que se menciona que exatamente nesse ano a Vanga teve um encontro com Hitler, o homem diante do qual tremia então o mundo inteiro. Nesse encontro a sós dissera-lhe apenas algumas palavras, mas significavam muito para ele. Permiti-me até no período que precedeu a sua entrada no hospital perguntar-lhe novamente sobre isso.

B. Cv.: E afinal esteve ele contigo, madrinha?

Vanga: Deixa esse filhinho — quanto sangue, quantas lágrimas de mães se derramaram por causa dele! — cortou ela e assim, de uma vez por todas, terminou a conversa sobre esse tema.

Pessoalmente dela ouvi que, ainda quando vivia em Strumica, vinham ter com ela próximos do czar Boris III. Não sei do que falaram,

mas certamente as palavras dela lhe foram transmitidas e intrigaram-no, porque mais tarde ele próprio a visitou. Estivera com um homem baixo — quem sabe, talvez fosse Hitler...

Vanga: Lembra-te da data 28 de agosto de 1943, czar.

Boris III: Trará esse dia algo novo para mim e para a Bulgária?

Vanga: Trará muitas coisas novas, mas há tempo até lá. Lembra-a...

— Sobre muitas coisas ainda me perguntou o czar — dizia ela. — Sempre me perguntava o que aconteceria nesse dia... Mas poderia eu dizer-lhe que então ele morreria, e os comunistas içariam sobre o seu reino a bandeira vermelha. Não se sabe o que aconteceria comigo, se lho dissesse — ele era grande político e diplomata...

Se tentarmos seguir os eventos descritos por ela e pelos historiadores, não nos será difícil confrontar alguns factos, por exemplo sobre Hitler. Sabe-se que ele tinha a fraqueza de se rodear de pessoas com capacidades paranormais, e considerava-se a si mesmo eleito por Deus. É possível que o czar Boris III, que sabia dessa paixão do führer, numa das suas sucessivas reuniões com ele lhe tivesse insinuado algo sobre a vidente búlgara e o ouvido o levasse a decidir encontrar-se com ela.

E ela por sua vez poderia dizer-lhe clara e exatamente qual seria o desenvolvimento dos eventos. Por tais previsões Hitler não perdoava, mas talvez não admitisse que a Vanga era um fenómeno pelo menos igual ao seu próximo Erich Jan Hanussen. É possível que um dos erros fatais do führer fosse, por um lado, a excessiva confiança em Hanussen e, por outro — a subestimação do predito pela Vanga.

A pobre casinha da búlgara cega nada tinha a ver com o requintado castelo do seu “vidente de corte”. As palavras dela também divergiam das previsões otimistas dos cientistas, videntes e astrólogos que o rodeavam.

De qualquer forma, entre o dia da visita de Boris III e 28 de agosto de 1943 — o dia da sua morte — havia apenas sete meses.

Após os altos hóspedes partirem, a Vanga sentiu-se terrivelmente cansada, as forças como que voaram para algum lado. Atormentavam-na visões horríveis — incêndios, rugido de tanques e aviões, terra crivada, como que toda em feridas.

A Profetisa persignou-se e disse com um suspiro:

Vanga: Meu Deus, que pessoas nascem, meu Deus! Tu és misericordioso! Dá a cada um o merecido, e salva as pessoas, meu Deus!

Há alguns anos, após o início das mudanças democráticas, a Vanga mostrou-nos a fotografia de Simeon — do herdeiro do trono, sobre cujo berço outrora lhe aparecera a fita vermelha.

Vanga: Fica a saber, Simeon quer vir à Bulgária.

B. Cv.: Será que se lembra dela?

Vanga: Lembre-se ou não, mas dizem que muito deseja vir ao túmulo do pai e ver como é agora a Bulgária...

B. Cv.: E virá ter contigo?

Vanga: Não sei...

A Vanga desejava encontrar-se com o senhor Simeon Koburgotski. Uma vez mencionei isso a um dos nossos políticos, que mantinha contacto com ele.

— Porque te calas e porque não me disseste imediatamente? Ele certamente passaria por Rupite! — exclamou o meu conhecido.

Não sei porquê, mas quando se falava do czar Boris ou do filho, o rosto da Vanga mudava, como que tremia levemente. Mais de uma vez voltámos a esse tema.

Uma noite quente — isso foi antes de Simeon Koburgotski visitar a Bulgária — estávamos sentadas no banco e falávamos sobre o que mudaria na Bulgária após a visita dele. De repente aproximou-se da Vanga um homem elegante de cerca de quarenta anos e, do nada, interferiu na nossa conversa:

1. Tia Vanga, o que pensas, Simeon virá a Bansko?

2. És astuto, astuto, mas eu digo-te! Queres saber muito mais, não é?

3. Não, pergunto apenas se passará por lá...

4. Dificilmente. É aquela casa na esquina que tens em mente?

5. Sim, exatamente isso me interessava. Combinado. Entendemo-nos.

Eu não compreendia. Como se os dois tivessem trocado réplicas mentalmente, e o dito em voz alta fosse apenas uma breve réplica ao diálogo principal. Essa nossa conversa com a Vanga ficou assim inacabada, mas eu por minha parte não voltei mais a ela, porque o senhor Simeon Koburgotski não passou por Rupite.

VANGA E DUNOV

Agora já podemos ler livremente as obras de Dunov, sem nos escondermos — certamente todos os seus livros foram publicados, alguns em grandes tiragens. Foram postos à venda áudio e videocassetes com a paneuritmia. Podemos também conhecer as memórias de alguns dos seus seguidores. Poucos são os búlgaros que não sabem quem é Petar Dunov, o Mestre e fundador da Fraternidade Branca, mundialmente conhecido nos círculos ocultos pelo nome Beinsa Duno.

Ao mencioná-lo, não posso deixar de juntar o nome de Lyubomir Lulchev, o conselheiro secreto do czar Boris III, o oráculo da corte, que pagou com a vida o conhecimento com Hitler; ou do historiador Petar Karapetrov, sobre quem o jornalista francês Charles Gusso escreveu: «É o mais alegre e talentoso de todos os mestres de leitura de café que alguma vez encontrei.»

No início dos anos 40, nos círculos dessas pessoas, sobre quem se contavam lendas, começou a mencionar-se frequentemente também o nome da Vanga — quem mais, senão os teosofistas, sabe com que missão foi enviada à Terra.

A Profetisa contou-me muitas coisas interessantes sobre eles. Sempre ouço com enorme prazer a cassete com a conversa sobre o encontro entre Vanga e Dunov, considero-a única...

A Vanga fora informada de que Dunov organizava uma reunião do grupo principal da Fraternidade Branca, para a qual a convidava também a ela. Isso aconteceu em 1943. Decidiu ir e conhecer essas pessoas com o pensamento de que talvez lá conseguisse aprender mais não só sobre eles, mas também sobre si mesma.

Dunov convida para o jantar todos os que responderam ao seu convite. Entre os presentes estava um seu seguidor de Stara Zagora chamado Vlaiko.

Com que ternura a Vanga recordava esse encontro, as conversas. Gostava de descrever pormenorizadamente o que fora servido à mesa naquela noite, que se gravara na sua memória como inesquecível.

1. Serviram-nos sopa de sêmola com uma rodela de limão, moussaka magra e compota de ameixas. Dunov disse-nos: «Bem-vindos a esta mesa, louvor por tudo ao Senhor, que Deus assim nos veja sempre.» Nós também agradecemos e o jantar começou. De repente Dunov, que estava sentado perto de mim, disse a Vlaiko.

2. Dirás à irmã Vanga o que o céu te diz, irmão Vlaiko?

Fez-se silêncio, pareceu-me que ao irmão (assim se chamavam entre si — irmãos e irmãs) não apetecia muito responder, e anos depois compreendi porquê.

— Eh, o que lhe hei de dizer... Muito jovem enviuvará, a casa dela tornar-se-á clube, e diante da porta dela erguer-se-á um poste de ferro.

Confesso que me assustei e doeu-me com essas palavras dele — que diz este homem, eu acabara de casar, o Mitko não tinha nada... E pensei: fala, fala, que a tua vez chega. Então Dunov virou-se para mim e perguntou:

1. E tu, irmã Vanga, o que dirás ao irmão Vlaiko?

2. O que lhe hei de dizer, tudo o que o céu me diz?

3. Tudo, entre nós não há segredos.

4. Daqui a um ano o irmão Vlaiko não venderá nem abóboras, nem mel.

Posteriormente compreendi que Vlaiko gostava muito de trabalhar a terra e que muita gente ia ter com ele pela sua clarividência.

Chegou o outono de 1944, e com ele — o novo poder. Entre os primeiros que sofreram estava Vlaiko. Tiraram-lhe tudo, e assim se cumpriu a minha previsão.

Após o jantar, Dunov convidou-nos a todos para irmos aos Sete Lagos de Rila, mas eu recusei imediatamente. Propuseram levar-me de mula, mas mesmo assim não aceitei, era um caminho muito longo para mim.

Não conseguiram convencer-me, não fui aos lagos, onde Dunov me convidava. E esse era o lugar favorito do Mestre. Rochas, a água — pura como uma lágrima... De qualquer forma — eu vi essa beleza... eh, que montanhas majestosas, que árvores centenárias, e entre as árvores — as tendas deles. Acenderam uma fogueira e toda a irmandade — à volta dela... E Dunov — ele sentava-se no ponto mais alto. E era ele próprio alto, robusto — um verdadeiro santo... Ao lado dele sentavam-se Vlaiko e Zvezdin — eram homens saudáveis, fortes, mas lá não os reconhecias — tão silenciosos e mansos eram.

Zvezdin gostava muito das muras — falava sempre delas. Alguém pode pensar que são histórias, mas ele próprio sentira que o fim estava próximo, e pedira que lhe fizessem um caixão exatamente dessa mura, à noite deitou-se nele, e de manhã encontraram-no exalando o último suspiro...

Segundo a Vanga, ao sentir as mudanças que se aproximavam, a desconfiança do novo poder para com pessoas como ele, Zvezdin partira antecipadamente e em silêncio deste mundo. Ela continuou a contar como o irmão Vlaiko fora enviado para Belene. Não que não tivesse visto antes que assim aconteceria, mas não ousara dizer-lhe o que o esperava. Sabia também que ele regressaria de lá, ficaria vivo. Não disse, porém, uma palavra sobre como mantinham contacto entre si, mas em compensação contou como uma vez lá, na ilha, acontecera algo muito mau e Vlaiko dissera aos prisioneiros: «Metade de nós ficará aqui, e os outros regressarão às suas casas.» Ele próprio fora um daqueles que voltaram para casa, por isso a previsão da Vanga se cumpriu.

Perguntei-lhe o que podia dizer-me sobre o próprio Dunov — sobre o Mestre, sobre os seus contactos, e a resposta dela foi breve.

Vanga: Não sabes! Afinal ele era protegido por Georgi Dimitrov, quem ousaria tocá-lo?

B. Cv.: Porque exatamente ele o protegeria?

Vanga: A ti hei de dizer que sei muitas coisas, mas não posso falar de tudo. E Dunov...

Seguiu-se um breve silêncio, após o qual continuou.

Vanga: Ele tinha duas pessoas que lhe eram as mais próximas — o irmão Zvezdin e Veska Kozarova. Eh, poucas outras coisas tinha... Melhor conto-te como o irmão Vlaiko despachava aqueles que vinham ter com ele para que lhes visse... Dizia-lhes: «Vós aí, em Petrich, tendes

uma boa vidente, ide ter com ela!» E mencionou ainda que na América havia uma mulher assim.

Passou bastante tempo e tudo o que Vanga e Vlaiko se disseram sobre o futuro aconteceu. Aconteceu aquilo de que a Profetisa mais temia — Dimitar partiu jovem e ela ficou novamente sozinha.

Vlaiko, esse homem abastado e poderoso, encontrou-se no campo de Belene e perdeu tudo o que tinha.

Vanga: Deus dispõe de nós, as pessoas... O que não me aconteceu a mim também... Ainda no encontro com as pessoas da Fraternidade Branca compreendi que me seria difícil, muito difícil. Mas eu tenho a minha compreensão das coisas, sempre estive sozinha e nisso está a minha força.

B. Cv.: Contar-me-ás mais algo interessante sobre aquela época?

Vanga: Nada, só te direi como mais tarde vieram aqueles do grande país, cuja residência agora está junto ao monumento a Dunov.

B. Cv.: Não é residência, é embaixada.

Vanga: Pronto, vieram e — hop! — querem remover o monumento. Mal encontrei Lyudmila. Ela, ao regressar do Japão, ligou-me imediatamente e perguntou o que se passava. O quê, disse-lhe, permitirás que desenterrem os ossos desse homem santo, afinal lá, junto ao túmulo, há um parque, vinhas, uma fonte, o povo habituou-se a ir lá — descansar, beber água, levar flores ao Mestre. E ela só me dizia: «Não te preocupes, eu trato disso.» Assim foi salvo esse lugar santo, para que pessoas de todo o mundo o visitem...

Agora, quando já não estás ao meu lado e ouço a tua voz dizer do gravador estas palavras, arrepio-me. Não aconteceu algo semelhante contigo, querias ser sepultada junto à tua igreja e fizeste-nos jurar que esse teu desejo seria cumprido, e algumas pessoas iniciaram uma campanha para mudar... Lembro-me bem também das tuas palavras: «Não toquem no que já está feito, isso fica na história...»

Junto ao túmulo de Dunov há sempre pessoas, muitas vezes vêem-se mães com crianças, todo ele afogado em flores, tal como o teu em Rupite, junto à tua igreja. Como Lyudmila não permitiu que ele fosse trasladado para outro lugar, assim também eu te prometo que tudo o que me pediste será feito. Estou convencida de que o teu nome perdurará

pelos séculos e falarão de ti com amor e calor como de todos os que fizeram grandes bens nesta terra.

E quanto àquela americana que tinha dádiva de clarividência, semelhante à da Profetisa Búlgara — sim, é verdade, houve tal mulher, mas também ela já partiu, aos 79 anos. Vlaiko não se enganou. Pessoas como eles não se enganam — são parte da história humana.

VANGA E OS ESPÍRITOS

DE MAKARIOS E TURGUT ÖZAL

Entro exatamente no momento em que a Vanga atende — segura na palma da mão terra trazida de algum lugar, certamente de longe. Junto à lareira sentam-se Mariana, Plamen (paz à sua alma), o treinador da equipa de futebol de Chipre e a mulher dele.

Vanga: Aí vem a pessoa com a “fofoqueira”... Não temam — continuaremos a nossa conversa. E assim será melhor — que ela também veja e ouça, e não depois ande só a perguntar... Sim, sim, é assim, na mão tenho um punhado de terra do túmulo de Makarios. Foi um grande homem e não só político, mas também uma personalidade espiritual.

B. Cv.: Como chegou até ti essa terra? Para que te serve?

Vanga: Queria tocar nesse grande homem. Eis o túmulo dele, quão bem arranjado, num lugar alto. E como o respeitam as pessoas! Todos vão lá, levam flores. E gostam muito dele, e com razão...

Yordanov (o treinador): Não vês mais nada? As coisas em Chipre arranjar-se-ão em breve?

Vanga: Vejo uma vedação verde — ficará ainda algum tempo, depois removê-la-ão... Eh, que país belo e rico...

Yordanov: O que vês agora?

Vanga: Aí está ele, parado ao limiar — Turgut Özal. Fala contigo, Boike, pede que digas às pessoas do partido dele que lhe ergam um monumento junto a Edirne. Vestido de branco e diz para transmitires depressa a sua recomendação...

B. Cv.: Madrinha, podes estabelecer contacto entre os dois, para compreender quais foram as relações deles?

Vanga: Posso, mas não o farei. São assuntos deles — políticos, pessoais. Não é da nossa conta. Estás a gravar?

B. Cv.: Claro, como perderia tal momento.

Alguém dos presentes: Ela até tiraria fotografias, se pudesse fotografá-los.

Vanga: Que nos fotografe a nós para recordação, e aos espíritos deixemo-los em paz. Eh, alegro-me por Makarios me ter visitado. Chipre é um belo país. Mas dói-lhe estar cingido com essa rede de arame...

Yordanov: É assim, tia Vanga. Exatamente assim, como disseste — e pelo túmulo, e pelas flores, e pelo amor das pessoas.

Vanga: Agora pega nessa terra e, quando regressares a Chipre, deita-a no túmulo, põe também uma flor de mim, da Vanga. Conheces os outros presidentes?

Yordanov: Não.

Vanga: Diz a Vassilios — que me envie um bule e uma toalha.

Yordanov: Desculpa, mas para quê? Não tens bule e toalha?

Vanga: Não te metas nisso, assim me dizem, assim o quero... E a Vassilios já o demitiram, mas não faz mal, não importa...

Yordanov: Bem, tia Vanga, que Deus me ajude a cumprir o teu pedido.

Vanga: Ajudar-te-á, afinal ouviste-me atentamente...

Depois os hóspedes despediram-se da Vanga e partiram sãos e salvos.

Quase meia hora a Vanga calou-se, como acontecia geralmente após tais encontros. E a mim não me saía da cabeça o pensamento sobre os políticos, sobre a sua fraqueza por pessoas com capacidades extraordinárias. Interessante o que diria a Vanga sobre isso?

Vanga: Ouve, esse presidente turco não veio por acaso.

B. Cv.: Mas o que posso ter eu em comum com o presidente turco?

Vanga: Pelo contrário, pelo contrário... Gravaste essa conversa?

B. Cv.: Sim, gravei-a.

Vanga: Daqui a anos encontrar-te-ás com outro político do partido dele, lembra o que te digo. Então compreenderás mais.

Não podia deixar de acreditar nela, sabia que o tempo mostraria a veracidade das suas palavras. Assim aconteceu. A previsão da Vanga sobre o meu futuro encontro e sobre o monumento a Turgut Özal cumpriu-se completamente.

Às duas da tarde de 27 de abril de 1997 encontrei-me em Moscovo com representantes do movimento feminino da Turquia. Acompanhavam-nas dois homens — o tradutor e um empresário, que mais de uma vez patrocinara eventos do movimento e manifestara desejo de nos conhecermos.

Durante a conversa, que durou bastante, foi mencionado o nome de Özal e isso levou-me a contar o que acontecera junto da Vanga. Depois o tradutor disse que o hóspede, que se apresentara como Metin, confirmara as palavras da Vanga.

Senhora, eu também sou do partido do presidente, conheci-o pessoalmente — disse-me o empresário. — Se algum dia viajar para Istambul via Edirne, verá à esquerda da estrada o monumento a Turgut Özal. Ele gostava muito de Edirne, por isso o monumento olha para a cidade.

Talvez Özal tenha nascido lá? — supus eu.

Não.

Então porque desejou que o monumento fosse erguido lá, e não noutro lugar?

E Özal tinha as suas excentricidades.

O que mais se poderia dizer? Não me restava senão prometer que, se viajasse para Istambul, obrigatoriamente pararia junto ao monumento, pelo menos porque me estava destinado estar junto da Vanga no momento em que ela estabeleceu contacto com o espírito de Turgut Özal, e transmitir ao seu compatriota o desejo dele — já cumprido, como se verificou.

FAMÍLIA GANDHI

Uma vez mandaram de Sofia um carro e levaram a Vanga. Sem quaisquer explicações conduziram-na à capital para mais um encontro com algum alto hóspede. Por mais que suplicasse que a irmã Lyubka a acompanhasse, não lho permitiram. Para a Vanga a viagem era penosa e cheia de incerteza.

Quando finalmente chegaram a Sofia, o seu pressentimento de que se aproximava um encontro com um hóspede excecionalmente importante da Índia confirmou-se.

O tempo arrastava-se lentamente. A Vanga passara mais de uma hora em completa solidão, fechada entre quatro paredes, na mesa havia água e fruteiras com os mais variados frutos — sentia-se esquecida por todos. Mergulhara tão profundamente nos seus pensamentos que nem ouvira como na sala entraram os hóspedes do país distante, conversando entre si numa língua incompreensível. Mas para a Vanga a língua nunca fora barreira — já via eventos do passado, presente e futuro de cada um dos recém-chegados.

O que poderia dizer à mãe, a quem estava destinado perder os dois filhos? E sobre ela própria o que dizer, se a Vanga — mesmo que quisesse — nada poderia mudar no destino monstruoso que acometeria essa casa?... Mas ela era obrigada a falar. E a uma profetisa não é permitido dizer inverdades. Por isso a Vanga tentou o mais diplomaticamente possível insinuar os eventos que esperavam a hóspede no futuro.

Em 1981, em Varna, realizava-se um congresso de cientistas botânicos, ao qual assistira o irmão de Indira Gandhi. Durante as sessões plenárias sofrera um enfarte e só graças aos esforços dos bons médicos de Varna a vida lhe fora salva.

Depois, com urgência, levaram-no para Sofia, para o então Hospital Governamental, para recuperação.

(Quinze anos depois, no mesmo serviço, até no mesmo quarto, seria internada a Vanga... Acaso?...)

«Na vida não há acasos» — afirmava a Profetisa.

No hospital, o irmão de Indira Gandhi fora acompanhado pela esposa Sheila Roul, então ministra da cultura da Índia.

E volto a perguntar-me: seria acaso que ambos — o irmão de Indira Gandhi e a esposa dele Sheila — estivessem simultaneamente na Bulgária? Porque chegaram ao nosso país para participar em dois eventos representativos diferentes... (Do primeiro já falei, e o segundo é um encontro de mulheres — ministras da cultura, realizado sob o patrocínio de Lyudmila Jivkova.)

Após Sheila Roul ter a certeza de que o marido se recuperava quase completamente, manifestou desejo de encontrar-se com a Vanga e pediu ajuda a Lyudmila Jivkova.

A conversa com a Profetisa começou calmamente, depois a hóspede disparou pergunta atrás de pergunta.

Sheila Roul: O que acontecerá com o meu marido? Ficará curado? Regressaremos vivos e de saúde da Bulgária?

Vanga: Sim, regressareis normalmente, mas lembra-te: agora ele curar-se-á, mas daqui a dois anos partirá.

Quando a hóspede num momento mencionou o nome de Lyudmila, o rosto da Vanga transformou-se e nele se inscreveram medo e dor, após o que começou a gritar, como se não estivesse em si:

Vanga: Eles levá-la-ão, levá-la-ão...

E a Profetisa começou a repetir o nome de Lyudmila com muita dor na voz...

O comportamento dela tornou-se mais do que estranho, caíra quase em transe completo. Ao mesmo tempo sobre Rupite desencadeou-se uma tempestade, do céu negro como tinta caiu um dilúvio. A Vanga vira o que aconteceria com Lyudmila, sentira também a sua impotência — a tragédia era inevitável, o que provocara os seus gritos e contorções, semelhantes a uma agonia...

Sheila Roul regressara a Sofia e de manhã fora ter com o marido para lhe contar da viagem até à Vanga.

A colaboradora de Jivkova, que acompanhara em todo o lado a família Gandhi, contava posteriormente que de repente a assaltara um pressentimento de alguma desgraça... E no mesmo momento ouvira no rádio a triste notícia da morte de Lyudmila Jivkova.

Em breve explicava tudo, porque se lembrava com os menores pormenores do encontro com a Vanga, os gritos dela, o desespero com

que pronunciara que Lyudmila seria levada. Tornou-se-lhe claro porque então a Profetisa se comportara de forma tão estranha.

UM ENCONTRO NÃO REALIZADO

ENTRE VANGA E JACQUELINE KENNEDY

B. Cv.: Gostarias de te encontrar com a ex-mulher do presidente Kennedy?

Vanga: E sim, e não — perguntas muito difíceis me fariam lá. Não que não pudesse responder à minha maneira, como eu sei... Mas lá tudo é mais complicado, mais especial — na vida dessa mulher há tantos emaranhados... Lá estão os grandes políticos, e os grandes ricos.

B. Cv.: Isso significa que viste tudo ainda quando se falou da intenção dela de vir ter contigo?

Vanga: Eh, não, quantas vezes te hei de dizer que ela me suplicava que fosse à Jugoslávia, lá nos encontrarmos... E ainda queria perguntar-me pelo marido... pelo primeiro... Afinal ela sabe tudo... Não gosto assim... Andou, perguntou, inquiriu, e junto dela vinham contar-lhe... Mas ela de todo não quer ver a sua culpa... Não, não pelo assassinato, mas antes disso. Eh...

B. Cv.: E porque não se verem na Grécia, afinal o marido dela é de lá.

Vanga: Eh, responde-me tu, se puderes.

O que lhe poderia responder? Não me restava senão ler aqui e ali, saber algum facto. E quando voltámos à conversa sobre esse tema, a Vanga ouviu com interesse o meu relato sobre madame Kennedy-Onassis, e depois disse-me com um sorriso:

— Eh que investigação tens...

ENCO NTROS LONGAMENTE ESPERADOS COM UMA PESSOA QUERIDA — DUAS MULHERES COM DESTINOS SEMELHANTES

Mês de junho, sexta-feira à noite, são oito e meia — na sala com a lareira estava cheia de gente. Falou-se de um livro em que se escrevia também sobre a Vanga. Mas de repente a Profetisa mergulhou em reflexão, como se esquecesse da presença dos hóspedes, e iniciou comigo uma conversa que durou duas horas inteiras. Falámos de Lyudmila Jivkova, das suas frequentes viagens, dos encontros com ela, esperados com tanta impaciência pela Vanga, que num momento voltou

à memória do terrível acidente sofrido pela sua Lyudmila a caminho do aeroporto de Sofia.

Vanga: Entram junto de mim duas mulheres, entregam-me uma mala qualquer e perguntam o que aconteceu com a dona dela. Segurei a mala e de repente queimou-me — é de Lyudmila Jivkova! Vejo um grave acidente, hospital, muita dor... e pergunto às mulheres: «Meu Deus, o que aconteceu, porque o motorista corria tanto, que pressa era essa?» E elas respondem-me que nada sabem, queriam só que lhes dissesse o que via. Então digo-lhes: «Não temam, esqueçam o que pensam. Lyudmila não morrerá...»

Nesse momento percebi quão tensa ficara a Vanga, adivinhei a razão, mas continuei calada. Na sala instalou-se silêncio. E então pela primeira vez me passou pela cabeça que essas duas mulheres são tão diferentes, e nos destinos delas há algo muito semelhante. O início das desgraças da Vanga foi o vendaval, e das de Lyudmila — um acidente de automóvel. Passarão anos e quanto mais tempo passar, mais se aproximarão as duas, mais frequentemente encontrarão pontos de contacto.

A Vanga toda a vida se aterá àquela lei que ela própria se impôs, a lei cuja essência é o serviço incessante às pessoas. E Lyudmila (porque a ela foi dado mais em termos materiais) tentará apoiar não só pessoas isoladas, mas conscientemente procurar caminhos para ajudar o seu povo, devolver-lhe a glória outrora esquecida. Viaja por muitos países no esforço de estabelecer ligação entre a nossa e as culturas estrangeiras, viaja mais de uma vez à Índia e recebe frequentemente hóspedes desse país, alguns dos quais se encontraram não só com ela, mas também com a Vanga.

Vanga: Sim, sim... assim foi, isso vi e aconteceu o que vi. Ainda então sabia que como pessoa Lyudmila me era muito próxima. Depois, quando vinha ter comigo, já era outra, quase nada comia, fazia dieta.

E ela oferecia-me para beber das suas ervas, mas eu recusava. Quanto a leite, nem queria ouvir falar dele – e tu sabes como eu adoro esse maldito leite… Geralmente vinha com a Lencheta e como era bom estarmos juntas, eh… Ela compreendia-me, só que… Quantas vezes lhe disse para não viajar tanto de um lado para o outro, e além disso muita gente andava à volta dela… podia mandá-los trabalhar. Mas ela era assim – não sossegava se não visse e verificasse tudo pessoalmente…

Gastava muitas forças… Eh, que pessoa perdeu a Bulgária, mas a história um dia dirá o que tem a dizer…

B. Cv.: O que dirá a história?

Vanga: Ainda não chegou o momento de falarmos disso… A Liudmila fez muito, mas ninguém faz ideia do quanto ela sabia…

B. Cv.: Madrinha, foste tu que a orientaste para a Índia?

Vanga: Não. Ela contou-me como, depois do acidente, se fechou no quarto e não queria ver ninguém. Ajudou-a a prima dela, a Iana… Primeiro gritou com ela e obrigou-a a abrir a porta, depois disse-lhe que não devia desesperar assim, que a ajuda viria de algum lado. E começou a falar-lhe da Índia, dos iogues… E aquele que escreveu esse livro, porque não aparece aqui? Quantas vezes me levou e me trouxe a Sófia – vou eu perguntar-lhe se tudo, se cada palavra desse livro é verdade.

B. Cv.: E no México, desmaiou, ou isso é fruto da fantasia do autor?

Vanga: Pelo contrário, pelo contrário, do México ela voltou como se tivesse sido espancada… Eu dizia-lhe para não ir lá, mas tinha um assunto importante, contou-me um dia… Ela era assim – boa, crente… Uma vez apresentou-me um escritor russo, um homem muito inteligente, trabalhavam juntos… E de repente perguntou-me se o conhecia.

B. Cv.: Infelizmente não, mas li o livro dele sobre a Liudmila e sobre ti.

Vanga: Então porque dizes que não o conheces?

B. Cv.: Porque nunca me encontrei com ele, só li o que escreveu. Uma pessoa não pode conhecer toda a gente.

Vanga: Pelo contrário, pelo contrário, não toda a gente, mas com algumas pessoas vais conhecer-te, lembra-te do que te digo.

Era assim que conversávamos, e estávamos tão absortas na conversa que não reparámos como o relógio já passava da meia-noite. E os convidados estavam sentados e calados, via-se que escutavam com interesse – podia ser de outra forma, quando quem contava não era qualquer um, mas a Vanga.

B. Cv.: Já é tarde, e nós não demos a palavra a ninguém – talvez alguém saiba mais sobre a Liudmila.

Vanga: Como não! Vocês saberem mais do que eu precisamente sobre a Liudmila…

Percebi que a tinha irritado com alguma coisa, por isso despedi-me de todos e fui-me embora.

Durante a noite quase não consegui dormir, pensava na Liudmila, no que ela tinha feito – sim, com o dinheiro do povo, mas afinal tudo isso existe realmente. Pensava nas ligações dela com Sviatoslav Roerich, nos projetos de grande envergadura dela, no talento e na habilidade dela para atrair a atenção de personalidades importantes do estrangeiro para a nossa pequena, mas rica, Bulgária.

Pensava também na nossa atitude – muitos foram injustos para com ela (no sentido direto da palavra), outros simplesmente não a compreendiam por ignorância, e aqueles que a compreendiam – o número deles parece que não era grande – eram obrigados simplesmente a calar-se. Ela lutava sozinha… talvez por isso essas duas mulheres, a Vanga e a Liudmila, fossem tão necessárias uma à outra… Como soube mais tarde da Vanga, havia pessoas que dia após dia escreviam contra a Liudmila e os projetos dela.

Após a morte dela, saiu cá o livro «Pensem em mim como fogo». Passou muito tempo até eu compreender por que tinha esse título. A própria dissera uma vez: «Nascia sob o signo de Leão, o meu elemento é o fogo. Por isso pode dizer-se que o fogo é o meu elemento.»

Numa outro conversa com a Vanga, falou-se do programa dessa personalidade tão respeitada por ela, que a Profetisa qualificou como único. Não deixou de sublinhar que a Liudmila sabia com quem trabalhar e trabalhava dia e noite, sem poupar forças…

Vanga: Qual era essa corrida dela contra o tempo?

Então a Profetisa mencionou perante mim também o nome de Devika Rani, a esposa de Sviatoslav Roerich, falecida de cancro. Dias antes da morte dela, esteve com uma das colaboradoras de Liudmila Jivkova e conversaram sobre a Liudmila, sobre Nikolai Roerich, sobre os quadros dele destinados a serem enviados para a Bulgária.

E insistiu novamente que graças à Liudmila tivemos a oportunidade de nos familiarizarmos também com outras grandes personalidades – referia-se à arte de Leonardo da Vinci. Mas mais se emocionou quando se falou dos dias inesquecíveis da Assembleia Infantil «Bandeira da Paz» em 1979, quando realizou uma ideia magnífica, nascida com o

pensamento no bem das crianças, no enriquecimento da sua comunicação proveitosa e desenvolvimento. A Vanga declarou com orgulho que assim o nome da pequena Bulgária ganhou fama no mundo inteiro…

Após a morte da Vanga, começaram a cumprir-se as palavras proféticas para mim: «Um dia encontrar-te-ás com algumas pessoas.»

Num dia frio e carrancudo de março de 1997, eu, de forma totalmente inesperada para mim, conheci o escritor russo Valentin Sidorov, que escreveu um livro sobre a Liudmila e a Vanga. Diante de mim estava sentado o homem que se encontrara mais do que uma vez com essas mulheres excecionais, que, embora já não estivessem entre os vivos, pareciam ligar-nos com fios invisíveis. Não, o facto de nos termos encontrado não era acaso. Com emoção escutei o relato dele sobre um encontro muito interessante e prolongado com as suas duas boas conhecidas. Ele também queria perguntar-me muitas coisas.

V. Sidorov: Diga-me algo sobre a Liudmila, sobre a Vanga – por que a Profetisa não previu a morte dela?

B. Cv.: Pelo contrário, pelo contrário (sem querer, disse as duas palavras como ela fazia, com a entoação dela)… Por acaso não sabe que a Vanga não dizia tudo, especialmente quando não podia evitar a desgraça?

V. Sidorov: Sim, tem razão, mas elas eram tão próximas…

B. Cv.: É verdade, mas a Vanga cumpria rigorosamente as suas regras – certamente conhece-as?

V. Sidorov: Concordo consigo. Diga-me, é verdade que os sinos naquela localidade perto de Sófia já não tocam, e que a maioria foi roubada?

B. Cv.: Infelizmente, é. Mas há outro sino, em Rupite, e a voz dele lembra-nos que a história, ao contrário de nós, humanos, não esquece.

V. Sidorov: A julgar pelas suas palavras, parece que também você possui essas capacidades?

B. Cv.: Não, sou uma pessoa comum, mas tive a rara felicidade de conviver durante longos anos com a Vanga…

V. Sidorov: Por que se emocionou tanto? Acalme-se, por favor.

B. Cv.: A conversa emocionou-me, e também este nosso encontro… Sabe, a Vanga predisse-me que me encontraria quase com todos com quem ela fora mais próxima. Disse que valia a pena conhecer essas pessoas… Agora certamente compreende a razão da minha emoção…

V. Sidorov: Compreendo… Mas não deve emocionar-se assim, acalme-se. É verdade que não nos é dado saber tudo antecipadamente, mas talvez um dia possamos explicar também esse mistério… É melhor contar-me mais alguma coisa sobre a Vanga e a Liudmila.

B. Cv.: O que hei de contar… Se falamos da Liudmila, no ano passado, no décimo quinto aniversário do túmulo dela, vieram um punhado de pessoas. Não me cabe julgar, mas penso sempre que ela merece um tratamento completamente diferente… Até ao dia em que a Vanga partiu, faltava menos de um mês. A Vanga pediu-me que preparasse algumas coisas e as levasse à panihida, e depois perguntava-me sempre, e a dor dela ficou duas vezes maior, porque o que ouviu a entristeceu muito.

V. Sidorov: O que diz, isso é inadmissível – e quanto essa mulher fez pela Bulgária…

B. Cv.: Não é também você que escreve no seu livro que problemas teve para chegar até ela na altura… E quando li à Vanga a sua obra, ela recordava com ternura São Sérgio, exaltava sempre a sua santidade e falava-me dos dons dele… Queria que eu fosse a Serguiev Posad, mas nunca consegui chegar a esse lugar santo. Talvez um dia vamos lá juntos e você mo mostra?

V. Sidorov: Tudo é como está descrito, eu apenas tentei compreender de onde vem tudo isso…

B. Cv.: A consciência ou o inconsciente – eis a questão!

Rimo-nos os dois ao mesmo tempo, porque sabíamos como com as suas predições a Vanga tinha destruído completamente a hipótese dele sobre a natureza do dom profético dela.

Depois a conversa virou para outro tema – novamente no centro estava Liudmila Jivkova, mas agora falava-se da Irmandade Branca do Mestre Dănov.

B. Cv.: Ora, do seu livro soube que, no que toca à Irmandade Branca, a Liudmila tentou colocar a Bulgária em posições de liderança.

Agora compreendo por que os vossos queriam deslocar o monumento a Dănov mais longe da então embaixada soviética…

V. Sidorov: Interessante. Olhe, isso do monumento, não sabia.

Assim estávamos sentados a conversar, sem reparar no tempo. E quando olhámos para o relógio, ficámos espantados – seria possível que ele tivesse voado com tanta velocidade vertiginosa…

SAI BABA

Na sala com a lareira há muita gente. No rosto da Vanga está escrita uma calma serena, vê-se que lhe agrada a presença dos convidados. Quando estava nesse estado de espírito, geralmente recordava os encontros da juventude ou aqueles de quem muito gostava.

Falou-se da Liudmila e a nossa anfitriã animou-se, começou a contar as agradáveis surpresas que ela lhe oferecia – os conhecimentos com tantas pessoas inteligentes e cultas, que devia à Liudmila. E assim chegou-se ao momento em que a Vanga falou de um dos encontros, que ela própria qualificou como «muito importante».

Vanga: A Liudmila telefonou-me e disse que viria com um indiano qualquer, pediu-me que não me preocupasse. Vieram, ouço – ela fala-lhe em inglês, e ele a ela – também nessa língua… Bem, não vai ser fácil, pensei.

Liudmila: Este é Sai Baba, veio para se encontrar consigo, para conversarem.

Nesse ponto intervim na conversa, que a Vanga reproduzia como diálogo, e perguntei com espanto:

– O que dizes, madrinha? Por acaso não sabes que Sai Baba não viaja para fora da Índia?

Vanga: Ele não viaja, mas até mim viajou. E assim, sentámo-nos os três e esperámos. Eu calada, calada… Chegou a hora e apareceu a velha mãe Índia, e ela tinha vindo juntamente com ele.

Sai Baba: Tenho muita alegria em conhecê-la, senhora Vanga.

Vanga: Quando me chamou senhora, quase me rio, mas contive-me. Afinal na altura cá não havia isso. Todos eram camaradas. E a Liudmila perguntou-me: «O que vais dizer ao convidado, ou ainda é cedo para falares?» Quando Sai Baba começou a perguntar-me como lhe provaria que a mãe Índia me aparecera, eu disse-lhe: «Olha para a tua

mão, olha para o anel – assim to provarei!» Quando compreendeu o que lhe dizia, algo lhe aconteceu. A Liudmila teve de o acalmar, deu-lhe água para beber…

B. Cv.: Espera, não estarás a confundir alguma coisa? Talvez não tenha sido Sai Baba, mas o Dalai-Lama?

Vanga: Tu nunca acreditas… Se te digo que é Sai Baba, então é ele… Se não acreditas em mim, vai ter com ele e pergunta-lhe.

B. Cv.: Porque não hei de perguntar, se for preciso. Afinal tu própria sempre me dizes que a verdade não se alcança facilmente.

Stefka (filha da Velichka): Tia Vanga, é verdade que, bastando ele querer, das mãos dele caía cinza ou objetos diversos?

Vanga: É verdade.

Stefka: Então porque não veio cá fazer-nos um anel bonito a cada uma?

Vanga: Para quê fazer-vos anéis? Aquele anel ele ofereceu-o à Liudmila, e tu quem és…

B. Cv.: Parem de discutir, está claro que foi a ele que viste…

Vanga: Não só o vi, como conversámos, e a Liudmila traduzia-nos. Ele até me beijou a mão. Exteriormente parece jovem, mas vi quantos anos tem, não são poucos. Bem, também podemos falar do Dalai-Lama, mas noutra altura… Agora estou cansada, vamos, leiam aos bocados, que amanhã tenho trabalho à minha espera, eu não sou como vocês. E esta noite terei convidados… Mais cedo ou mais tarde, Boike, também tu te encontrarás com ele…

Moscovo, 1997, sexta-feira. O gabinete de um financeiro, administrador de um grande banco russo. Durante a conversa, o meu olhar parou no belo calendário na parede.

B. Cv.: Como chegou até si este calendário com a fotografia de Sai Baba?

Banqueiro: Trouxe-mo uma conhecida minha, que viaja frequentemente à Índia e já se encontrou várias vezes com Sai Baba.

B. Cv.: Poderia apresentar-me a essa senhora?

Banqueiro: Sim, claro, assim que ela regressar da Índia.

Esse «assim que» durou nada mais nada menos que cinco meses inteiros. Num belo dia, telefonaram-me e perguntaram se gostaria de me encontrar com N. M. Eu, claro, estava pronta para correr imediatamente. Combinámos encontrar-nos no dia seguinte às duas da tarde.

A minha nova conhecida revelou-se uma interlocutora extremamente agradável, e no rosto dela frequentemente brilhava um sorriso radioso. Via-se que estava carregada com a energia tomada de Sai Baba e tinha grande desejo de partilhar as impressões sobre esse homem incrível.

N. G.: Há muito que me transmitiram que queria encontrar-se comigo, mas acontecia sempre alguma coisa.

B. Cv.: Sim, queria muito encontrar-me consigo. Tenho grande desejo de saber mais sobre Sai Baba. Com ele encontraram-se a vidente búlgara Vanga e Liudmila Jivkova. E eu, claro, sonho um dia ir ter com ele.

N. G.: O que hei de contar… Sim, certamente sabe que ele tem quase estatura infantil – mede um metro e cinquenta e dois. Este ano fez 76 anos. Aliás, ele diz de si próprio que viverá até aos 95, e depois reencarnará novamente, para cumprir a missão seguinte.

B. Cv.: Perto da casa dele fica a propriedade de Sviatoslav Roerich, não é?

N. G.: Sim. Antigamente, Tamara foi viver para casa da família Roerich e foi exatamente ela que os apresentou a Sai Baba. Tamara ainda hoje vive na Índia, casou-se lá e passa frequentemente por Sai Baba. Infelizmente, sobre a herança da família Roerich estão a decorrer processos contra a secretária deles, estão envolvidos outras pessoas… Certamente sabe que a esposa de Roerich mantinha relações muito boas com Sai Baba. Essa história espalhou-se bastante – ela tinha grandes problemas de audição e foi ter com ele, vestida como indiana, com sari. Enquanto esperava com os outros doentes para ser recebida, ele, ao passar por ela, apenas pronunciou o nome dela e no mesmo instante a audição voltou-lhe como por milagre, normalizou-se completamente…

B. Cv.: E como recebe Sai Baba?

N. G.: Todos os dias de manhã e à tarde ele passa pelas pessoas ou, como dizem na língua deles, realiza «darshan». Então convida alguns para conversar consigo, para responder a todas as questões que os interessam.

B. Cv.: Por favor, conte-me mais pormenorizadamente sobre isso.

N. G.: Simplesmente Sai Baba fica a sós com eles, para conversarem sobre o que os preocupa, a alguns oferece saris. Tive a honra de estar sentada aos pés dele… Muitos escrevem-lhe cartas, e ele responde-lhes, claro que alguns têm de esperar muito. A muitos ajuda a resolver os problemas. Há pessoas que convida para conversa no dia do aniversário dele – então a casa dele está cheia de gente. Uma vez, exatamente nesse dia festivo, abriu uma carta em que lhe perguntavam quem era Vanga. E sabe o que disse Sai Baba?

«Antes do início da Segunda Guerra Mundial, Vanga ficou gravemente doente. Só poucos podem adivinhar o que aconteceu com ela – do alto foi decidido que ela devia cumprir a sua missão, e as forças celestiais ajudaram-na a sobreviver. A partir desse dia, as predições dela tornaram-se muito mais detalhadas e circunstanciadas do que antes. A própria Vanga falava frequentemente do Céu e da Terra. A carne pertence a Vanga, mas o espírito dela é forte e respeitado nos céus.»

B. Cv.: Sim, também eu tenho a minha hipótese, que é muito semelhante à dele – sobre a Vanga e as pessoas que possuem um dom semelhante ao dela. Por isso gostaria muito de me encontrar com Sai Baba e conversar com ele.

N. G.: Ajudá-la-ei a encontrar-se com ele. Quer que lhe dê de recordação desta nossa conversa um sari que ele segurou nas mãos?

B. Cv.: Não, muito obrigada. Basta-me que tenha aparecido uma possibilidade real de me encontrar um dia com ele.

N. G.: Quer que lhe telefonemos?

B. Cv.: Não, não, tenho perguntas a mais para ele.

Interessa-me saber se Sai Baba veio ter com a Vanga como pessoa de carne e osso, ou se foi o duplo espiritual dele?

N. G.: É difícil responder-lhe a uma pergunta dessas. Sim, ouvi dele o nome de Liudmila Jivkova, que era próxima da vossa profetisa, sei que também ela atingiu um nível elevado. É o que lhe posso dizer…

B. Cv.: Agora não falemos dela. E quanto ao encontro da Vanga com Sai Baba, se lhe interessar, encontramo-nos outra vez… Porque tenho uma gravação em cassete do relato dela sobre o que aconteceu.

Despedimo-nos após cinco horas de conversa. Depois de acompanhar a minha convidada e voltar para casa, vi ao fundo do antro escuro a sombra de alguém. Agora estou convencida de que não era fruto da imaginação, não era ilusão… Mas então fechei os olhos, e quando olhei novamente para a escuridão, já lá não havia nada. Agora só me resta esperar o encontro com o sábio Sai Baba…

ENCONTROS, ENCONTROS, ENCONTROS

Os bons atos nunca podem comprar a salvação,

mas são prova de uma fé que atua através do amor

e purifica a alma.

Quando ia ter com a Vanga, ela surpreendia-me frequentemente com mais um relato sobre algum dos seus encontros – não os do dia a dia, mas com algum político conhecido (lembro-me sempre das palavras de Edgar Cayce, de que os políticos são os convidados mais frequentes dos médiuns), homem das artes ou simplesmente uma personalidade interessante.

No início do meu convívio com a Profetisa, de alguma forma não prestava atenção a essas histórias, porque colocava como prioridade compreender a essência do fenómeno, que então se tornou objeto de estudo tanto de especialistas búlgaros como estrangeiros. Mas não passou muito tempo e a própria Vanga delicadamente deu-me a entender que não seria mau mudar a minha atitude quanto a essa questão.

Vanga: Queres que te conte sobre o nosso primeiro encontro com o Todor?

B. Cv.: Vamos lá, não tenho nada contra, quantas vezes já me prometeste, e ainda não tenho nada gravado.

Vanga: Está bem, ouve…

Mas depois de ela começar o relato pela terceira vez, parando sempre no mesmo sítio, eu, para dizer a verdade, não aguentei e desliguei o gravador. Ela percebeu que eu estava inquieta e cortou:

Vanga: Repito-to, percebeste, para que memorizes as minhas palavras. Porque essas coisas não te interessam. Mas os políticos não são pessoas fáceis. Hás de saber como é difícil lidar com eles…

B. Cv.: Sim, certamente é assim. Graças a Deus que não sou política e tu não me vês como eles. Prefiro não ouvir relatos sobre aqueles para quem não custa nada voar milhares de quilómetros ou importunar-te ao telefone por qualquer ninharia, só porque ocupam certos cargos. E o povo a ficar nas filas, enquanto tu dás as tuas lições a gente como eles. Percebe, não gosto dessas coisas.

Vanga: E tu própria não ficas horas comigo?

B. Cv.: Sim, mas eu venho ter contigo por outro motivo!

Vanga: Ora, uma pessoa não pode fazer uma graça?

B. Cv.: Conhecemos bem as tuas graçolas, são bem salgadas.

Vanga: É verdade, também com os políticos me gracejo assim. Lembras-te daquele ministro que trata das nossas relações com os outros países?

B. Cv.: Honestamente, todos os teus relatos sobre esse tipo de encontros parecem fundir-se num só na minha mente: levaram-te a Sófia, perguntaram isto e aquilo, e tu respondeste de uma maneira ou de outra.

Vanga: Olha, olha só, que é isso! É verdade, era assim, cansei-me com essas viagens de um lado para o outro, mas para onde havia de ir – eram aqueles os tempos.

B. Cv.: Pois, pois, e agora, se começares a enumerar os nomes daqueles com quem te encontraste, facilmente passamos meio ano, e as pessoas lá fora à espera. Respeito os teus velhos conhecidos, porque são teus, mas não gosto de tudo na política e na diplomacia deles.

Vanga: Pode ser que tenhas razão, o tempo o dirá…

B. Cv.: Vinham de todo o lado – da URSS, da Checoslováquia, da Polónia, da Jugoslávia, da Roménia, da Mongólia, da Índia, do Peru, da América… Basta ou continuo?

Vanga: Está bem, e agora podemos falar um pouco desse ministro…

Mas tu estiveste connosco o tempo todo, porque não disseste uma palavra?

B. Cv.: Ah, era isso! Tens em mente aquele jovem nosso, a quem explicaste longamente o que é a diplomacia, como devem ser as nossas

relações com os países vizinhos, o que eles representam para nós e o que é a Rússia…

Vanga: Acertaste. Na altura, a língua coçava-me para dizer ao rapaz que ele era mais talhado para o comércio do que para a diplomacia.

B. Cv.: Quantas vezes mo disseste já. Sei que os jovens passam frequentemente por tua casa, para depois usarem numa entrevista a "frase alada": "Assim disse Vanga."

Vanga: Eh, tu sabes muito! Mas tens razão – deixemos os políticos, também a mim já me chegaram à garganta – um meteram-no na prisão, outro despediu-se da vida… Vamos antes falar dos jovens.

B. Cv.: Referes-te aos búlgaros ou aos jovens em geral?

Vanga: A todos. Espera, deixa-me dizer-te mais uma coisa – também a ti está destinado levares-me homens de Estado, e não serão um nem dois.

B. Cv.: Porque só homens? Na minha opinião, há também mulheres que ocupam altos cargos. Ou defendes a posição de que ao topo só sobem os homens. Aliás, tens razão, mas na grande política já há mulheres.

Vanga: E certamente quererás saber o que lhes direi eu a esses que tu me trarás?… Muitas coisas lhes direi, muitas vezes nos encontraremos. Por isso é que comecei esta conversa, porque te vi no meio deles – serão muitos…

B. Cv.: Foi por isso que falavas sempre desses encontros?

Vanga: Sim.

B. Cv.: É pena que andes a rodear – sempre à volta de personalidades de alto nível, e a mim apetece-me ouvir mais sobre outras pessoas interessantes que vieram ter contigo. Por exemplo, sobre aquelas que afirmam ter capacidades como as tuas…

Vanga: Pelo contrário, pelo contrário, enganas-te. Tudo é interessante – tanto os encontros com os que fazem arte como com os que nos curam. Eh… Poderia contar sobre todos… Não se trata de que essas pessoas devam ser esquecidas.

B. Cv.: Como havemos de esquecê-las? Por exemplo, aqueles teus admiradores que percorreram o mundo para espalhar com as suas canções a glória do Orfeu búlgaro…

Vanga: O que está escrito ao homem… Espera, não tenhas pressa. Quanto ao outro que te disse, chegará a sua hora, mostrar-se-á…

Essas palavras foram ditas seriamente, e eu sabia bem que Vanga nunca lançava promessas ao vento.

As circunstâncias conjugaram-se de tal modo que um jovem presidente conseguiu entusiasmar com a sua ideia correligionários de 40 países e fundar um Parlamento das Mulheres, que posteriormente se transformou numa Liga Mundial, e em 1995 coube-me a honra de presidir a essa organização. Assim se tornaram realidade os numerosos encontros com homens, e também com mulheres, que ocupavam altos cargos, preditos por Vanga.

Agora gostaria de descrever mais pormenorizadamente como decorreu o primeiro encontro com Kirsan Nikolaevich Ilioumjinov, porque também ele pertence à geração dos jovens políticos sobre os quais Vanga tentou então iniciar a conversa.

Isso aconteceu em agosto de 1993. Conheceram-se em Petrich. Eu e Ilioumjinov estávamos com ela exatamente às oito da manhã. Vanga convidou o convidado a visitar a casa, depois insistiu que começássemos a conversa, porque dispunha de pouco tempo.

Sentámo-nos no chão, aos pés dela. Eu traduzia as perguntas dela, e ele respondia um pouco constrangido.

Vanga: O que tencionas fazer com o teu povo? Vê quanta dor se acumulou…

K. I.: Sim, tem razão, avó Vanga, o nosso povo sofreu, muitas pessoas foram enviadas por Estaline para a Sibéria, a maioria não regressou. Muitos também emigraram.

Vanga: Tens de criar postos de trabalho, prometeste nas eleições.

Vanga era Vanga. Começou a dar-lhe os primeiros conselhos e orientações para o desenvolvimento do Estado, previu muitas coisas que na altura eram, para o seu convidado, fantasias ousadas ou, se preferirem, sonhos radiantes.

Vanga: Não te será fácil, não… És jovem, muito trabalho te espera, a presidência não te será nada fácil, nem penses.

Ilioumjinov começou a perguntar-lhe sobre a construção do aeroporto lá em casa, a contar-lhe os seus planos, e Vanga escutava-o pacientemente, abanando de vez em quando a cabeça.

O encontro, apesar das intenções iniciais da anfitriã, prolongou-se, via-se que Vanga achava interessante.

Vanga: E têm igreja? Se não têm, constrói uma.

K. I.: Sim, isso farei, já começámos a construção de várias igrejas.

Vanga: E o que farás com as avós como eu, têm lares para idosos?

K. I.: Trato os idosos com respeito.

Vanga: Deixa lá isso, só com respeito não se vive. E com as jovens noivas, como está a situação?

K. I.: Não tenho tempo, avó Vanga, estou muito ocupado…

Vanga: Eh, estava a gracejar, rapaz, és jovem, Kircho, és jovem ainda, embora sejas presidente… Agrada-me conversar contigo, mas lembra-te de que falas com Vanga, por isso, antes de prometeres algo, pensa bem.

Essa visita durou três dias. Sobre o que não perguntou a Profetisa – sobre Iéltsin, se os dois se encontravam. Enviou por ele saudações ao presidente russo dela, de Vanga. Havia outros recados, mas não sei se foram cumpridos posteriormente pelo convidado, porque nunca mais se falou nisso, e Vanga não voltou ao assunto.

Sei uma coisa – pode dizer-se que jogaram uma forte partida de xadrez. Ilioumjinov viria ainda mais vezes ter com ela, os dois ficariam horas a conversar, por vezes a discutir. E quando eu regressava de Moscovo, Vanga não deixava de perguntar por ele.

Aeroporto de Sófia, 26 de maio de 1996. A primeira pergunta de Ilioumjinov foi sobre o estado de saúde da Profetisa, depois explicou que estava terrivelmente ocupado e por isso não pôde partir logo quando o informei da doença de Vanga.

O carro ainda não parara em frente da casa, e Vanga já começava a falar de que convidado tão caro e de tão longe vinha ter com ela. Soube disso mais tarde de Dimitar Valtchev, o homem que esteve ao lado dela até ao último momento.

Vanga: Então, Kircho, viste como te é difícil, não te disse eu… Mas há muitas mudanças e são para melhor…

K. I.: Sim, tens razão, avó Vanga. Mas não fales. Precisas de descanso. E eu voltarei.

As frases curtas, a emoção que não conseguia esconder, recordaram-me o primeiro encontro deles.

Vanga: Sei que virás, quem mais, senão tu… Disseram-te que vi uma sepultura, e ao lado dela – a ti! Meu Deus, que susto levei! Depois soube por Boika que morreu o teu conselheiro.

K. I.: Sim, disseram-me, soube tudo por Boika.

Vanga: E disse-te que te vi duplo presidente? Fiquei muito admirada, o que será isso, até onde chegará este jovem, pensava eu. E tu tornaste-te presidente daqueles que jogam xadrez. Diz-me, viajas muito pelo mundo?

K. I.: Muito.

Vanga: Lembra-te de tudo, não esqueças o que te disse, ouviste?

A essas palavras dela não aguentei e saí da sala – ela mal respirava, e continuava a preocupar-se com os outros.

Peço a Kirsan Ilioumjinov que me perdoe estas linhas, sei que até sair o meu livro muitas coisas ainda terão mudado. Mas o mais importante para ambos nós é, primeiro, que Vanga, pelo menos no corpo, já não está entre nós, e, segundo – que ele realmente conseguiu atingir como político e diplomata aquelas alturas que ela lhe predisse.

Desejo de coração ao bom político e enxadrista que o destino lhe seja favorável e o ajude a realizar todos os seus planos relativos à pequena república das tulipas floridas.

Quantos encontros tiveste, quantas personalidades conhecidas e extraordinárias vieram ter contigo, madrinha… Não paro de me admirar como conseguías captar imediatamente a essência de cada um. E vinham ter contigo pessoas realmente muito diferentes de todos os cantos da terra. E não apenas uma vez. As distâncias não eram obstáculo. Kirsan Ilioumjinov não foi o único a atravessar milhares de quilómetros só para conversar contigo, para ouvir os teus conselhos.

Sobre quantas mais pessoas e encontros poderia contar, mas num só livro nem tudo cabe. Na minha opinião, madrinha, sobre as tuas

relações com os nossos políticos e personalidades conhecidas valeria a pena escrever um livro à parte – afinal eram eles que mais frequentemente vinham ter contigo. Alguns nem se davam ao trabalho de pensar, confiavam plenamente em ti nos anos difíceis – assim era mais fácil, e o povo acreditava neles, pois a frase “assim disse Vanga” funcionava infalivelmente. Mas eles não se davam conta de que Vanga não era eterna. E infelizmente ela deixou-nos com dor na alma.

E quão interessantes foram as reações das diferentes categorias nos teus últimos dias e horas e depois disso…

Já tinhas partido de entre nós e eu isolara-me em casa no dia do funeral, ao qual não fui, porque me disseste que te despedias de mim no hospital e não querias que te visse morta. O telefone tocou – procuravam-me de Moscovo. Alguém pronunciou baixinho o meu nome e reconheci a voz de B. A., um velho conhecido com quem nos encontrámos pela primeira vez contigo, em Rupite.

B. A.: Que perda pesada! Aceite as minhas condolências, Boika. Seja forte, todos partilhamos a sua dor. Direi apenas que após a morte dela ficou órfã toda a Universo, da qual somos uma partícula nós, os humanos.

B. Cv.: Obrigada. Sim, tem razão, o Universo ficou órfão.

Quando ouvi aquela voz, das profundezas da memória emergiu como da névoa a recordação daquele dia em Rupite. Na altura, eu e B. A. – esse homem radioso e sorridente para mim – trocámos algumas palavras. Ele segurava reverentemente o presente destinado a ti e via-se como se emocionava como uma criança ao pensar que se iria encontrar contigo, com Vanga. E tu estavas tão feliz… Sorrías, gracejavas dizendo que vinham ter contigo homens tão jovens e bonitos, contavas quantos convidados se reuniam na tua sala não assim tão grande… E queixavas-te de que eu não te tinha avisado da vinda dos convidados e não poderias obsequiar-nos com o teu prato coroado – feijão em panela de barro… E eu pensei na altura que certamente assim ganhavas tempo para te preparares melhor para o encontro propriamente dito.

E agora voltarei novamente ao passado…

Vanga: De onde és?

B. A.: De Moscovo.

Vanga: Como estão lá? Gostaria muito de te interrogar como deve ser sobre a Rússia, mas já não tenho forças, esta maldita perna não para de doer… Eh, não faz mal, passará, noutra ocasião falaremos disso.

B. A.: Certamente se cansa, tia Vanga? Tanta gente vem ter consigo, e nós viemos de tão longe.

Vanga: Não te preocupes, alegro-me por terem vindo. Afinal também eu sou humana, gosto de convidados. Conversaremos, verão Vanga, ela pode dizer-vos também qualquer coisinha… Se não, pelo menos fica-vos uma fotografia de recordação, e verão a igreja, quanto trabalho, que coisa foi até ficar pronta…

B. A.: Sim, a igreja é bonita, diferencia-se das outras.

Vanga: Quantas preocupações tive com os padres por causa dela… mas isso são coisas nossas, búlgaras, melhor falarmos das mundiais.

Travou-se uma longa conversa amigável. No início, as perguntas eram feitas por Vanga, e o convidado respondia – exato, circunstanciado. Assim comunicaram cerca de duas horas. De repente, Vanga, com um suspiro profundo, perguntou-lhe se tinha memorizado tudo sobre o que tinham conversado, porque Boika tem o hábito de gravar, mas desta vez nada sairá da gravação. E imediatamente explicou porquê – é trabalho dela, de Vanga, apagou tudo e não porque tivesse dito seja o que for de especial, mas porque está convencida de que ele memorizará cada palavra.

Fiquei espantada – quando liguei o gravador, após as palavras “Bem-vindos” instalou-se silêncio total. Até então nada parecido acontecera com as minhas gravações. Bem, as fotografias saíram, nelas, graças a Deus, nada faltava, Vanga poupara-as…

Ao despedir-se, convidou B. A. a visitá-la novamente, disse que também ela com prazer lhe faria uma visita e ofereceu-lhe um ícone da Virgem Maria, desejando saúde e felicidade à criancinha que estava para nascer.

Com B. A. encontrámo-nos novamente um ano e meio depois. Recordámos a nossa viagem a Rupite, Vanga… Quando se falou de que eu estava a escrever um livro, manifestou disponibilidade para me ajudar se surgissem problemas na edição.

Pouco antes de nos separarmos, disse-me que fizera tudo o que Vanga lhe pedira, mas para grande pena já não havia a quem entregar o

prometido. E eu pensava como ela se alegraria por ele cumprir tão escrupulosamente tudo. A julgar pelo que se via na televisão e se lia nos jornais, ele não esquecera o conselho dela: “Não se deve derramar sangue nem cheirar a pólvora – grande é a dor disso.”

A primavera precoce de 1996 foi muito tensa para Vanga – à primeira vista parecia que tudo estava calmo, que nada de extraordinário acontecia. Mas na realidade, até tarde da noite chegavam carros a Rupite e travavam-se longas conversas. Vanga a ninguém recusava, continuava a ser uma anfitriã hospitaleira – também ela queria conversar com os convidados sobre as coisas da vida, sobre como as pessoas tinham mudado, sobre a sua igreja, o que ainda havia a fazer. Preocupava-se cada vez mais com a saúde, mas essa parecia ficar apenas como preocupação dela… Não parava o fluxo daqueles que vinham pedir ajuda.

Mais de uma vez fui testemunha de como ela, com cólera, perguntava aos que vinham ter com ela se não tinham vergonha, se não tinham temor a Deus…

Mas evitava intrometer-me, escondia os meus pensamentos, calava-me.

Quando não precisavam dela, os políticos contornavam Rupite e Petrich, demasiado ocupados com os assuntos de Estado, mas se os seus amplos horizontes se entupiam com nuvens escuras de alguma preocupação oficial ou pessoal, logo se infiltravam como sombras na casa dela.

Vanga: No que estás a pensar tanto, do teu pensar não vem proveito. Já te disse – a política e a enxada não são para ti.

B. Cv.: Como sabes no que estou a pensar?

Vanga: Está-te escrito. Não podes arranjar o mundo, Boike, têm de passar anos para que aconteça aquilo em que pensas.

B. Cv.: Pode ser que tenhas razão, mas eu não te atrapalho, pois não – simplesmente penso em coisas para as quais, ao contrário de ti, nem sempre tenho resposta.

Vanga: Não te atormentes a cabeça… Antes vê o que se passa com esta perna… Eu sei que devia passear mais, mas este maldito tempo…

B. Cv.: Encontrar-se-á, se tu quiseres encontrá-lo.

Vanga: Tu pensas assim… Antes conta-me algo novo, mas que seja interessante.

B. Cv.: Quase não há nada de novo – talvez só que os nossos homens de Estado voltaram a zangar-se uns com os outros.

Vanga: Tens razão, também se vê pelos preços. Meu Deus, a que ponto chegámos – olha o preço do iogurte, e o pão… Afinal ele é tudo, como hão de os velhos como eu passar com uma pensão?

B. Cv.: Não sei, procuro seguir a regra de ouro – não me meter em política, e para enxada não sirvo… Para tudo as pessoas no mundo têm maneiras civilizadas.

Vanga: Também tu te tornaste importante, também tu começaste com discursos… Deixa os outros em paz, vamos cuidar do nosso país – afinal sabes que primeiro o homem deve construir a casa, depois arrumá-la, e só então recebe e despede convidados, mas deve-lhe sobrar tempo para o trabalho.

Quase não se acredita – quantas vezes falámos disso, de maneira complicada, enredada, e agora disseste-o tão simplesmente – apetece escrevê-lo e dá-lo aos jornalistas…

B. Cv.: Não pensas no país, caso contrário só para presidente…

Vanga: Por acaso foste tu que decidiste candidatar-te?

B. Cv.: Ah, ah, não quero, senão talvez deixes de me receber… nem penses…

Vanga: Meu Deus, meu Deus, que coisas dizes tu… – riu-se de coração.

– Pode ser que não te receba, sei ao que estás a insinuar. Porque, quando se tornam importantes, geralmente não ligam a nada, como se não fôssemos pessoas. Mas o nosso povo também é parvo, embora eu goste tanto dele. Alguém disse que nas eleições venceriam uma mulher loira e não sei que homem, e começou tudo… Procuram-nos a todos, emparelham-nos… É assim que se faz política? Volto a dizer-te – não é só aparecer na televisão…

B. Cv.: Sei por que estás assim, no teu lugar eu reagiria da mesma maneira. Certamente te magoou que, quando veio a Petrich, o presidente não tenha passado por tua casa – simplesmente para conversarem, como pessoas, e não sobre política.

Ela ficou em silêncio por algum tempo, e depois mostrou-me o que é o verdadeiro respeito e o sentido de dignidade própria.

Vanga: São assuntos de Estado… Não veio, ótimo, bastam-me aqueles que vêm… Antes falemos de outra coisa, para rirmos: veio ter comigo um deputado com umas beldades e quer que eu lhe leia o futuro. Ouvi-o, ouvi-o, e depois disse-lhe: “Ainda és jovem, és jovem.” E ele nem percebia, continuava com a dele. Meu Deus, quando comecei com ele: “O que pensas tu, que como estou em Rupite, não sei de nada? Tu nunca passaste fome, falas muito – mas são sempre palavras vazias, olha quantas mulheres andam à tua volta!” Ora, adivinhas quem era?

Não era difícil perceber – eu conhecia bastantes deputados populares, e exatamente sobre os problemas deste falava-se bastante – as preocupações dele estavam sempre ligadas quer aos novos processos democráticos, quer à procura de um lugarzinho no estrangeiro, mas que fosse mais quente.

B. Cv.: Parece que todos os teus visitantes começaram a partir para o estrangeiro – e sempre para algum bom posto… Como fazes essas coisas?

Vanga: Queres dizer que me tornei conselheira de alguém? Não, não, Deus me livre!

B. Cv.: Sabes, há muito que te quero perguntar uma coisa?

Vanga: Pergunta!

B. Cv.: Como é que o teu nome está na boca de toda a gente quando acontece algo importante, não só na política, mas, digamos, também no desporto.

Vanga: Parece que gostam mais de mim do que de ti… (Depois destas palavras, rimo-nos as duas…) Assim lhes convém, quando não conseguem safar-se, o mais fácil é justificarem-se com as palavras: “Assim disse Vanga.” Lembras-te quando discutimos sobre aquele livro – o autor escreveu, escreveu, mas agora nem ousa passar por perto de mim, e afinal ele também estava na política.

B. Cv.: Sim, é verdade, só peço-te que não tentes desviar. Sempre se comportaram assim contigo, mesmo quando publicamente te negavam, tenho razão?

Vanga: Era assim antes, e é agora… Quem não quer saber mais sobre si próprio? Afinal também eles são pessoas, embora sejam

políticos, eles até mais do que os outros vão ter com gente como eu, ouvi dizer que muitos os mantêm mesmo ao seu lado.

B. Cv.: É verdade, muitos se rodeiam de videntes, sensitivos e outros semelhantes, mas podem eles comparar-se contigo?

Vanga: Sim, houve e haverá pessoas que verão o futuro.

B. Cv.: Está bem, então diz-me quem escolheremos para presidente depois de Jelev?

Ela calou-se, abanou a cabeça e, como sempre, quando queria evitar a resposta, mandou-me ir à igreja – acender uma vela ou passear por aí, e depois talvez voltássemos a conversar.

Mais de uma vez, com ou sem motivo, iniciávamos conversas sobre política, assim como sobre as pessoas que se destacam nesse campo. Por vezes, especialmente nos últimos meses de vida de Vanga, quando ia ter com ela cada vez mais frequentemente por causa da deterioração da saúde dela, assim até preenchíamos o tempo enquanto os médicos faziam o seu trabalho.

B. Cv.: Dizem que vieram ter contigo uns russos – para perguntar quem seria o novo presidente deles.

Vanga: Dói, doutor, não toques nessa perna. O que achas, doutor, aquele que vai ser presidente dos russos, também lhe vai doer a perna como a mim?

Doutor: Não sei! Eu não me meto nessas conversas.

Vanga: Tens razão, mas vou dizer-to a ti, e não a Boika. Este ano haverá eleições em dois grandes países – na Rússia e naquele, como era mesmo…

Fingiu que se esforçava por lembrar o nome do país, mas não conseguia.

Vanga: Já não me lembro de nada… Mas uma coisa sei – os nomes dos dois presidentes começarão com a mesma letra.

B. Cv.: Disseste isso aos russos?

Vanga: Não, porque esses russos de que pensas não vieram, mas que esses dois serão eleitos pela segunda vez – isso digo-te, para me deixares em paz e ires plantar as tuas arvorezinhas e flores, porque vão murchar, choram por ti.

B. Cv.: Até o meu carro chorava por mim, mas que adianta – já não o tenho, roubaram-no. Por isso não digas que elas também choram por mim, não vá acontecer o mesmo.

Vanga: Vão pegar, tu tens mão leve, mas a do doutor é ainda mais leve.

B. Cv.: Deixa, afinal é doutor para nos aliviar, e além disso somos amigos.

Lembrei-me novamente desta nossa conversa só depois das vitórias eleitorais de Boris Iéltsin e Bill Clinton, quando ambos obtiveram o segundo mandato para governar os seus grandes países. Quando uma vez, por acaso, me encontrei com um dos médicos e nos pusemos a falar de Vanga, ele perguntou-me:

1. E tu, desde quando sabias que os reelegeriam?

2. Não sabia nada, simplesmente Vanga disse o que ouviste tu também. Sei que não acreditas muito em mim, mas é assim.

3. E quem vencerá as eleições cá?

– Quando desenvolver o dom dela, dir-to-ei, mas por enquanto não o tenho. E além disso não sou politóloga, sou psicóloga…

A resposta claramente não lhe agradou, mas eu não gosto de falsear a alma.

Parece que ele contou esta conversa a alguns conhecidos comuns, porque de vez em quando reparava que me olhavam de maneira especial. E o que lhe podia eu dizer? Mesmo que soubesse a resposta, por razões compreensíveis não tinha qualquer direito de me alongar sobre o assunto.

Vanga dizia-me frequentemente: “Olha para os dedos da tua mão – quando ficarem todos iguais, então também as pessoas – na política e na vida – ficarão iguais.” Não esquecerei também a frase que li num jornal: “No funeral de Vanga, os únicos casuais eram os políticos.”

NOS LABIRINTOS DO DESCONHECIDO

Em vez de espinho crescerá cipreste; em vez de urtiga crescerá mirto…

Mais de uma vez escutei as minhas gravações, revi as cassetes de vídeo e as fotografias e, no meio desse mar de informação sobre Vanga, sentia-me como se vagueasse por labirintos infinitos, sem saída. E por vezes, quando fechava os olhos, tinha a sensação de estar num país encantado de parques sombrios e castelos antigos, onde vagueiam fantasmas, cheira a misticismo e a algo tão estranho e desconhecido, tão distante para nós, pessoas da época atual…

Certamente já perceberam por que parei neste título – Vanga era realmente como um labirinto que muita gente tentou percorrer, mas geralmente revelava-se uma tarefa impossível. Depois de alguém se esfalfar a tentar resolvê-lo, depois de todo o esforço despendido, ficava novamente sozinho com as suas hipóteses sobre esse fenómeno excecional.

E afinal – quem é Vanga:

1. um toque contínuo ao mundo do desconhecido;
2. a mulher-mensageira de outra civilização;
3. o raio de luz que chega às profundezas dos segredos e enigmas mais íntimos da humanidade;
4. uma ponte entre o mundo dos vivos e dos mortos;
5. um super-humano que supera as barreiras do tempo e do espaço?

Ou talvez para ela essas barreiras simplesmente não existissem? Mas se continuar os meus raciocínios no mesmo espírito, dificilmente encontrarei a saída do labirinto. O que disse certamente aplica-se não só a mim, mas a muitos outros que tentaram explicar o dom clarividente dela. E alguns, após o insucesso, frequentemente começavam a negar o fenómeno, porque assim lhes era mais fácil. Quantas vezes tive de discutir com pessoas que apontavam sempre os mesmos argumentos: “Vanga obtém informação de ti, por isso, se puderes, esvazia tudo da tua cabeça, liberta a consciência e só então faz-lhe perguntas – sem a preparares tu própria.” E o que aconteceria se eu tivesse agido assim? Havia outros que me diziam: “Simplesmente tens uma abordagem errada, e ela conhece-te bem e adivinha muitas coisas.”

Poderia concordar com os céticos, mas primeiro queria que me explicassem o caso daqueles a quem Vanga conhecia, e via pela primeira e última vez, sendo que essas mesmas pessoas tinham por vezes viajado milhares de quilómetros para chegar até ela – também sobre eles sabia algo previamente, ou obtinha informação como fazia comigo? Ou que me explicassem como ela estabelecia contacto com as almas dos mortos.

E eis o que me disse, para me trazer de volta às dimensões da realidade, o meu antigo professor, professor de psicologia: “Só a ti te parece que tudo isso é muito misterioso.”

Como lhe explicar que o que me emociona não é tanto o mistério, mas a fenomenalidade do fenómeno, cuja existência real entre nós nos dá a possibilidade única de espreitar os labirintos do desconhecido e do não estudado. É verdade que podemos perder-nos nas suas malhas, mas é preciso procurar e é melhor perder-nos uma ou duas vezes do que construir castelos de areia. Na minha opinião, a pessoa não só deve ler tudo o que foi escrito sobre esses fenómenos, mas é imprescindível tentar também por si própria observar atentamente o que acontece, tentar captar o momento. Porque sempre diante do olhar pode revelar-se algo novo, algo invulgar – assim nos aconselhava também Vanga.

Vanga: Sei o que queres. E não só tu. Vêm, perguntam, tentam filmar, gravar… Ora, e então, se eu quiser, apago tudo, se quiser – falo, que escrevam. Para que é tudo isso, diz-me! Não são poucas as minhas dores? Não sou como vocês, culta, não consigo responder a tudo sozinha, e às pessoas, sabes, digo apenas o que lhes pode ser dito.

B. Cv.: Sim, e depois afirmas, claro com razões sérias, que a nossa civilização ainda está na infância.

Vanga: É mesmo assim.

B. Cv.: Então revela-nos o teu segredo, ajuda-nos a compreender em que consiste ele pelo menos em algumas das tuas capacidades.

Vanga: Eh, não, esforcem-se vocês mesmos, e se tiverem sorte – avisem-me.

B. Cv.: Desde que falamos contigo, quanto mais tempo passa, mais me convenço de que estamos longe de desvendar o teu segredo. Não é fácil contigo – mal chegas a tatear alguma conclusão mais definida e tu de repente viras tudo do avesso.

Vanga: Não és só tu, mas os outros escrevem e calam-se, acreditam que compreenderam e desvendaram tudo – não acredites neles nem um pouco.

B. Cv.: E como interpretar aqueles fenómenos para os quais simplesmente não há explicação?

Vanga: Do que falas?

Imediatamente começo a pensar febrilmente no que lhe dizer, para conseguir arrancar alguma coisa.

B. Cv.: Ora, por exemplo, sei não só de ti, mas também das outras mulheres com quem estiveste, como ias ao mosteiro de Rojen.

Vanga: Pois, eu vou lá frequentemente.

B. Cv.: Naquela vez em que aconteceu o seguinte: todos estavam na igreja, e tu ficaste na relva a apanhar sol. Depois vieram ter contigo a tia Tsetsa de Vratsa e Tsena – esperavam pelas outras. De repente, debaixo da terra, ouviu-se o balido de um cordeiro. Há testemunhas, dessa vez não foste só tu que ouviste. O que dizes disso?

Vanga: Sim, foi assim, as mulheres perderam a cabeça e a fala, e eu disse-lhes: “Não tenham medo, mulheres… falam comigo, e se vos disser quem – vai repetir-se.” Mas só Tsetsa se acalmou e permiti-lhe fazer um kurban.

B. Cv.: E com quem era a conversa?

Vanga: Com Jesus.

B. Cv.: E agora diz-me como hei de descrever isso?

Vanga: Ora, como o ouviste de mim e das outras.

B. Cv.: Está bem, então diz-me como conversas com a Virgem Maria em casa, em Petrich.

Vanga: Muito simplesmente – eu pergunto, ela responde-me.

B. Cv.: Tens a certeza de que falas exatamente com ela, não duvidas que as respostas sejam tuas?

Vanga: Se não acreditas em mim, não tenho nada para te dizer. Ora, queria dizer-te uma coisa, mas vocês não acreditam em nada… Ora, se não existisse a Virgem Maria, eu falaria com ela, ela dir-me-ia onde o que acontece, e tu estarias agora lá, na Rússia.

Zangou-se e ensombreceu… Claramente tinha perdido um momento precioso, dificilmente voltaria a ter uma oportunidade tão boa.

Vanga: Como nada me dirias que, quando vou à fortaleza de Samuel, não ouço os soldados de Samuel gemerem! Pelo contrário, pelo contrário… Enganas-te, Boike, eu vejo e ouço tudo, só que vocês não conseguem compreender, porque veem apenas o que é construído de pedra, e o passado distante, a história… O que entendem vocês de tudo isso?...

B. Cv.: Tu falas frequentemente com os mortos, descreves muitos pormenores cuja veracidade é confirmada pelos seus familiares.

Vanga: É assim, os mortos vêm ter comigo e vão-se embora. Não sou só eu que o consigo, há outros como eu que conversam com eles.

Escutava-a e acreditava em cada palavra dela, tentava reprimir o meu materialismo, eliminá-lo. Claro, opositores quantos quiserem. Mas por que negar uma capacidade assim? Se pensarmos, poderíamos defini-la também como uma variante da clarividência, como acesso à "fotografia" do falecido, guardada talvez numa espécie de base de dados cósmica. Pessoalmente, interessa-me o ponto de vista daqueles cientistas e teólogos que, na essência, reconhecem a importância das visões de Vanga.

Segundo a afirmação do professor Charles Reichert, que dedicou mais de trinta anos ao estudo de um vasto espetro de problemas metafísicos, os fantasmas são entidades que continuam a existir após a morte do corpo físico. Este cientista está convencido de que os médiuns possuem o dom de os ver.

O doutor Norman Peale, um dos pastores conhecidos e respeitados nos EUA, por sua vez diz: "Em vão temem a morte!" Em 1953, no "Reader's Digest" foi publicada o artigo dele "Não há morte", que literalmente abalou os espíritos do seu rebanho. Eis o que mais escreve: "Acredito que, mesmo após o que chamamos morte, a vida continua. Acredito que o fenómeno tem dois aspetos: a nossa existência atual e o outro ser, que continua depois disso. O Novo Testamento ensina-nos que a vida é eterna…"

Quantas vezes Vanga repetia o mesmo, e quando já sabia que estava incuravelmente doente e em breve nos deixaria, como tentava apenas incutir-no-lo a mim e a Mitko: "Não tenham medo, eu voltarei a Rupite." Mas eu continuo a dizer a mim própria que a Profetisa fechou os

olhos para sempre e partiu de entre nós juntamente com a Morte de branco, legando-nos bastantes coisas em que nos poderíamos apoiar, se tentássemos compreender o que queria dizer-nos, para nos abrir os olhos.

Infelizmente, ela deixou este mundo e como um fenómeno que assim permaneceu não estudado como devia, como um enigma para os psicólogos. Por que então, no hospital, a interrompia, não a deixei dizer-me tudo o que queria? Cumpria rigorosamente as ordens dos médicos, e ela – abatida, exausta, tentava sempre tirar a máscara de oxigénio e falar – mencionava o lugar para onde ia, os seus entes queridos que a esperavam lá, no além. Escutava-a e pensava na tese do doutor Raymond Moody, de que quando passa a "barreira", a alma se encontra com as almas de pessoas com quem foi próxima durante a vida terrena… E antes de partir para a sua última viagem ao além, Vanga comunicava com as almas não só dos seus entes queridos falecidos, mas com inúmeras outras almas que não paravam de vir ter com ela.

No hospital havia momentos em que eu estava sentada na cadeira ao lado da cama de Vanga e distinguia as vozes de todos os presentes, mas ao mesmo tempo sentia que estava juntamente com Vanga – algures lá… onde reinam a beleza e a harmonia… Estremecia e pedia a alguma das enfermeiras que verificasse as minhas reações, pois o toque das mãos humanas fazia-me regressar daquela distância para onde Vanga me levava, para me mostrar para onde ia, para me dar a possibilidade de me integrar no novo mundo que se revelava perante ela, de espreitar a grande casa branca no meio do deserto e ver os seus mais próximos, mais queridos pessoas…

Escutava a voz dela de olhos fechados, e os médicos diziam: "Ela precisa de descansar um pouco." Mas quando ela mais uma vez começava a falar do mundo além desconhecido para nós, todos os médicos de serviço na sala escutavam com o fôlego suspenso esse relato incrível, comovente.

Consegui registar tudo em que Vanga me iniciou durante essas horas, todas as suas orientações. Quase continuamente, enquanto estava ao lado dela, segurava a mão dela na minha… E a cada momento que passava sentia cada vez mais agudamente quão próxima e querida ela me era. Não há memórias mais pesadas do que as ligadas às últimas horas antes da separação. Despedi-me da pessoa que muitas vezes me

introduzira nos labirintos do desconhecido, mas que assim permaneceu para mim um segredo do ser não totalmente desvendado, espantoso…

Em 1984 comecei a interrogá-la persistentemente sobre aquela coisa na atmosfera da Bulgária, cuja aparição criava uma espécie de barreira entre a Terra e o Cosmos. Na altura já se falava e escrevia bastante sobre isso. Não sei qual era a explicação dos cientistas, mas eis o que me disse Vanga.

Vanga: O novo virá, muito novo haverá, mas primeiro as pessoas não acreditarão… Passarão anos e aceitá-lo-ão… Não se deve rejeitar a verdade, e tu lê e trabalha menos, mais tarde terás proveito por seres culta. Lembra-te: haverá suficiente tanto de bom como de mau, pode o mau ocupar mais lugar do que o bom e só a vós, pessoas, vos é dado trocar-lhes os lugares.

B. Cv.: E o que me dizes sobre os Sete Lagos de Rila? Afinal agora são cada vez mais objeto de investigação…

Vanga: Para que os investigam? Antes pensem por que Dănov ia lá tão frequentemente – eis a resposta. É um cantinho paradisíaco na Terra, é a nossa ligação com o Cosmos, mas as pessoas compreenderão tarde.

Posteriormente, mais de uma vez tentei discutir este tema com colegas, mas eles com um sorriso desviavam a conversa para outra direção. Certamente naqueles tempos isso era normal, mas apenas alguns anos depois, cá, como cogumelos após uma chuva outonal abundante, proliferaram “pessoas com outras possibilidades”, como é costume dizer-se, só que até então tinham mantido em segredo os seus dons ou não suspeitavam da existência deles.

Na minha memória gravou-se também outra coisa dita por Vanga nos dias antes da sua morte, que nunca esquecerei: «As nossas montanhas e lagos são sagrados como os da Índia, só que o nosso povo não o compreende… Virá, porém, o dia em que virão ter connosco de todo o mundo e absorverão energia, como eu em Rupite.» Estas palavras soaram como uma mensagem, como um legado e, na minha opinião, chegou o momento de transmitir esta mensagem, impregnada de otimismo – tal como era a profunda essência humana da própria Vanga.

O LEGADO DE VANGA

- Vanga predisse o eclodir da Segunda Guerra Mundial.
- Indicou a data exata da morte do czar búlgaro Boris III.
- Predisse que os comunistas chegariam ao poder – basta recordarmos a sua breve, mas muito eloquente constatação, de que viria o dia em que «hasteariam a bandeira vermelha sobre o seu reino».
- Vanga predisse não só que em Skopje haveria um terremoto catastrófico, mas conheceu também as desgraças que ele traria – muita dor, muitas vítimas.
- Predisse também o terremoto em Vrancea, na Roménia – que foi sentido com grande força entre nós.
- Mais de uma vez acertou em que partes do mundo haveria secas ou inundações, nesses casos geralmente dizia: «Isso não pode ser evitado!»
- Predisse a vitória eleitoral na Índia do partido de Indira Gandhi, tem uma profecia dela também sobre a morte de Indira Gandhi, assim como dos dois filhos dela.
- Bastante tempo antes da dissolução da União Soviética, a Profetisa viu a divisão iminente, ligada ao aparecimento no cenário político de um homem com uma marca.
- A muitos políticos predisse corretamente o que o futuro lhes traria.
- Bastante antes de se aproximar o período de dois anos por ela indicado (1995-1996), Vanga avisava que sobre a Bulgária pairava a ameaça de escassez de trigo devido a seca e baixos rendimentos.
- Avisava também do iminente crescimento avassalador de doenças do cérebro, que como um caudal de ervas daninhas, brotado de chuvas torrenciais, empurrariam as pessoas muito longe do desejo de autoaperfeiçoamento ou, mais exatamente, precisamente para o oposto – assassinatos, suicídios e perversões monstruosas. Para grande pena, isso já é um facto triste, sobre o qual se poderia falar bastante.
- Vanga predisse os acontecimentos na antiga Jugoslávia.
- Havia uma profecia dela de que na Chechénia se derramaria sangue.

• Predizia o agravamento do problema da água não só na Bulgária, mas em escala global. Há muito tempo dela foram proferidas palavras proféticas: «Se nada mudar e as pessoas permanecerem as mesmas, virão tempos em que a água será mais cara do que o ouro.»

Vanga: Virá o tempo em que os afortunados, aqueles que ficaram vivos, usarão utensílios de ouro, ao comerem e beberem.

B. Cv.: Ora, também antes havia esses ricos, há-os agora, embora sejam um punhado de pessoas.

Vanga: Eh, isso é outra coisa… esse tempo ainda não chegou. E aqueles de que falas… que Deus não permita que permaneçam os mesmos, se não se humanizarem, contorcer-se-ão em agonia diante dos olhos das pessoas comuns, porque também elas estarão possuídas pela loucura diabólica.

Muitas das predições de Vanga já são facto, e as revelações sobre o que trará o futuro visitavam-na dia após dia, ano após ano. Só ela sabia quanto lhe pesava sentir a dor alheia, não dormir à noite, sozinha com as suas terríveis visões de derramamentos de sangue iminentes e da sua colheita monstruosa – que cruz pesada, que destino pesado para uma pessoa como ela, que odiava a violência com toda a alma…

• Vanga predisse a guerra na Síria.

• Prognisticou também o desenrolar dos acontecimentos na Nicarágua.

• Mencionou também, durante a conversa com um jornalista, aquilo que aconteceu no Líbano, e quando um conhecido cientista russo lhe perguntou se era verdade, ela acenou silenciosamente com a cabeça em sinal de concordância.

• Antes do aparecimento da SIDA, Vanga mencionava mais de uma vez que se espalharia uma nova doença – ela tornar-se-ia a peste do século XX e as pessoas dificilmente encontrariam remédio contra ela.

• Há muitos anos dela foi expressa a opinião de que, apesar das predições de Nostradamus, no ano 2000 não haveria dilúvio, mas a Profetisa sempre avisava que as pessoas começariam a morrer – a própria terra cuidaria da restauração do equilíbrio perturbado.

• Sobre as consequências do acidente de Chernobyl, ela cortou: «Muita dor, muitos lenços pretos haverá.»

• Mais de uma vez avisava das grandes mudanças que se aproximavam na natureza – das inundações, das catástrofes naturais, dos vários cataclismos. A explicação dela para as causas era simples e inequívoca: «Vocês vão contra a natureza, por isso ela procura maneiras de se preservar e proteger, e disso sofrerão as pessoas.»

• Vanga predisse também a chegada do período das guerras locais, que segundo ela não terão fim – indicava concretamente alguns dos conflitos, nomeando nomes de países ou regiões.

Meses antes da morte dela, perguntei-lhe o que aconteceria com a Rússia, e ela desenhou um grande círculo e disse: «Quando te perguntarem a ti também, diz-lhes que eu te respondi assim à pergunta.»

• Pressentiu os acontecimentos em Moscovo e uma semana antes do início deles pediu-me que regressasse imediatamente à Bulgária. Eu, porém, não a ouvi e assim tornei-me testemunha dos distúrbios, o que depois do meu regresso da Rússia nos deu a ambas rico material para conversas.

• Vanga predisse que se aproximariam China, Índia e Rússia.

• Mais de uma vez repetia que a pequena Bulgária seria cortejada pelas grandes potências – disse-o repetidamente e nos últimos dias da sua vida.

Em julho de 1996, Vanga pediu que levasse até ela a esposa de um nosso político. Além de tudo o resto, a Profetisa disse-lhe também o seguinte: «Não se preocupem, depois do Ano Novo será terrível, bastante terrível, mas não se chegará a pólvora e sangue.»

• Vanga predisse os acontecimentos em Sófia junto ao edifício da Assembleia Nacional.

• A Profetisa afirmava que à Bulgária cabe percorrer um caminho pesado, doloroso, mas o nosso país avançará. Dizia: «Virão tempos terríveis, as pessoas parecer-se-ão com feras, irmão matará irmão, esperem roubos e assaltos, haverá grande luta pelo poder…»

• Mais de uma vez avisava sobre Satanás, sobre o facto de que ele ainda mostrará do que é capaz, dizendo que começarão a tornar-se cada vez mais visíveis os traços da sua presença. A todos aconselhava que lessem o Apocalipse de João.

• Embora negasse a chegada de um dilúvio universal no ano 2000, mencionava que da face da terra desaparecerá primeiro um dos países

árabes, e afundar-se-á também uma grande cidade, mas segundo ela isso não acontecerá em breve.

Por mais que perguntasse de que cidade se tratava, porque isso é muito substancial: pela importância, a predição dela pode comparar-se à profecia de Nostradamus sobre o dilúvio, ela nunca quis dizer-me mais nada, apenas confirmava que mantinha a sua afirmação à sua maneira – com um aceno de cabeça.

- Não passou despercebida também a perigo das buracos de ozono na atmosfera – Vanga avisava também sobre isso.

- Ainda antes do voo de Gagarin, ela falava mais de uma vez sobre o facto de que as pessoas viajarão pelo Cosmos, onde as espera uma missão importante. Dizia também que haverá muitos cosmonautas, embaixadores da Terra.

Predizia que haveria grande progresso, depois de a América e a Rússia começarem a colaborar nesse campo. Aqui gostaria de notar que ela gostava muito de Iúri Gagarin. Mais de uma vez mencionava isso nos encontros com o ator Viatcheslav Tikhonov, o escritor Valentin Sidorov, Liudmila Jivkova e outros, que ele está vivo, mas as pessoas não compreendiam o que realmente queria dizer. «A alma dele está viva, quantas vezes veio ter comigo… Vem ter comigo alguém do grande país, e ele – ei-lo, está diante de mim.»

- Sabia também quando partiria deste mundo. Sobre isso fala de forma inequívoca o que dela foi dito, antes de partir de Rupite para o hospital – estava certa de que essa viagem seria a última. Todos ficámos então abalados com as palavras dela.

- Vanga afirmava que aparecerá um novo ensino espiritual e graças a ele as pessoas conseguirão purificar as suas almas, resta apenas aparecer o homem que o espalhará pelo mundo inteiro. Descrevia-o como jovem, belo e forte homem.

Não se pode deixar de acreditar nas predições dela ou pelo menos devemos escutá-las, porque mais de noventa por cento já são realidade.

A minha esperança é que os nossos descendentes sejam testemunhas da realização do bom que foi predito por Vanga, e quanto às previsões terríveis – que Deus permita que ela e os outros grandes profetas reconhecidos se enganem. Acontece que até os grandes se enganam…

Julho de 1992. Uma vez, a propósito de uma das perguntas que lhe fiz, Vanga disse-me o seguinte:

– Ouve e lembra-te bem. Sei que há anos gravaste tudo – guarda-o bem! O que vais ouvir agora refere-se não só a ti, mas a todas as pessoas.

– O homem é aquilo por que se tem. Se conseguir mudar para melhor os seus pensamentos, mudará toda a sua vida.

– Se o homem sabe o que quer, consegue muitas coisas.

– Deve amar-se a si próprio e tudo ao redor – nesses tempos difíceis isso é o mais importante.

– Além disso, o homem deve ser grato a Deus pela ajuda nos momentos difíceis, pela sabedoria a que deve os seus sucessos.

– Primeiro deve exigir de si próprio, depois – dos outros, porque, se tu não compreendeste aquilo que devias compreender, o que falar dos outros?

– Não lute com os tolos – eles não são assim tão terríveis, não tente mudá-los ou ensiná-los. Muito mais terríveis são os meio-tolos… Esses podem fazer coisas que agitem todo o povo. (Quando ela me falava dos tolos e dos meio-tolos, perguntei a mim própria por que calava aqueles que não cabem nessas duas categorias. Passou muita água desde então, mais de uma vez tive de lidar com os tipos das duas variedades por ela mencionadas, até compreender quão profundo sentido tem esta recomendação dela.)

Vanga sentia infalivelmente o meu estado de espírito, captava a mais pequena mudança nele e frequentemente repetia:

Vanga: Sei que te é difícil. Mas não és só tu. Vocês repetem sempre: «É impossível…» Se quiserem conseguir algo na vida, não digam mais essa palavra. O homem é guiado pela sua vontade. Se não existisse ela, a vontade, certamente nem eu já existiria. Se decidires escrever sobre as nossas conversas, diz isso a todo o custo.

Quando Vanga me dava os seus conselhos e orientações, fazia-o com o desejo de que se tornassem de domínio público.

– Quando falares dos outros, tem cuidado – não sabes como serão transmitidas as tuas palavras… por vezes uma palavra dita fora de lugar

transforma amigos em inimigos. Por causa de uma palavra até guerras se travaram.

Vanga: O homem deve resolver sozinho as suas preocupações. Olha quanta gente vem ter comigo. Claro, que Deus lhes dê saúde, mas são muitos aqueles que em vão percorrem tanto caminho e gastam dinheiro e nervos, esperam na fila. E aquilo por que vieram, podem resolver sozinhos. Vêm, perguntam… E pessoas comuns, e conhecidas – políticos, diplomatas. Quantos nomes te poderia enumerar, mas a "fofoqueira" escreve.

B. Cv.: E então, que escreva. Afinal a ti nada te custa apagar a gravação. E a mim seriam necessários bastantes esforços para restaurar o que me dizes, de memória, se é que conseguiria fazê-lo. Quanto às pessoas que vêm ter contigo, às suas preocupações e problemas, na minha opinião sempre cumpri a regra: «O silêncio é ouro.»

– Deve haver paz na Terra, tranquilidade, as pessoas devem entender-se umas às outras. E o que acontece? Todos correm… apressam-se… não têm paz, esforçam-se por enriquecer… É assim que se faz comércio, é assim que se acumulam dinheiros?... Eh… é uma coisa complicada.

– Não se deve apressar, o trabalho apressado, afinal conheces… mais devagar deve ser… mais devagarinho…

– O homem deve usar razoavelmente as suas forças.

– Não te coloques tarefas inexequíveis, deves saber qual é para ti, e qual não, senão terás de te arrepender.

– Não prometas, se não tens a certeza de que o cumprirás, porque a dor que causarás a outro, mais cedo ou mais tarde voltará a ti.

– Não te sobrecarregues desnecessariamente – o homem não deve sobrecarregar-se.

– Reza a Deus e pede apenas tanto quanto precisas.

– Não deve haver brigas e discussões – cada um quer lidar com pessoas normais.

– Mais frequentemente ponham-se perguntas a vós próprios e tentem encontrar a resposta sozinhos – terão maior proveito.

– Se estás de visita ou noutro lugar onde vais pela primeira vez, tem cuidado com o teu comportamento, para não ofenderes alguém, porque palavra dita – pedra atirada.

E aqui perguntei a mim própria por que me dizia tudo isso, de onde lhe vinham à mente esses pensamentos.

Vanga: Ora agora novamente te transportas para algures, e eu falo para teu bem… ouve Vanga… e quero que os outros também o aprendam…

Sim, talvez não valha a pena atormentar a cabeça com todas essas questões irresolúveis… E eu preferi ouvir o que me dizia, tudo me parecia completamente compreensível, simples. E mesmo assim só depois de Vanga ter partido deste mundo, compreendi plenamente algumas coisas do que me foi dito então. Teria sido preciso perguntar, e sobre muitas coisas…

– As pessoas mudaram. Estão dominadas por raiva, dúvida, desejo de vingança. Porquê… para quê… Se assim continuar, a que ponto chegaremos? Devemos perguntar a nós próprios e responder honestamente – senão, lembra-te disso, mentimos a nós próprios, e não a outro.

B. Cv.: Sabes que há cerca de um século foi feita a descoberta de que nos pensamentos humanos está inerente o desejo de se realizarem? E agora, no fim do século, é novamente o mesmo?

Vanga: Diz-mo mais simplesmente, eu não sou culta como vocês. Quem procura o bem – encontra o bem. E aquele que tem em mente o mal – encontrará o mal.

Ora, estás satisfeita com a resposta?

Agora, quando escrevo estas linhas, sinto como em mim renasce novamente o espanto perante a sua sabedoria. Como ela sempre conseguia chegar à essência, como se tivesse atrás de si anos de estudo e prática, como se tivesse lido inúmeros trabalhos de psicologia. Na realidade, a ela simplesmente não era precisa a ciência. Ela própria era uma ciência inteira – uma ciência incrível, infinitamente sábia…

Não esquecerei como uma vez cheguei até ela cansada, e terrivelmente zangada por causa de um pequeno artigo sobre nós as duas. Entrei em casa, e Vanga disse-me:

Vanga: Por que estás tão zangada? Afinal tens cabeça sobre os ombros – se decidires fazer algo, fazes… e tens inteligência, e sabes ouvir.

Quantas vezes te disseram que te corre bem porque eu te ajudo. Sim, mas não é assim… Olha, é verdade que a ti uma palavra que te digam – e corres – procuras, ages. Eh, estranhas são essas pessoas… corre-te bem porque Vanga está ao teu lado, e tu já nem tempo tens para telefonar, estás sempre ocupada. Do avião – e direto até mim, mas para alguns isso é todos os dias… Para esses tenho o meu ditado: «Para um as uvas são doces, e para outro… as mesmas uvas são azedas…»

Após cada nossa conversa, tinha o hábito de abrir os meus livros e procurar a lição do enésimo ensinamento recebido dela…

Mais de uma vez em mim nascia a sensação de que ela sabia tudo o que até agora foi escrito sobre a atividade mental. Tomemos o que escreve sobre o pensamento positivo Joseph Murphy: «O pensamento errado é o principal mal, responsável por desperdiçarmos em vão a nossa energia.» E também José Silva em todos os seus livros repete mais de uma vez que com negação não se deve começar nem uma frase.

Vanga, claro, não lera nada sobre o assunto, mas sabia tudo, e à sua maneira orientava-nos a seguir o mesmo caminho.

A Profetisa deixou-nos em tempos de grave crise – tanto moral como material, porque os nossos políticos de alto nível de todas as cores e matizes, parece, interessavam-se apenas pelo que os afetava pessoalmente.

É ao mesmo tempo pena e triste que, quando Vanga nos deixou, parecesse que não estávamos preparados para essa separação, vivíamos com a sensação de que ela estaria sempre ao nosso lado, ajudar-nos-ia nos momentos mais difíceis. Pensávamos que a Profetisa era um fenómeno nosso e talvez por isso a amasse e respeitasse todo o povo búlgaro.

E aqui sublinho, o enterro dos seus restos mortais não significa o fim de Vanga – connosco continua a viver a sabedoria por ela legada.

E a moral legada. E são um património demasiado valioso, desde que consigamos aproveitar-nos dele, absorver o potencial nele depositado.

Vanga deixou-nos também um exemplo de verdadeira diplomacia, que é algo demasiado escasso e necessário para os nossos detentores do poder, e para cada um de nós.

Deixou-nos a sua humanidade.

E a sua mensagem: «Devem escrever a verdade, só a verdade.»

Deixou-nos também um grande pedido seu – pôr fim ao ódio, porque senão não haverá salvação para nós.

Muitos sabem quão profundamente a Profetisa acreditava em Deus, daí vinha também a sua alta moralidade. Por isso parece-me que, se refletirmos cuidadosamente nas suas últimas palavras e orientações, talvez um dia sejamos regiamente recompensados – talvez consigamos evitar a grande desgraça, pondo fim à mentira e aos outros vícios, superando a ambição pelo poder e a corrupção.

O fim aproximava-se e Vanga proferia as palavras com crescente dificuldade.

Via que as suas forças estavam a esgotar-se, por isso pedia-lhe que descansasse, que se poupasse. E ela disse-me:

Vanga: Ouve, Boike… diz às pessoas a verdade… toda a verdade sobre mim, sobre Vanga, e sobre aqueles que estiveram ao meu lado…

B. Cv.: Sim, fá-lo-ei, e agora descansa.

Vanga: Ai, dói, dói… os estrangeiros como se fossem nossos, e os nossos – como estrangeiros.

Depois destas palavras, virou a cabeça para a parede e ficou longo tempo em silêncio, e depois voltou a falar.

Vanga: De onde veio esse diabo… por que conquista tão rapidamente as almas das pessoas… Certamente ele é mais necessário para elas do que Deus…

B. Cv.: Não devemos julgar as pessoas. Como hão de acreditar em Deus de repente, quando durante tantos anos nos afastaram Dele, e agora também…

Vanga: É verdade… O diabo instalou-se até nos nossos santos padres… por isso dividem tanto o povo, despedaçam a alma – em quem acreditar? O que não lhes agrada na minha igreja? Ou pensam que eu também sou Satanás?..

B. Cv.: Não, simplesmente não conseguem compreender que fizeste um bem para o povo. Construíste um templo que não tem igual, nem que seja por teres deixado lá o teu coração. Mas as pessoas acreditam em ti.

Vanga: Sim, sabes, vêm também estrangeiros… e eles também acreditam em mim.

B. Cv.: O mundo inteiro acredita em ti, não ligues à nossa confusão búlgara.

Vanga: Não te ouça eu dizer isso outra vez! Para o bem ou para o mal, és búlgara… nunca o esqueças.

B. Cv.: Está bem, tens razão. Diz-me, existe diabo e como nos libertarmos da influência dele.

Vanga: Existe, como não havia de existir! Lembra-te… e escreve! Eis: o amor transforma-se em ódio, o bem – em mal… a paz vira guerra… as pessoas só se amam a si próprias… Haverá justiça? Que com a ajuda de Deus as pessoas compreendam… quanta dor lhes traz o cornudo… e que o expulsem.

B. Cv.: Dificilmente então no mundo haverá só bondade, paz, amor, desinteresse, justiça! Não discuto contigo, tu vês melhor a verdade, mas também eu vejo que as pessoas com dificuldade renunciarão a certas coisas. Para quê fazermos belas ilusões, quando há crianças que sofrem de fome, e algumas pessoas sofrem de estômagos após excessos de comida e bebida.

Vanga: Aí tens razão… Mas hás de saber que o tempo bom virá… embora nós não o vivamos… E lembra-te: «O que semeares, isso colherás.»

B. Cv.: É verdade, mas também aqui se pode discutir: por acaso colheste o que semeaste?

Vanga: Sim, sim, as pessoas amam-me e são-me gratas… E quanto àquilo… que não tenho… eu sei-o. Mas assim me estava escrito… Lembra-te das minhas palavras… vou dizer-te mais uma coisa e não me contradigas… Vais discutir com Vanga?

B. Cv.: Não, para mim a tua palavra é lei e tu sabes-o.

Eis o que me disse então, cada palavra dela está registada no meu diário:

– Faz o bem e atira-o ao mar – ele próprio encontrará o caminho de volta e regressará a ti.

– A mulher é o espelho do homem, a casa é o espelho da mulher, os filhos são o espelho de ambos.

– Não julgueis o vosso próximo. Deixai isso a Deus, que Ele julgue as pessoas pelos seus erros.

– Quem dá, ficará com as mãos cheias, e aquele que só quer receber – com as mãos vazias. O pé que pisa, seca.

– O sábado é o dia dos mortos. Não marqueis casamentos ao sábado.

– Lembrai-vos de que o homem propõe, e Deus dispõe.

– Honrai e respeitai os mortos, acreditai em Deus, cumpri a lei.

– Espera dos outros o mesmo que fizeste por eles, é exatamente assim, fica a saber por mim.

– Cada um pode pensar o que quiser, mas tu és obrigado a verificar mais frequentemente os teus atos e ações.

– Cada um escolhe sozinho as suas provações, para expiar os seus pecados. Pensas que as pessoas sofrem só porque têm de sofrer?

– Quem rouba, um dia será roubado.

– Quem odeia, não pode deixar de provocar ódio contra si.

– Quem passou toda a vida assim, a sua alma não terá paz, ele atormentar-se-á e torturar-se-á… Quanto a mim, a minha alma está tranquila… E lembra-te ainda de uma coisa, e já o disse a outros: não podes enriquecer em Rupite, esse dinheiro absorveu a dor e o sofrimento humanos. Por isso o juntei e construí uma igreja, entreguei-o nas mãos de Deus, para que sirva às pessoas, quando eu partir. Não enganas Vanga, não penses que não sei o que se passa ao redor! Enganas-te…

Vanga era uma pessoa sábia por natureza. Quando olho para o passado próximo e distante, não posso deixar de recordar que ela mais de uma vez sofreu por causa dessa qualidade que lhe era inata e que

algumas pessoas consideram fraqueza – Vanga respeitava as pessoas e tinha cuidado para não as magoar sem motivo. Porque ao redor dela por vezes desencadeavam-se paixões que não se podem chamar elevadas – travavam-se disputas e lutas pela supremacia entre próprios e estranhos. E Vanga queria muito pouco dos outros: ouvir deles a verdade…

E a verdade sobre a própria Vanga ainda está por ser procurada pelos descendentes.

Enquanto a minha tarefa é reler as minhas notas, ouvir novamente as minhas gravações, para não perder algo, porque neste momento são importantes as palavras de Vanga, aquilo que ela disse. E só isso…

Sim, ela tinha razão em exigir de mim que cumprisse exatamente as suas recomendações, porque ao contrário de muitos a Profetisa nunca falava por falar.

A este propósito lembro-me do seguinte. Telefonaram-me da televisão, porque para mim os encaminhara o presidente da fundação «Vanga», na qual também participo – ele sabia que eu me cingia rigorosamente às recomendações médicas, e não assumiria a responsabilidade de permitir filmar um filme sobre uma pessoa tão doente, mesmo que fosse Vanga… Acho horrível transformar em espetáculo os últimos dias de um moribundo… e respondi de consciência. De Rupite apoiaram-me: «Certo, Boike, nada de filmes!» E nessa mesma noite, por acaso, liguei a televisão e ouvi o chilrear da apresentadora do hospital: «Diga algo também por mim…» Simplesmente não tenho palavras nem forças para escrever mais sobre isso…

Dizem que não podes ser canonizada como santa grande-mártir, porque no quadragésimo dia não foi observado brilho sobre a tua sepultura. E haverá necessidade de te canonizarem, quando a memória de ti de qualquer modo permanecerá nos corações e mentes das pessoas. Talvez um dia o sol da alegria ilumine a nossa pequena Pátria, o brilho dessa alegria que predisseste para os seus futuros. Se não provocarmos a ira do destino e de Deus, talvez esperemos a luz de que falavas…

No fim do ano em que foi inaugurado o templo e instituída a fundação com o seu nome, cada vez mais via no rosto dela cansaço, notava um desejo de isolamento que cada vez mais a dominava. E então decidi que chegara o momento de Vanga descansar, já se esforçara suficientemente pelo bem das pessoas, tinha direito a pensar também

em si própria, a passar os dias que lhe restavam em silêncio e tranquilidade.

Não realizara ela o sonho da sua vida – devolver tudo o que recebera das pessoas, novamente a elas. Pensava que uma vida tão justa e pesada, dedicada aos outros, lhe dava direito a uma velhice tranquila.

Era tempo de parar de receber, e simplesmente alegrar-se com a vida, rodeada das pessoas que lhe são próximas, que a amam…

MAIS UMAS QUANTAS PALAVRAS SOBRE VANGA

– Discute-se quando exatamente nasceu a Profetisa: uns afirmam que a 31 de janeiro de 1911, outros consideram como data de nascimento 3 de outubro do mesmo ano.

Ela dizia assim: «Que discutam, e nós respeitaremos as duas datas. As pessoas vêm felicitar-me…»

– Discute-se também sobre o tornado, de onde veio, como tudo aconteceu – a este respeito há tantas suposições e conjecturas que se poderia escrever um livro inteiro.

– Vanga nasceu prematura de sete meses, deixando a escolha de viver ou não à vontade de Deus. Se sobrevivesse – sobrevivia, se não – assim lhe estava escrito.

– Tinha doze anos quando a atingiu a desgraça – sobre ela e mais duas crianças abateu-se o tornado, que a levantou no ar e a levou.

– Segundo os cientistas, nessa localidade é impossível a ocorrência de fenómenos naturais semelhantes.

– É, porém, indiscutível o facto de que, em consequência do acontecido, que obviamente não foi casual, Vanga perdeu a visão.

– A morte da madrasta de Vanga pôs fim ao ensino na escola para cegos em Zemun, assim como à amizade dela com Dimitar, filho de pais abastados. A frágil rapariga foi obrigada a regressar a casa em Strumica, onde lhe estava destinado provar toda a amargura da vida de órfã pobre.

– Começou a ter sonhos proféticos e a prever eventos isolados, mas ainda não era aquela Vanga de que depois se falaria pelo mundo inteiro.

– O segundo momento na vida de Vangelia, que representa um estranho enigma: estava à morte, quando de repente curou-se como por

milagre. A partir de então começou a ajudar as pessoas com os seus conselhos e predições.

Antes do próprio início da Segunda Guerra Mundial, Vanga adoeceu de broncopneumonia. A família era miserável, por isso deixaram o destino da rapariga nas mãos da Providência: se sobrevivesse, glória a Deus, se morresse – assim lhe estava escrito…

(Mais de uma vez a interroguei sobre este caso, mas ela evitava dizer-me o que quer que fosse, apenas abanava a cabeça…)

Se seguirmos o curso dos eventos, podemos chegar à conclusão de que o primeiro momento nodal foi o acontecido em 1923 – o tornado do qual sofreu Vanga. O segundo momento é essa cura invulgar, que as pessoas interpretam de maneiras diferentes, e por fim vem a incrível manifestação do dom clarividente.

– Até ao fim dos seus dias Vanga permaneceu um enigma para a ciência, mas se analisarmos cuidadosamente os factos da vida da Profetisa, vêm à tona bastantes eventos caracterizados pela presença de uma particular regularidade, embora à primeira vista tudo possa parecer casual. Para aí aponta também a resposta de Sai Baba a propósito da carta de que já se falou…

– Após a morte de Vanga começará a discussão também sobre o número dos seus casamentos.

É cómico, mas as pessoas são curiosas sobre coisas assim. A resposta é categórica: teve apenas um marido e mais de uma vez me contou quanto tempo e forças lhe foram necessários para provar que também ela podia ser boa dona de casa. Os anos passavam, Dimitar entregou-se à bebida e isso tornou-se para ela grande preocupação e dor.

– Via de que morreria, falámos longamente com ele sobre tudo… – partilhou uma vez com dor. – Prometia sempre, mas eu sabia que o alcoolismo o acabaria. Adoeceu gravemente, vinham médicos, tiravam o líquido que se acumulava no estômago dele. Como não os implorei que o ajudassem! Uma vez até meti a mão no balde, para ver se me acontecia algo. (Vanga acenou para a mão direita.) E o médico gritou comigo! Eu calei-me, não disse palavra. Assim partiu Dimitar… Perguntava-me a quem ajudar – àqueles que todos os dias vinham ter comigo, ou à minha família.

– Não pôde ter filhos próprios e educou dois alheios, um rapaz e uma rapariga – para ter com quem trocar boa palavra.

Durante uma das nossas conversas, a Profetisa deixou escapar:

– Criei duas crianças, Veneta era assim tão pequenina (mostrou com a mão), e Dimitar veio já grande. Dói-me que nenhum dos dois tenha tomado o meu nome… queria muito que vivêssemos em harmonia, em concórdia…

E calou-se.

(Do momento em que a Profetisa adoeceu, quanto mais a observava mais começava a atormentar-me o pensamento de quem éramos nós todos para ela – Veneta, Dimitar, os parentes, os afilhados, os próximos, se ela não esperaria de nós outro tratamento, outro calor, outro amor.

Não se enganava Vanga, ela compreendia tudo e embora mais de uma vez tivesse ouvido dela que mãe não é a que deu à luz, mas a que criou e educou, na minha opinião esta mulher partiu com uma dor não apagada na alma.)

- É famosa o amor da Profetisa pelas crianças – fazia tudo o possível para ajudar as centenas de mulheres chorosas que vinham ter com ela pedir auxílio. Aconselhava-as, dizia-lhes a que médico ir, e ela própria realizava algum dos seus milagres, para que nascesse mais uma criancinha, que ela pudesse batizar, dar-lhe a bênção, e um dia talvez apadrinhar no casamento.

Vanga explicava às crianças quão inteligentes são, que tudo sabem e lhes é dada a possibilidade de se desenvolverem.

1. Diz-me, por que falam assim no início, ouço o balbucio deles e não compreendo nada – perguntei-lhe eu uma vez.

2. Nem a todos é dado compreender – cada criança passa por quarenta línguas, até encontrar a materna e falar nela – respondeu-me ela.

3. E por que então esquecem todas as outras, se já passaram por elas uma vez…

4. É assim, mas a língua materna renova-se facilmente, e a outra depende do lugar onde vives. Ora, eu falo turco, porque tínhamos vizinhos turcos.

5. Sim, com algumas pessoas falas em turco, se quiseres que os outros não compreendam do que se trata.

6. Não, não é assim. Simplesmente quero dar prazer a essas pessoas, e a mim agrada-me regressar ao passado.

Quando se tratava de crianças, ela recomendava mais de uma vez:

– Não mimem as crianças. Quando lhes derem algo, não permitam que o arranquem das vossas mãos.

– Também na construção do templo surgiram problemas. Não se pode dizer que os nossos sacerdotes sejam unidos – uns concordam em oficiar no templo recém-construído, outros contornam-no de longe. Mas com o tempo tudo se acomodará, estou convencida.

– Criou uma fundação que leva o seu nome – após a morte dela esta instituição herdou parte do seu património: a igreja, a casa em Rupite, e a casa dela em Petrich tornou-se propriedade da administração local. Que Deus permita que se abram as portas da casa dela, para que as pessoas possam ver tudo aquilo a que a Profetisa tocou, e, talvez, sentir a comunhão com o seu destino.

Foi necessário muito tempo para esclarecer os pormenores da vida dela, porque nem sempre passávamos o tempo sozinhas diante da lareira em doce conversa. Em casa dela não parava o fluxo de convidados – alguns partiam imediatamente, outros ficavam horas… E eu agarrava-me como afogado a palha a cada palavra dela…

Vanga não gostava de falar da sua vida, exceto se durante o dia tivesse acontecido algo que a emocionasse, para começar a contar sobre si. Havia casos em que ela própria iniciava a conversa, e depois calava-se, abanava a cabeça e distraía-se…

Em fevereiro de 1995, Vanga sentiu fortes dores na perna e começou o seu «exílio» em Rupite, de onde nunca mais saiu. As dores não a deixavam em paz e tanto se atormentara que, apesar do estoicismo que lhe era próprio, permitia-se de vez em quando gemer ou suspirar, mas só na presença dos mais próximos, que sabiam do seu sofrimento. Em dias tão pesados para ela, por vezes pedia que mandassem as pessoas que tinham vindo para que lhes lesse o futuro para a igreja, para rezarem a Deus, Ele é misericordioso e ajudá-las-á. E ela, Vanga, não poderia recebê-las, porque se cansara, e não se sentia

bem. Alguns indignavam-se por terem feito tanto caminho em vão, mas a maioria ia ao templo e obrigatoriamente acendia uma vela também pela saúde dela.

Chegou o dia em que eu, após três dias de ausência, agarrei os medicamentos que me tinham encomendado e parti para Rupite, mas logo à chegada soube que durante a noite Vanga se sentira tão mal que até perdera a consciência de dores. Sobre tudo o que aconteceu depois, já escrevi, apenas com algumas palavras repetirei: dia e noite os melhores médicos lutaram dedicadamente pela vida da Profetisa, mas não conseguiram salvá-la. A 11 de agosto de 1996, às dez horas e dez minutos da manhã, Vanga chegou ao fim do seu caminho terreno…

Parecia que toda a Bulgária viera acompanhá-la. Por ela chorava realmente todo o povo búlgaro. Flores… Inúmeras flores, que ela tanto amava… e muitas lágrimas – da alma e do coração, lágrimas sinceras…

O rosto de Vanga estava tranquilo, sereno, como se irradiasse graça… Parece que a visão que a iluminou após a morte foi bela, não a inquietava como aquelas outras visões que a atormentavam em vida…

Calemo-nos, para honrar a sua memória luminosa…

Baixa reverência pela ajuda e conselhos, Profetisa… Que o teu nome, Vangelia Pandeva Gushterova, permaneça pelos séculos…

POSFÁCIO

Nas últimas horas antes da morte de Vanga, prometi-lhe cumprir três coisas:

1. que a sua sepultura fosse junto à igreja;

2. escrever um livro sobre a Profetisa – sem invenções, sem preconceitos, honestamente; descrevê-la tal como era – uma mulher comum e uma personalidade incrível;

3. fazer tudo o que estiver ao meu alcance para a construção de um complexo monástico em Rupite – para reunir pessoas de todos os cantos, tanto para admirarem a natureza fantástica, como para se tratarem.

As duas primeiras promessas, glória a Deus, estão cumpridas. Resta a terceira. Ainda não sei como se realizará, mas estou certa de que também isso acontecerá.

Agradeço à minha família e a todos os que me apoiaram, a Tsetsa e à filha Lili, a Assen e Rossen, e, claro, à equipa que trabalhou comigo na realização deste livro.